

AVISO AO USUÁRIO

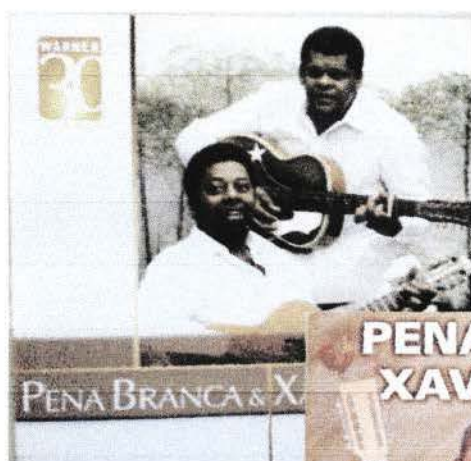
A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

As Toadas do Sertão: Música Sertaneja e Sociabilidades no Interior das Gerais vida e obra de Pena Branca e Xavantinho



Hist cultural / sertanejo

Marcos Vinicius de Freitas Reis

3702

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

**As Toadas do Sertão: Música Sertaneja e Sociabilidades no
Interior das Gerais vida e obra de Pena Branca e Xavantinho**

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em História,
do Instituto de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, com exigência
parcial para obtenção do título de
Bacharel em História, sob a
orientação da Profa. Dra. Maria
Clara Tomaz Machado.

Uberlândia, Julho de 2008

Marcos Vinicius de Freitas Reis

As Toadas do Sertão: Música Sertaneja e Sociabilidades no Interior das Gerais

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Clara Tomaz Machado – orientadora

Prof. Ms. Raphael Alberto Ribeiro

Profa. Ms. Valéria Maria Queiroz Cavalcante Lopes

Dedicatória

À Jesus Cristo, pela vida, amor incondicional a mim e a graça da efusão do espírito santo sobre a minha vida todos os dias, te amo Deus você é a minha razão de viver;

À minha mãe, agora pertence ao reino dos céus, pelo incentivo e amor sempre ao meu lado lutou por esta conquista, mãe aonde estiver eu te amo.

Ao meu pai Sebastião e minha irmã Gabriela pelo apoio nos estudos, carinho e respeito.

Agradecimentos

Durante a elaboração desse trabalho contamos com a colaboração, a boa vontade, a honestidade e o incentivo de muitas pessoas que ajudaram nesta importante conquista da minha vida como de minha família.

Aproveitamos essa oportunidade então para agradecer em primeiro lugar a Profa. Dra, Maria Clara Tomaz Machado, pelo empenho nas orientações, pelo incentivo nos estudos, correções, carinho, respeito e honestidade. Agradeço pela oportunidade tida e o amor de “mãe” recebido, concerteza contribuiu e muito para minha formação *profissional e humanística*, Deus te ilumine sempre.

Também aos amigos Dante, Felipe, Alice, Danielle, Clarissa, Carina, Fábio, Leandro, Tânia, Tiago, Stefânia, Lucas, Mônica, Adriana, Tereza, vinculados ao Grupo de Oração Universitário (RCC), pelo apoio dado nos momentos difíceis da minha vida.

À toda galera da História, pois acredito que neste cinco anos, acredito que tenho formado alguns amigos, dentre eles a Jerônima, companheira inseparável, Marlu, Mônica, Rodrigo, Floriana, Kaoenna, Priscila, Margoliner, Ludiel, Tadeu, Viviane, Jaqueline, Luciana e Leonardo.

Em agradecimento em especial à todas as pessoas que cederam entrevistas: Bolinho, Maria Aparecida, José Garcês, Osvaldo, Tarcisio, Calvino, Capitão Nelsinho, Valtinho. Ao pessoal do Arquivo Municipal de Uberlândia e o Sesc Uberlândia pelas fontes cedidas.

Resumo

O presente artigo discute a vida e obra da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho dentro do processo de modernização do país. Tais artistas são oriundos da cidade de Uberlândia, na região do Triângulo Mineiro estado de Minas Gerais, e tornaram-se sucesso de público e considerados expoentes da música raiz. O trabalho contextualiza tais personagens no cenário local/nacional e suas inúmeras vinculações com a indústria cultural.

Universidade Federal de Uberlândia

2008

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo I: Trajetória da Vida e Obra de Pena Branca e Xavantinho.....	21
1.1: Cenário Cultural de Uberlândia.....	21
1.2: Trajetória do Mundo Rural para o Urbano.....	25
1.3: Vivências em São Paulo.....	36
Capítulo II: A Inserção no Mercado Fonográfico	41
2.1: A Música Sertaneja. no Mundo Fonográfico.....	41
2.2: Pena Branca e Xavantinho e a Indústria Cultural	49
2.3: Disco e Poética: Modernidade e Tradição.....	64
Conclusão.....	75
Referencias Bibliográficas	77
Anexos	86

Introdução

A presente pesquisa se propõe a investigar, em primeira mão, a carreira musical da dupla *Pena Branca e Xavantinho*, reconhecida nacionalmente, como também analisar a sua obra – a música sertaneja, inclusive aquelas que hoje são clássicos ¹ –, enquanto parte integrante de um cenário regional do interior de Minas Gerais. Essa abordagem permite ainda avaliar a trajetória nacional da dupla no contexto das transformações socioculturais vividas naquela época por muitos intitulada um “Brasil desenvolvimentista”.

A escolha deste tema se deu a partir das leituras e discussões feitas no decorrer do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia e pela participação em eventos científicos sobre temáticas relacionadas à cultura popular, indústria cultural e, principalmente, à música sertaneja. O gosto pela vida e obra de *Pena Branca e Xavantinho* deve-se também pelo contato direto com o som da viola, por meio de apresentações músicas em shows, festas e nos programas de rádio e TV durante nossa infância e adolescência.

Assim, o objetivo dessa pesquisa é compreender a intrincada rede de relações estabelecida entre compositores, músicos, intérpretes, gravadoras, veículos de comunicação e o público da música sertaneja brasileira por meio da vida e obra da dupla *Pena Branca e Xavantinho*, cuja obra é fruto e reflexo de um país que no século XX se desenvolve, e, ao seu modo, conjuga, ao mesmo tempo, e não sem conflitos, modernização e tradição.

A escolha da dupla foi feita pela busca de encontrar uma resposta para uma das problemáticas propostas: quais fatores induziram ou permitiram a sua aceitação tanto por parte de uma platéia cult – que se identifica como uma “poética raiz”, expressa em canções de cunho folclórico, ou mesmo, da MPB por eles interpretadas –, como também por um segmento social mais vasto, identificado com a música sertaneja mais atual. No entanto, como se sabe, nem todo sucesso corresponde a uma trajetória musical isenta de sacrifícios. Neste caso, vale ressaltar o árduo caminho percorrido por esta dupla, com o apoio de ícones da MPB como Milton Nascimento, Caetano Veloso, Chico Buarque entre outros, e, além disso, os desacertos financeiros e a morte inesperada de

¹ Pode-se afirmar que esta pesquisa seja inédita, pois não existe na literatura acadêmica nenhum estudo sistemático que tenha como foco exclusivo de sua análise a dupla caipira *Pena Branca e Xavantinho*.

Xavantinho², que desestruturou todo um trabalho construído, inclusive junto à mídia e ao seu público.

A partir da vida e trajetória musical de Pena Branca e Xavantinho, a proposta deste trabalho é inquirir sobre as relações poéticas e musicais **das canções raiz** com o mercado fonográfico que, aos poucos, foram estabelecidas segundo a demanda e a *indústria cultural* – e de forma mais ampla com o rádio, as gravadoras e a TV. Relações estas que, ao colocar a música sertaneja no centro dos meios de comunicação de massa, provavelmente transformaram o seu padrão estético musical.

Como se sabe, a referida dupla gravou vários discos e participações especiais em álbuns de outros artistas, e passaram pelas maiores gravadoras do país da época, a exemplo, da Velas, Continental, Kuarup, Paradoxx, etc. Estes músicos ganharam e foram indicados a diversos Prêmios Sharp, dentre eles o de 1990 com o álbum **Cantadô de mundo afora**, e em 2001, o Grammy com o CD **Semente Caipira**, na categoria de melhor álbum de música regional, dentre outras premiações.

Desse modo, ao se propor falar destes cantores mineiros, é necessário retroceder a um determinado contexto histórico, pois como bons filhos de seu tempo, eles saem de sua terra natal em busca de seu objetivo, isto é, alcançar o sucesso financeiro e popularização de suas canções por meio de sua música, motivados por um espírito de luta que lhes é peculiar.

Pena Branca e Xavantinho vivenciaram sua infância num tempo em que o Brasil se desenvolvia. Ainda sob este viés, deve-se assinalar que o projeto de modernidade das elites políticas empresariais foi, no Brasil dos anos 1950, a sonhada utopia que permitiria aos trabalhadores e burgueses melhores condições de vida. Acreditava-se que com a inserção do país na internacionalização do capital por intermédio da industrialização, urbanização e da tecnologia, fosse possível diminuir o atraso econômico e das mazelas sociais que a população brasileira enfrentava até então.

Em virtude da industrialização, as relações entre campo e cidade foram intensamente modificadas, tendo sido aumentado significativamente o êxodo rural. Tal fato inverteu a lógica demográfica brasileira, incentivou a presença e o consumo e impulsionou a indústria cultural, entretanto, trouxe também problemas sociais e econômicos, tais como a alta inflação, o favelamento e o desemprego.

² Xavantinho morreu no dia 8 de outubro de 1999 no Hospital Nipo-Brasileiro, em São Paulo (SP), de complicações respiratórias.

Em outras palavras, neste período da história brasileira a política desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek³, colocada em prática na segunda metade de 1950 através do Plano de Metas⁴, priorizou a construção de Brasília, a nova capital brasileira, os investimentos na educação, saúde, na construção de rodovias e nos setores de alimentação e comunicação. Em resumo, o propósito do governo federal era ampliar a industrialização para a produção de bens de consumo duráveis, além de promover maior circulação do capital, de pessoas e de mercadorias.

A construção de Brasília⁵ simbolizava os novos tempos. A referida capital era apresentada no discurso das elites econômicas nacionais como um ícone progressista e dela emanaria o desenvolvimento não apenas em nível nacional, mas também a projeção internacional do país. No plano teórico Brasília foi projetada para propiciar o desenvolvimento, dificultar revoltas e promover a integração nacional. Todavia, esta região não se eximiu de contrair também os vícios decorrentes da aceleração migratória experimentada no próprio processo de urbanização então desencadeado. É assim que vê Oliveira:

[...] Dessa forma, pode se constatar que, para algumas pessoas, essa capital foi e continua sendo símbolo de esperança. Para outras, foi se transformando em símbolo de frustração: ao contrário do que foi sonhado – o sinônimo de progresso –, configurou-se como uma questão não solvida, que provocou um grande endividamento do país e exclusão social. Entre o sonho e a frustração, ela se consolida como uma cidade igual às outras existentes no território brasileiro⁶.

Diante deste cenário, a região do Triângulo Mineiro, em especial a cidade de Uberlândia, acabou por se beneficiar dos investimentos públicos e privados na construção de rodovias que ligavam o Distrito Federal aos vários estados e principais

³ A meta principal deste governo consistia em propagar o progresso econômico por meio do Plano de Metas, que preconizava como setores básicos o transporte, a energia, a educação, o alimento e as indústrias de base e consumo.

⁴ Sobre este período da História Cf: GOMES, Ângela de Castro. **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991; TREVISAN, Maria José. **50 anos em 5... a Fiesp e o desenvolvimento**. Petrópolis, Vozes, 1986; ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Consolidação, Reforma e Resistências: governo, empresário e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50**. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998; CARDOSO, Miriam Cimoneiro. **Ideologia do desenvolvimento Brasil: JK**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977; MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubitschek**. São Paulo: Brasiliense, 1981; BENEVIDES, Maria Victoria de Mespitas. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas**. São Paulo. Ed. Ática, 1992.

⁵ O projeto arquitetônico de Brasília lembra a figura de um avião, representando que o país está em pleno desenvolvimento.

⁶ OLIVEIRA, Rejane dos Reis. Brasília – Capital da esperança. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, nº 28/29, ano 14, 2001, p. 50.

portos brasileiros⁷. Neste momento, percebe-se um aumento significativo das empresas multinacionais na cidade mineira, em que há um redimensionamento e reordenamento de seu espaço urbano⁸.

Paralelo ao crescimento urbano, à consolidação do seu comércio atacadista e da criação da cidade industrial, reflexo do desenvolvimentismo e do milagre econômico brasileiro, Uberlândia vê agravada a sua situação social. De 1950 a 1980 a população desta cidade triplica, deixando explícito o aumento crescente do desemprego, da violência, do processo de favelamento, da mendicância, da pobreza que contradizia todo o seu ideal de progresso.

Uma das razões evidentes dos problemas sociais tem sua raiz na migração que não pode ser entendida apenas pelo atrativo que as cidades exerciam, mas, sobretudo, pela expansão das fronteiras agrícolas, que tem como consequência imediata a expulsão dos pequenos agricultores e na obra rural, incapaz de sustentar financiamentos bancários e tecnológicos de ponta.

É neste contexto que Pena Branca e Xavantinho⁹, oriundos da zona rural do município de Uberlândia, se instalam no Patrimônio¹⁰. E, não por acaso, este é um dos

⁷ Tal fato criou as bases para que Uberlândia, em 1965, inaugurasse o seu Distrito Industrial.

⁸ As Histórias de Uberlândia que permitem a compreensão da análise acima podem ser conferidas entre tantos em: Cf. SOARES, Beatriz R. **Uberlândia: da Cidade jardim ao Portal do Cerrado** – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH/USP, 1995; PACHECO, Fábio Piva. **Mídia e Poder: representações simbólicas do autoritarismo na política** – Uberlândia 160/1990. 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001; PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à Cidade: Experiências e luta dos ocupantes de terra do Bairro Dom Almir** – Uberlândia (1990-2000). 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001; MEDEIROS, Euclides Antunes de. **Trabalhadores e viveres: trajetórias e disputas na conformação da cidade Uberlândia** - 1970/2001. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002; SILVA, Idari Alves da. **Construindo a Cidadania: Uma análise introdutória sobre o direito à diferença**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002; REIS, Maucia Vieira dos. **Entre viver e morar: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais: Uberlândia – anos 1980/90**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003; BASTISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relação entre campo e cidade**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

⁹ Dupla sertaneja formada pelos irmãos José Ramiro Sobrinho, o Pena Branca (nascido em Uberlândia/MG, em 1939), e Ranulfo Ramiro da Silva, o Xavantinho (nascido em Igarapava/MG, em 1942). Ainda em crianças se mudam para a região de Martinésia (distrito de Uberlândia). Pouco tempo depois, seus pais compram um terreno no bairro Patrimônio, na cidade de Uberlândia, onde os irmãos vivem até 1968, quando a dupla parte então para São Paulo. Em 1980 inscreveram-se no Festival MPB Shell da TV Globo, com a música *Que terreiro é esse?*, de Xavantinho, que foi classificada para a final. No mesmo ano, a dupla lançou o seu primeiro LP: *Velha morada* (Warner), com destaque para *Cio da terra* (Milton Nascimento e Chico Buarque) e *Velha morada* (Xavantinho). A dupla participou, em 1981, do programa Som Brasil, na TV Globo, apresentado por Rolando Boldrin, com quem atuou depois em *shows* pelo Brasil. Em 1982 lançaram o LP *Uma dupla brasileira*, produzido por Boldrin, com os destaques *Memória de carreiro* (Juraildes da Cruz) e *Rama da mandioquinha* (Elpidio dos Santos). Em

bairros mais antigos da cidade, tradicionalmente conhecido como um espaço ocupado pelos negros, cuja mão-de-obra serve especialmente ao matadouro e às charqueadas ali em funcionamento. Lourenço descreve um pouco deste lugar que segregava uma parcela significativa dos trabalhadores pobres de Uberlândia:

Nessa época, ou seja, no final dos anos 1940 e começo dos 1950, a arquitetura das casas do Patrimônio havia mudado. Não havia mais mocambos cobertos por folhas de coqueiro, como os do primeiro quartel do século. As casas, a maioria delas se achava coberta por telhas de barro comuns ou mesmo telhas francesas. Ainda havia casas de adobe, mas já existiam as de tijolos cozidos. É importante ressaltar que isso não denota uma melhoria das condições de vida da comunidade, mas sim uma mudança nos costumes, talvez forçadas pela escassez de material necessário à feitura das casas à maneira antiga.

Em plena década de 1950, a população do Patrimônio não dispunha de sistema de esgoto, o que só recentemente e em parte vieram obter. Utilizavam-se das “casinhas”, que eram pequenos cubículos de madeira construídos sobre fossas, com um assoalho, no meio do qual havia abertura onde se defecava e urinava¹¹.

Nessa conjuntura, Pena Branca e Xavantinho, de uma família pobre, trabalharam em serviços braçais nas roças e na cidade, em serralherias, matadouros, dentre outros postos de trabalho assumidos entre as décadas de 1950 e 1960. Além das atividades braçais, a dupla desde criança dedicou-se à vida artística, tendo realizado apresentações musicais em diversos eventos culturais. Nestes espaços aprenderam a tocar viola e a cantar, acompanhando as Folias de Reis, os ternos de Congado, os desfiles das Escolas

1987 lançaram o LP *O cio da terra* (Continental), com participação de Milton Nascimento, Marcus Viana e Tavinho Moura, destacando-se *Vaca Estrela e boi Fubá* (Patativa de Assaré) e *Cuitelinho* (folclore recolhido por Paulo Vanzolini). Em 1988 lançaram o LP *Canto violeiro* (Continental), com participação de Fagner, Tião Carreiro, Almir Sater e outros, contendo *Mulheres da terra* (Xavantinho e Moniz). Ganharam em 1990 o Prêmio Sharp de melhor música (*Casa de barro*, de Xavantinho e Moniz) e melhor disco (*Cantado do mundo afora*). Em 1992, CDs *Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho – Ao vivo em Tatuí* (Kuarup) recebeu o Prêmio Sharp de melhor disco e o Prêmio APCA. Gravaram em 1993 *Violas e canções* (Velas), destacando-se *Viola quebrada* (Mário de Andrade). Nesse ano, os shows da dupla estenderam-se aos EUA. Lançaram ainda *Ribeirão encheu* (Velas), em 1995, com *Luar do sertão* (João Pernambuco e Catullo da Paixão Cearense), e *Pingo d'água* (Velas), em 1996, com *Tristeza do jeca* (Angelino de Oliveira) e *Flor do cafezal* (Luís Carlos Paraná).

¹⁰ Patrimônio é um bairro de Uberlândia. Desde a sua formação, que se deu no final do século XIX e início do século XX, esta região situa-se em uma área periférica, carecendo de infra-estrutura. Sua população é composta em sua maioria por moradores negros descendentes de escravos. Alguns anos atrás, o bairro abrigava matadouros, charqueadas, olarias e frigoríficos, que até na década de 1970 era uma das principais atividades econômicas da cidade.

¹¹ LOURENÇO, Luiz A. A Moradia, o Campo e a Charqueada. In: **Bairro Patrimônio**: Salgadeiros e Moçambiqueiros. Uberlândia/MG, Secretaria Municipal de Cultura, 1986. p.17.

de Samba. Muitas vezes se apresentaram em algumas emissoras de rádio locais¹² incentivados pela sua família.

Por se tratarem de pessoas pobres e negras, mesmo com relativo sucesso nas apresentações nas emissoras de rádio, os artistas não tiveram acesso às casas de show e clubes sociais de renome na cidade¹³ e muito menos aos espaços de sociabilidades acima descritos. Não conseguindo na sua cidade a consagração artística tão almejada partiram para São Paulo nos anos de 1960, na tentativa de concretizar este sonho.

A partir deste contexto, esta pesquisa que faz referência à vida e obra da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho insere a sua temática na História Cultural. Esta por sua vez propõe uma reflexão sobre a cultura como um conjunto de significados *partilhados e construídos socialmente para explicar o real vivo*. Por isso, a cultura é tanto expressão como atitude, e gestos, atuações, costumes e tradições permitem visualizar significados que podem revelar a história de sujeitos sociais até então *relegados pela ortodoxia determinista*.

Frente à complexidade das múltiplas relações que compõem o social, a história da cultura permite romper com paradigmas teóricos, cujas certezas empobreciam as análises. Por outro lado, a *ampliação do leque de sujeitos, temáticas, metodologias e fontes* conduzem a um emaranhado de caminhos e trilhas sem paradigmas teóricos rigorosos. Esta crise pontilhada de incertezas se torna ainda mais aguda quando a *sensibilidade do historiador aflora repercutindo numa narrativa que abre mão das verdades incondicionais para dar lugar a análises mais sutis, cujo resultado é considerado, quando muito, uma versão do real, entre muitas outras possibilidades*.

Não podem ficar de fora desta abordagem os conceitos que sustentam as análises e respondem às problemáticas que norteiam as temáticas pesquisadas. Por este viés, esses conceitos evidenciam categorias fundamentais à história, tais como *representação, apropriação, imaginário, narrativa/discurso, ficção, sensibilidade, recepção, alteridade*.

Nas fronteiras do conhecimento, as parcerias interdisciplinares pressupõem limites tênues entre ficção e realidade, subjetividade/objetividade, emoção/lógica, *criação/recepção, refiguração, entre tantas*. Assim, a História Cultural tem suas exigências: pressupõe um trabalho metódico de análise documental, sedimentado por

¹² Podemos citar a Rádio Educadora, a Rádio Difusora e a Rádio Cultura.

¹³ Cf. CARMO, Luiz Carlos. Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). **História e Perspectiva**. Uberlândia: Edufu, nº 24, jan/jun. 2001. OLIVERIA, Júlio César de. **O último trago, a última estrofe** – Vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. 183f. 2000. Dissertação (Mestrado) - História. PUC / SP, São Paulo, 2000.

uma interpretação capaz de revelar sentidos e significados envoltos em névoas, que, desvelados, tornam possível decifrar relações sociais tecidas no cotidiano dos sujeitos que constroem sua cultura simultaneamente às experiências vividas. Segundo Chartier:

Essa “nova história” estava, portanto, fortemente ancorada, para além da diversidade dos objetos, dos territórios e dos costumes, nos mesmos princípios que sustentavam as ambições e as conquistas das outras ciências sociais. [...] Daí resultam vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares. [...] O olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações inventivas, das condutas forçadas para as permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso à informação¹⁴.

A História Cultural elege como temas investigativos a vida cotidiana, as representações próprias de uma época, de uma classe ou de um grupo. Assim, as atitudes perante a vida e a morte, as crenças, os rituais religiosos e populares, as relações familiares, a violência, o papel das mulheres e das crianças, as formas de comunicações sociais foram consagradas como temas pertinentes à “Nova História”. Ou seja, a proposta da História Cultural seria decifrar o real por meio de suas representações, cujas formas discursivas desvelariam as maneiras pelas quais os homens expressavam a si próprios e o mundo que os cercam¹⁵.

Neste contexto de redefinição dos temas abordados é que surge a cultura popular como campo temático da abordagem historiográfica, no qual se insere nossa proposta de pesquisa.

A chamada nova história cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes “letradas”, mas revela especial apreço, tal como a História das Mentalidades pelas manifestações das massas anônimas: as festas as resistências, as crenças heterodoxas [...]. Em uma palavra, a nova história cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular¹⁶.

Sendo assim, as festas populares e religiosas, tais como as Folias de Reis, o Congado, as procissões e novenas, as barraquinhas, as festas juninas, os pagodes, o jogo

¹⁴ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

¹⁵ PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 42.

¹⁶ VAINFAS, Ronaldo. Da História das Mentalidades à História Cultural. **Revista história**. São Paulo: UNESP, v.15,1996.

do truco, as serenatas, a música sertaneja, entre tantos, passam a se constituir objetos preferidos de muitos historiadores.

De uma forma bem simples, podemos definir, em um primeiro instante, cultura popular como todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação de seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento¹⁷. Neste sentido, não podemos deixar de reconhecer a interpretação e o entrecruzamento das práticas culturais que são hoje, no século XXI, mais do que em outros tempos, facilitados pelos meios de comunicação de massa. Aos historiadores cabe compreender as múltiplas recriações que as classes populares fazem daquilo que lhes é evidenciado, sob os mais diversos aspectos, pela mídia¹⁸. Neste contexto e, especialmente tendo em vista que a música sertaneja é hoje produto da indústria cultural, não podemos desconhecer as análises críticas já produzidas sobre tal temática. Sobre a indústria cultural Teixeira Coelho afirma que:

[...] Os seus princípios são os mesmos da produção econômica: uso crescente da máquina, submissão do ritmo humano ao ritmo da máquina, divisão do trabalho, alienação humana. Sua matéria-prima, a cultura, não é mais vista como instrumento da livre expressão e do conhecimento, mas como produto permutável por dinheiro e consumível como qualquer outro produto¹⁹.

Não é nossa intenção aqui apelarmos para a crença numa cultura popular pura, intocada. Sabemos da complexidade das relações sociais estabelecidas, especialmente na América Latina, onde a modernidade só pode ser compreendida através dos vínculos que estabelece com um mundo tradicional, arcaico, cujas raízes não foram ainda dilaceradas.

É neste entrecruzar de dúvidas e desafios que propomos pensar a música sertaneja como prática cultural de um Brasil que, entre sua complexa dualidade – *modernidade e tradição* – reserva dentre os seus diversos gêneros musicais um lugar de destaque para a música sertaneja.

¹⁷ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual. In: **Cadernos de História**. Uberlândia: Edufu, n.5, jan./dez., 1994.

¹⁸ MACHADO. Op. cit. p. 37.

¹⁹ COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997; Sobre este tema cf.: COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1995; CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1989; LIMA, Luiz C. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1987.

Diante dessas ponderações, o recorte temático, temporal e espacial desta pesquisa será especificamente sobre a vida e obra musical da dupla Pena Branca e Xavantinho, tendo como problemática central acreditar que a poética sertaneja constituiu-se em importante evidência para o historiador e, nessa medida, permite não só reconstituir uma época como também compreender a intrincada rede de relações sociais estabelecidas entre compositores/intérpretes/público, o mercado fonográfico e midiático.

Para tanto, destacamos da bibliografia temática alguns autores que foram fundamentais na construção do nosso referencial teórico e da análise crítica proposta, especialmente autores que trabalham com o debate historiográfico do campo da música e da música sertaneja.

Como referência de um estudo clássico sobre a música sertaneja não podemos deixar de destacar o ensaio de José de Souza Martins, **Música sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados**²⁰, pois que foi um dos primeiros autores a introduzir na academia o interesse por tal temática.

O livro **Música Caipira**, de Rosa Nepomuceno²¹, servirá como referencial permitindo-nos situar o contexto nacional da música sertaneja. Apesar de se constituir numa obra sem uma análise crítica acerca do seu tema e de seu livro estar mais próximo do trabalho dos memorialistas que dos historiadores, a obra é hoje uma das mais completas do gênero publicadas no país.

Entretanto, análises críticas acerca da música popular brasileira serão encontradas especialmente nas reflexões de José Ramos Tinhorão, principalmente em **Cultura Popular**²² e **Pequena História da Música Popular Brasileira**²³. Reflexões pertinentes também poderão ser encontradas na obra de Waldenyr Caldas. Deste autor os livros que nos acompanharão ao longo da pesquisa serão **O que é música sertaneja**²⁴ e **Acordes na Aurora**²⁵ que de forma clara e objetiva traça um perfil da história da música sertaneja desde sua origem com as canções caipiras até as adaptações mercadológicas sofridas pelo estilo sertanejo na década de 1980. Nesta trilha, vale

²⁰ MARTINS, José de Souza. *Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados*. In: **Capitalismo e Tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975.

²¹ NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

²² TINHORÃO, José Ramos. **Cultura Popular**. São Paulo: Editora 34, 2001.

²³ TINHORÃO, José Ramos. **Pequena História da Música Popular Brasileira**: da modinha a canção de protesto. Petrópolis: Vozes, 1978.

²⁴ CALDAS, Waldenyr. **O Que é Música Sertaneja**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁵ _____. **Acorde na Aurora**. Opi. Cit.

menção o trabalho de Ivan Vilela²⁶, **A Toada de Viola**, não só por historicizar a viola enquanto instrumento, mas por situar Pena Branca e Xavantinho como dupla responsável pelo retorno desenvolvimento da música sertaneja no cenário histórico.

A dissertação de mestrado de Wolney Honório Filho, intitulada **O Sertão nos embalos da Música Rural (1929-1950)**, permitirá avaliar a intrincada relação tecida entre poetas, músicos, intérpretes, músicos e mercado cultural, pressupondo a possibilidade de, a partir da música, desvendar o contexto histórico de uma época²⁷.

De muita importância também será o artigo de Sanches Júnior Ponteio, **Na cidade: música caipira e identidade social**, no qual ele avalia a relação entre a readaptação dos contingentes de migrantes no estado de São Paulo com a música sertaneja do período – a partir dos anos 1960 – que passa, desde então, segundo Sanches, por

[...] um processo de reordenação simbólica dos valores que acabaram transformando sensivelmente a música caipira, principalmente a partir do momento em que esta se associou à indústria cultural, quando seu enfoque passou a se preocupar com novas temáticas como o saudosismo e o anti-urbanismo²⁸.

Travaglia, no artigo **Quando amor rima com dor: o discurso das músicas sertanejas**, faz uma análise de como o tema amor – entre homens e mulheres, família, do homem pela terra – se torna o mais freqüente deste estilo musical. Assim, ele busca explicar

Porque nestas músicas o amor é apresentado como fonte de dor, sofrimento, insatisfação, contrariando expectativas; perceber o universo discursivo e/ou a formação discursiva em particular que informa o discurso dessas músicas²⁹.

Bernadeli, em seu texto **Breve Histórico da Música Caipira**³⁰, faz uma síntese de como este ritmo de origem rural conquistou o espaço urbano e como a música caipira

²⁶ VILELA, Ivan. Revendo a musica sertaneja. **Revista USP**. São Paulo: PUC, n. 64. 2004/2005

²⁷ FILHO, Wolney Honório. **O Sertão nos Embalos da Música Rural (1930-1950)**. São Paulo: PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado).

²⁸ SANCHES JÚNIOR, Nelson Martins. Ponteio na cidade: música caipira e identidade social. In: **Pós-História: revista de pós-graduação em história**. Assis: v.6 – 1998 – Universidade Estadual Paulista p-231.

²⁹ TRAVAGLIA, Luís Carlos. Quando amor rima com dor: o discurso das músicas sertanejas. In: **Revista Letras e Letras**. Uberlândia: Gráfica da UFU, 3 (2), dez. 1987.

³⁰ BERNADELI, Maria Madalena. Breve histórico da Música Caipira. In: **DO leitura**. São Paulo, 10 (117) fevereiro, 1992. p. 8.

sofreu várias influências externas, entre as quais as várias limitações da indústria do disco, até se transformar em música sertaneja tal como hoje a concebemos.

Por sua vez, Ulhôa, em seu artigo **Música sertaneja em Uberlândia**, trabalha com a música sertaneja em Uberlândia, compreendendo a sua inserção no mercado fonográfico local e sua recepção, e ainda analisando as adaptações e diversas roupagens incorporadas por diversos intérpretes ao longo dos anos, dentre eles Pena Branca e Xavantinho. Segundo ela:

[...] Pena Branca e Xavantinho estavam em casa. Cantavam e se relacionavam com as pessoas que os estavam assistindo de forma bastante intimista, chamando-os pelo nome, identificando familiares presentes na platéia.³¹

Também de relevância imprescindível será uma bibliografia referente ao rádio, visto que a música sertaneja foi projetada e alcançou popularidade por meio desta nova invenção presente no cotidiano brasileiro a partir dos anos de 1930. Ainda sobre esta temática, temos a tese de doutorado de Newton Dângelo³² fornece informações sobre a radiofonia na região do Triângulo Mineiro e o contexto cultural, político e econômico, permitindo assim pensar como foi o início da carreira artística de Pena Branca e Xavantinho, e como esses cantores se relacionavam com as diversas camadas sociais e os veículos de comunicação da época³³.

Os trabalhos de Luiz do Carmo,³⁴ Oliveira³⁵ e Lourenço³⁶, acerca da História do bairro Patrimônio, trazem nuances importantíssimas para se entender as relações de trabalho e as pessoais de Pena Branca e Xavantinho nas décadas de 1950 e 1960, que não estão separadas da economia de Uberlândia e dos aspectos culturais deste bairro.

³¹ CARVALHO, Marta de Ulhôa. Música sertaneja em Uberlândia na década de 1990. **ArtCultura**. Uberlândia: Edufu, n. 9, jul./dez. 2004

³² DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001.

³³ Sobre a radiofonia no Brasil ver os importantes estudos de: Cf: DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001; GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio**. Campinas: ed. Unicamp, 1995; MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes no ar ... A Cidade e o Rádio**. Belo Horizonte: Editora Arte, 1999. DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001; MURCE, Renato. **Nos bastidores do Rádio**. Rio de Janeiro: Imesp, 1976;

³⁴ CARMO, Luiz Carlos. **Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960)**. **História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n. 24, jan./jun. 2001.

³⁵ OLIVEIRA, Júlio César de. **O último trago, a última estrofe – Vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60**. 183f. 2000. Dissertação (Mestrado) - História. PUC / SP, São Paulo, 2000.

³⁶ LOURENÇO, Luiz A. B. **Bairro Patrimônio: Salgadeiros e Moçambiqueiros**. Uberlândia/MG, Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

Vale mencionar ainda o texto **Reflexos históricos e culturais de Minas nos olhos do Eu – poético**, de Adélia Prado, por discutir a poética como forma de revelação do eu-poético do poeta do seu tempo³⁷.

Por último, perante a nossa proposta de trabalhar a música enquanto passível de análise histórica é indispensável o livro de Marcos Napolitano, **História e Música**. Nele, o autor faz uma síntese das possibilidades e limitações do historiador neste campo, esboçando possíveis caminhos a serem trilhados, e tratando a música como representação de uma realidade. A respeito dessa aventura afirma Napolitano:

A música, sobretudo a chamada ‘música popular’, ocupa no Brasil um lugar de destaque na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico regional. [...] Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música³⁸.

No que se refere à metodologia da pesquisa e às fontes documentais, optamos por privilegiar a imprensa local e as histórias locais já produzidas para construir o cenário socioeconômico e cultural no qual esta dupla sertaneja se encena. Para cruzar trajetória artística e contexto, a história oral foi de fundamental valia³⁹. Depoimentos de Pena Branca, de seus familiares, amigos, vizinhos, dos produtores culturais, fãs, locutores de rádio elucidaram a estrada percorrida por esses artistas. O levantamento e classificação de seus discos/CDs permitiram construir as veiculações da dupla com os

³⁷ SILVA, Amadeu de Mendes. Reflexos históricos e culturais de Minas nos olhos do Eu-poético de Adélia Prado. **Revista História e Perspectiva**. Uberlândia: Edufu, n. 33, 2006.

³⁸ NAPOLITANO, Marcos. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 7.

³⁹ Sobre História oral e memória cf: GUINZBURG, Carlo. A História e a Micro-História: entrevista com Carlo Guinzbug. **LPH/Revista de História de Ouro Preto**, v. 1, n. 1, 1990; PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. In: RIBEIRO, Maria Terezinha Janine e FENELON, Dea Ribeiro. **Revista Projeto História**. São Paulo: (14) fev. 1997; _____. As fronteiras da memória: o universo das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n.º 25/26, 2002. **REVISTA PROJETO HISTÓRIA. Trabalhos da Memória**. São Paulo: PUC, v. 17, 1998; _____. **Ética e História Oral**. São Paulo: PUC, v. 15, 1997; _____. **História e Oralidade**. São Paulo: PUC, v. 22, 2001; THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: (14) abril, 1997, p. 52. NOVA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, n.º10, dez. 93; HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. LE GOFF, Jacques. **Memória – História**. Lisboa: Einandi 1985. (v.1); BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003; COSTA, Cléria Botelho e MAGALHÃES, Nancy Aléssio. **Contar História, Fazer História: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001; BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). **Memória e Ressentimentos: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001; REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, História e Historiografia**. São Paulo: ANPUH, V. 25/26, 1993.

compositores, gravadoras e intérpretes da música popular brasileira. A transcrição de suas composições permitiu visualizar o elo da dupla com a realidade social da qual é parte inequívoca.

Os jornais Folha de S. Paulo e Estado de Minas Gerais foram consultados para se conhecer a dimensão nacional destes músicos, inclusive ressaltando os críticos e o nível de recepção no mercado fonográfico. Ainda se deve ressaltar que fotografias, imagens de seus discos e CDs, folders e cartazes dos shows foram de imensa valia para nossas análises.

Enfim, o primeiro capítulo abordará a trajetória de vida da dupla Pena Branca e Xavantinho, ressaltando as vivências destes na zona rural e urbana, as relações de trabalho, as dificuldades enfrentadas desde a infância e a inserção destes cantores no mercado fonográfico.

O segundo capítulo enfocará os aspectos artísticos da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho, em que talvez seja possível descortinar pontos imprescindíveis do panorama musical brasileiro da época, do qual a música sertaneja é parte integrante.

Capítulo 1

Trajetória da vida e obra de Pena Branca e Xavantinho

1.1 - Cenário Cultural de Uberlândia

Nos anos 1950 o cenário cultural de Uberlândia constituía-se por casas de *shows*, bares, cassinos, cinemas, restaurantes, praças e emissoras de rádio. Como qualquer cidade do interior do país daquela época, Uberlândia possuía uma razoável rede de bens de consumo que propiciavam práticas de sociabilidades aos padrões do momento. *Inclusive, o seu cotidiano era marcado pelas notícias e programas de suas três emissoras de rádio. Aos fins de semana, com frequência, durante os passeios às praças, podia se ouvir as retretas da banda de música, assistia-se ao culto religioso, às sessões de cinema, culminando com o footing, momento em que se flertava e namorava. Ainda era comum a assiduidade apenas masculina ao estádio Juca Ribeiro, para prestigiar o Uberlândia Sport Clube.*

Aos que detinham uma boa condição financeira, os espaços de lazer se ampliavam para as visitas aos clubes sociais, como o Praia Clube, o Uberlândia Clube, o Caça e Pesca Itororó Clube e o Uberlândia Tênis Clube (UTC), para onde as pessoas se dirigiam para participar de bailes, shows, ou mesmo para a prática de esportes. Era também comum se sentar às mesas da Confeitaria da Hora, no Bar Antártica ou no Bar

da Mineira, para saborear almoços, jantares e lanches. E ainda existiam casas de jogos de azar e lupanares espalhados na cidade, frequentado principalmente pelos homens.

Espaços sociais como o Uberlândia Clube e o Praia Clube eram vistos como estabelecimentos excludentes a serviço do imaginário da classe social mais abastada, uma vez que ali se organizavam eventos culturais mediante a presença de artistas de *renome nacional e internacional* e, apenas em caráter concessivo, esses clubes admitiam a apresentação de cantores locais de grande apelo popular. Um exemplo disto é Lotinho, sambista vindo do bairro Patrimônio, que por diversas vezes se apresentou nestes clubes *em prol de seu reconhecimento e talento artístico*. Vale ressaltar que quase sempre estes shows eram organizados pela mídia local e dirigidos por profissionais responsáveis, objetivando a construção de uma imagem de uma Uberlândia idônea e competente, que fez com que a cidade se tornasse referência não só em aspectos comerciais, mas também culturalmente.

No tocante aos cinemas, dentre eles o Cine Teatro Uberlândia, é importante dizer que possuíam arquitetura moderna, poltronas luxuosas e confortáveis, amplas salas com cortinas de veludos. Esses espaços sociais, com toda sua imponência peculiar, tentando retratar a idéia de ordem e progresso exposta na bandeira nacional, eram palcos de reencontro de amigos e até mesmo de início de muitos namoros. Além disso, as próprias salas de exibição dos filmes refletiam a existência da divisão social, isto é, enquanto as melhores poltronas situavam-se à frente e destinavam-se às pessoas com elevado poder aquisitivo, as do fundo eram reservadas a negros e brancos pobres, conforme aponta Pinto:

[...] O Cine Teatro Uberlândia, com sua ampla sala, de arquitetura moderna, com linhas sóbrias, cortinas de veludo automáticas atraía não só os uberlandenses, mas também pela beleza do *Palácio Encantado* além do envolvimento com os próprios filmes.

Para compreendermos um pouco do fascínio despertado pelos cinemas, temos que levar em conta outros aspectos. Além dos filmes, com seus enredos diversos, seus astros e estrelas, havia também as associações e representações feitas a partir de suas luxuosas salas, os cartazes, e – o flerte-, a atualização com as novas tendências da moda e o ver e ser visto. Sem contar as sessões especiais, tais como: *Sessões das Moças*, *Sessões dos Operários*, *os Vesperais Dançantes* e as solenidades que eram ali realizadas que acabavam por atrair as pessoas para uma sociabilidade continuam⁴⁰.

⁴⁰ PINTO, Luziano Macedo. “Matinee”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40. **História & Perspectivas**, Uberlândia n. 14/15, jan/dez. 1996, p. 121.

Estabelecimentos como cassinos, bares, lupanares, em virtude do processo de reordenamento urbano e manutenção da ordem e dos bons costumes, foram transferidos para áreas periféricas. Isto para se compor uma cidade “limpa”, e não associar valores imorais às pessoas da elite. Em outras palavras, os referidos lugares estando afastados do centro da cidade poderiam ser assim freqüentados tanto por ricos como por pobres, sem prejudicar a imagem falsamente higienizada da elite dominante, posto que apesar de “impróprios”, tais logradouros eram assiduamente visitados por sua clientela:

[...] Em suma, misturando interesses especulativos e estratégias de planejamento urbano as elites locais, conectadas a um projeto nacional pautado no ideário burguês do progresso, do embelezamento e da limpeza, procuraram a todo modo higienizar a cidade, delimitando para tanto o lugar de cada um e de cada coisa nesse espaço social. Os efeitos dessa “higienização” urbana recaíram, dentre outros, sobre as “filhas da Eva” e os boêmios mais sensíveis, como Anísio, que viam naquilo tudo uma “coisa agressiva, abusiva e sem sentido”. Talvez por saber ou mesmo intuir que, com o fechamento das últimas portas daquelas casas de tolerância, estaria se encerrando um ciclo de vida e também da cidade. Um período marcado por pequenas derrotas e omissões, é verdade, mas igualmente uma fase exuberante, pontuada de grandes espetáculos, mulheres bonitas, camaradagens, diálogos intermináveis com amigos e mulheres no interior dos bordéis, momento de solidão amenizados e adocicados pela aguardente e pelo frescor inebriante daqueles corpos noturnos. O que aos atos administrativos do poder público municipal, as reuniões solenes da Câmara, a indignação das famílias, os interesses empresariais, os editoriais e reportagens dos jornais locais não conseguiram abafar foi o insuportável “mau cheiro” de Almíscar que o fechamento da zona boêmia na área central fez exalar por toda a cidade. Pois o desmonte da referida zona fez com que os antigos rendez-vous se dispersassem, segundo um jornal, pelos “quatro cantos da cidade”⁴¹.

Nos anos 1960 são inauguradas duas emissoras de televisão, a Triângulo e a Paranaíba, com as mesmas diretrizes dos veículos radiofônicos. Em suas programações eram veiculados programas jornalísticos, musicais e de auditório, que enfocavam principalmente aspectos da região. Essas emissoras de TV, por serem ligadas às classes dominantes, preconizavam uma grade de programação voltada para a construção de uma Uberlândia bela, industrializada, ofuscante das adversidades e de sujeitos não incorporados.

[...] Por outro lado, as emissoras de TV Triângulo e Paranaíba, claramente alinhadas historicamente ao regime militar, [...] o controle sobre os veículos de comunicação escrito, televisivo e radiofônico,

⁴¹ OLIVEIRA, Júlio César de. **O último trago, a última estrofe** – Vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. 183f. 2000. Dissertação (Mestrado) - História. PUC / SP, São Paulo, 2000.

permitiram que, aos poucos, fossem sendo criadas imagens recicladas das práticas autoritárias historicamente utilizadas por estes segmentos. Ao mesmo tempo, foram vetadas, pela censura exercida pelos editorialistas desses meios, quaisquer manifestações que contrariassem as estratégias de marketing político destes. Revelou-se, nesse momento, o extremo autoritarismo dos veículos de comunicação de massa instalados em Uberlândia. À semelhança do que ocorreu pelo país afora, com outros veículos de comunicação ⁴².

Ainda neste âmbito cultural, em que Uberlândia é considerada por muitos cidade grande e moderna, a imprensa escrita, especialmente, o jornal *Correio de Uberlândia*⁴³, historicamente porta-voz do ideário burguês, noticiava também os shows ocorridos no Praia Clube, Uberlândia Clube e Cajubá, retratando, de forma edulcorada, a imponência desses estabelecimentos no cenário local. Ou seja, para ratificar a imagem cultural de Uberlândia, teve-se a idéia de divulgar que esta cidade abrigava diversos eventos culturais de projeção nacional, bem organizados e com artistas reconhecidos.

[...] A grande atração do II Festival de Música do Século, que vem sendo promovido em Uberlândia, pela Secretaria de Cultura, será realizado na noite do próximo dia 27, domingo. No Ginásio do Uberlândia Tênis Clube, que recebeu o nome do Deputado Homero Santos, estará se apresentando a partir das 20:30 horas, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, que tem agora na sua regência titular, o Maestro Ayirlton Escobar⁴⁴.

A imprensa escrita também se dinamiza com a inauguração de um novo jornal, *O Primeira Hora*, com pretensões de alcance nacional em contraposição ao provincianismo dos demais existentes. Tal veículo de comunicação, portador oficial da democracia participativa de Zaire Rezende⁴⁵, objetivava uma interlocução até então desconhecida que divulgasse os feitos dessa gestão.

No que tange aos espaços para apresentações teatrais, de dança e shows diversos, pode-se dizer que foram ampliados, entre eles a adaptação do antigo Cine Vera Cruz em teatro, inicialmente denominado Vera Cruz, e posteriormente Grande

⁴² PACHECO, Fábio Piva. Mídia e Poder: representações e símbolos do autoritarismo na política em Uberlândia (1960-1990). *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: EDUFU, n. 30 – Ano 15, p. 30.

⁴³ Circulavam neste período jornal *Primeira Hora* e o *Triângulo*.

⁴⁴ CONCERTO da Orquestra Sinfônica no II Festival de Música do Século XX. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, p.6, 26 abr. 1986.

⁴⁵ Zaire Rezende, político ligado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), exerceu o cargo de deputado estadual por várias vezes a partir da década de 1980 e inclusive o de prefeito de Uberlândia.

Otelo⁴⁶. Pela expressiva visibilidade conferida pela imprensa local, podemos citar também o Teatro Rondon Pacheco, que foi palco de espetáculos majestosos, colocando em evidência o nome de artistas de renome nacional e internacional.

[...] Esta noite, a partir de 21 horas, no Uberlândia Clube, o consagrado humorista Jô Soares, estará apresentando o espetáculo "Viva o Gordo e Abaixo o Regime", onde ele, além do humor, canta, dança, toca instrumentos e apresenta personagens do cotidiano do mundo artístico, em imitações inéditas, nunca apresentadas antes pela TV ou outros espetáculos anteriores. "Viva o Gordo e Abaixo o Regime" é sem dúvida o maior record de bilheteria do teatro brasileiro, sendo também, um grande sucesso em relação à crítica especializada, com mais de mil e duzentas apresentações⁴⁷.

1.2 - Trajetória: do mundo rural para o urbano

A dupla caipira Pena Branca e Xavantinho é um exemplo de consagração no cenário musical brasileiro, devido aos vários prêmios ganhos e músicas de sucessos executadas até hoje nas diversas emissoras de rádio. Dentre as premiações mais importantes da dupla está o Grammy Latino de 2001, com o álbum **Semente Caipira**, e vários prêmios Sharp conquistados na década de 1980.

No decorrer de sua trajetória artística, Pena Branca e Xavantinho passaram pelas maiores gravadoras do país, a exemplo da Paradoxx, Continental e Kuarp, interpretando músicas da MPB, clássicos sertanejos, composições de Xavantinho e várias canções folclóricas. Tinham parceiros em seus trabalhos artistas como Inezita Barroso, Milton Nascimento, Fagner, Renato Teixeira, entre outros que os ajudaram a se tornar uma das maiores duplas caipiras no cenário musical brasileiro, servindo de exemplo para que novas duplas sertanejas surgissem no mercado fonográfico.

Ricardinho, em seu site, aborda a importância da dupla para o cenário musical brasileiro, salientando que ela é uma das responsáveis em preservar o estilo caipira, por apresentar temáticas voltadas à nostalgia da vida no campo:

A excelente dupla caipira autêntica que "uniu dois mundos" de nossa Boa Música Brasileira e com total harmonia: além de contar com a

⁴⁶ A mudança do nome do Teatro Vera Cruz para Grande Otelo ocorreu com o intuito de homenagear o artista uberlandense. Otelo foi ator, cantor e diretor de filmes de expressão nacional e internacional.

⁴⁷ HOJE, Viva o Gordo. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p.3, 17 jun. 1982.

admiração do público que aprecia a Moda de Viola, corajosamente ousaram e foram bem-sucedidos em interpretar uma versão totalmente original e pessoal do "Cio da Terra" de Milton Nascimento e Chico Buarque, uma composição musical que aparentemente "não tinha nada a ver com o repertório Caipira Raiz", no entanto, a bela melodia que já fazia sucesso na MPB tornou-se um "Clássico do Repertório Caipira", agradando aos dois públicos que, antes, ou não conheciam a dupla, ou não conheciam a composição de Chico e Milton⁴⁸.

A figura abaixo mostra a originalidade dos artistas, que sempre nas suas apresentações vestiam-se de branco, para simbolizar a paz, e a viola, cantando em terça as diversas modas e canções da MPB características de suas obras.



Figura 1: Fotografia da dupla Pena Branca e Xavanticinho

Pena Branca (1939) e Xavanticinho (1942-1999), criados no município de Uberlândia, na região de Martinésia⁴⁹, deparando com uma divisão social na cidade, são forçados a residir em áreas periféricas. Os irmãos passaram boa parte de suas vidas no bairro Patrimônio, que na época carecia de infra-estrutura, como a de falta de luz elétrica, água potável e rede esgoto.

Carmo no seu artigo para a Revista História e Perspectivas mostra o descuido das autoridades públicas nas décadas de 1950 e 1960, com relação ao Patrimônio, situação que fazia com seus seus moradores vivessem em péssimas condições:

⁴⁸ www.boamusicalicardinho.com.br. Acessado em 23-04-2008.

⁴⁹ Em 1926, é criado o Distrito em Uberlândia, cujo nome é Martinópolis. Em 1943 foi mudado para o nome de Distrito de Martinésia. Principal atividade econômica é a agricultura. Martinésia é um dos quatro distritos que compõem o município. São também distritos: Cruzeiro dos Peixotos, Miraporanga e Tapuirama.

[...] O bairro Patrimônio, nas décadas de 40, 50 e 60, do século passado, além do descaso do poder público municipal no tocante à infra-estrutura urbana, contava ainda com a presença do Ribeirão São Pedro que, ao transbordar de suas águas, dificultava a comunicação das pessoas ali residentes com o restante da cidade. Entre outros fatores, isso fez com que o bairro permanecesse, por tempos, com um reduzido número de interações e alterações culturais, num ritmo diferenciado dos demais locais, onde as famílias negras pobres sofriam o assédio da indústria imobiliária que se formava e buscava espaços para morar próximos ao centro da cidade⁵⁰.

Mendonça⁵¹, amigo da dupla Pena Branca e Xavantinho e residente na sua infância no bairro Patrimônio, nos apresenta em seu depoimento as precárias condições de vida desta localidade naquele tempo:

[...] Todos nós aqui, o Patrimônio era um bairro praticamente zero da cidade né, um bairro muito pobre, pessoas humildes né, luta pela vida, pelo trabalho, lutando pelo suor e pra conquista o pão de cada dia, era um bairro até o início dos anos 1970 não tinha ainda rede esgoto, né não tinha asfalto, e tinha uma pequena escolinha lá e a no Patrimônio ao lado das casas populares onde aprendi meu primeiro bê-á-bá, foi ali, ao lado das casinhas populares e o Pena Branca e Xavantinho deve ter estudado nessa escola também, eu não posso afirmar agora, mas tava sempre ali com a gente, Pena Branca e Xavantinho o pessoal da Folia de Reis, e tem mais um outro artista cantora muito da voz famosa, do Patrimônio não sei o nome dela agora, vou ficar devendo este nome, mais cantava muito bem, cantava na igreja e cantava também nos programas de calouros lá no nosso Patrimônio”.

[...] A gente morava numa chácara perto do Matadouro Municipal foi criado ali entre a chácara do Matadouro e a chácara da colina, onde hoje é o Cajubá, o Clube Cajubá, naquela área ali, o Pena Branca morando no Patrimônio os pais deles muito amigos da minha família né, já tinha parentes, os pais deles tinham tocado no casamento da minha mãe e fomos criados juntos ali no Patrimônio e muitas vezes eu flagrava o Pena Branca e Xavantinho de madrugada 6:30 hs, 7 hs da manhã indo lá pra trabalhar no serviço deles de chapa né, chapas de carregar caminhão, transporta no carregamento de arroz, né acho Arroz Vitória, na firma que eles trabalhavam, foi naquela e outras mais.⁵²

Pena Branca e Xavantinho são provenientes de uma família negra de sete filhos, e residiam numa casa pequena, composta de poucos quartos e uma sala conjugada com a cozinha e onde também faltava o acabamento nas paredes, o que expunha seus

⁵⁰ CARMO, Luiz Carlos. Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). **História e Perspectiva**. Uberlândia: Edufu, n. 24, jan./jun. 2001, p. 171.

⁵¹ Valter Ferreira Mendonça, 62 anos, natural de Uberlândia. Amigo da dupla Pena Branca e Xavantinho. No decorrer da sua vida profissional foi administrador da loja de discos Discolândia, que nas décadas de 1970 e 1980 foi responsável pela organização de eventos culturais na região do Triângulo Mineiro.

⁵² Entrevista realizada no dia 21/08/07, com o Valter Ferreira Mendonça nas dependências da Discolândia, na cidade de Uberlândia (MG).

moradores a uma vida subumana, facilitando a contração de doenças. Garcês, vizinho deles na década de 1960, relata em seu depoimento as difíceis condições de moradia da família de Xavantinho:

A casa deles era tudo atrasadinho mesmo, era todo mundo atrasadinho ali, não tinha jeito não. A casa deles era tipo quatro águas e puxava uma para a varanda. O quintal deles era cercado de arame, e aquele tipo de casa, era singelo mesmo, minha mãe morava em uma casinha quase perto deles de fundo deles, são pessoas que estavam procurando o futuro deles mesmo, porque não tinha nada não⁵³.

Os irmãos Pena Branca e Xavantinho perderam o pai ainda criança. A mãe criou *sozinha os nove filhos, trabalhando em serviços domésticos como lavadeira e faxineira*, como a maioria das mulheres residentes daquele bairro. Cida, irmã de Pena Branca, conta as inúmeras dificuldades passadas por sua família:

[...] passamos muitas dificuldades, mais a minha mãe foi uma mulher muito guerreira, mamãe nunca deixou a gente passar necessidade das coisas, mamãe se desdobrou ao máximo, pra tudo, naquela época quando a gente ainda morava no Patrimônio, existiu um chamado pão de coco, e ele era assim deste tamanho assim, então naquela historia assim, tinha um copo esmaltado, que era o copo mãe né, e tinha os canequinho que são copo os copo filho, né mamãe punha ali, enchia aqueles copos com água, água com o açúcar do Mato Grosso, aí ela misturava, cortava aquele pão em sete pedacinhos e da pra nós. Mamãe foi lavadeira de roupa muito anos, lavou roupa em uma mina que tinha no Patrimônio, foi uma época muito dura, mas tudo bem⁵⁴.

Em síntese, pode-se observar o descaso das autoridades públicas com relação ao bairro Patrimônio, pois além de forçarem seus moradores a viverem em uma área periférica de Uberlândia frente a péssimas condições na sua infra-estrutura. Em decorrência disso, a família de Xavantinho passou por sérios problemas no tocante à questão financeira. Osvaldo, um dos irmãos da dupla, mostra um pouco dos problemas vivenciados pelos seus familiares devido aos poucos recursos financeiros da sua família:

A situação financeira era brava né, porque nós não tinha nada, viemos da roça para a cidade, e a minha mãe com aquela maior dificuldade como os filhos para poder criar nove filhos trabalhava de lavadeira pros

⁵³ Entrevista realizada no dia 04/12/2007 com o José Garcês, nas dependências de sua casa, na cidade de Uberlândia (MG).

⁵⁴ Entrevista realizada no dia 28/11/2007 com a Maria Aparecida, nas dependências de sua casa, na cidade de Uberlândia (MG).

outros, aquela dificuldade, muita coisa, nosso pai morreu quando era criança, ai o meu irmão começo a trabalhar no Frigorífico Ômega, trabalho lá bastante tempo, e o Xavantinho trabalho na firma do Rodoviário Caçula, nesse imprevisto ai eles começaram a luta de viola, e assim por diante⁵⁵.

A história da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho reflete a realidade de centenas de pessoas que passaram pelas mesmas dificuldades nas décadas de 1950 e 1960 no bairro Patrimônio e outras regiões da cidade de Uberlândia. O próprio Pena Branca fala um pouco da sua trajetória de vida e sua experiência de crescer em um bairro que não oferecia boas condições para uma pessoa viver:

[...] e depois nós fomo lá pro Patrimônio e minha mãe comprou um terreno lá, fez uma casinha lá, sabe, um pouco de tijolo, um pouco de adorno, sabe e ai ficava lavando roupa pra outras né e graças a Deus ela tinha uma freguesia muito boa para lavar roupa, e até a gente trabalhava e um pouco na cidade de servente de pedreiro era o que tinha naquele momento ne, então pessoa as veis vinha da cidade para pegar e contratar aqueles peão e levava a gente, trabalhava um temporada na cidade e uma temporada na roça⁵⁶.

Desse modo, para ajudar nas despesas da casa, desde criança Pena Branca e Xavantinho e seus irmãos tiveram que trabalhar. As atividades eram quase sempre de serviços braçais nas fazendas, matadouros, serralherias e maquinarias de arroz. O bairro Patrimônio era conhecido naquela época, no Triângulo Mineiro, por abrigar o Matadouro Municipal, o frigorífico Ômega, além de suas diversas roças. Carmo denomina esses serviços braçais, como “função de preto”:

As “funções de preto” referem-se a atividades desenvolvidas em Uberlândia, a partir de meados dos anos 1940 até a chegada dos anos 1960, quase que exclusivamente por trabalhadores negros, sinalizando para uma complexa inserção e para a atuação desses homens, no interior de uma sociedade historicamente marcada pelo preconceito e exclusão⁵⁷.

⁵⁵ Entrevista realizada no dia 18/12/2007 com seu Osvaldo, nas dependências da sua casa, na cidade de Uberlândia (MG).

⁵⁶ Depoimento dado ao Projeto Encantar, que devido a falta de patrocinador não tem data marcada para seu lançamento.

⁵⁷ CARMO, Luiz Carlos do. “Uberlândia e as funções de preto”. In: **Função de Preto: Trabalho e Cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Uberlândia, São Paulo, p. 3.

As condições de trabalho eram precárias, e os trabalhadores, em sua maioria negros, trabalhavam também aos feriados e finais de semana. As jornadas de trabalho em algumas situações chegavam a atingir quinze horas diárias. Cabe dizer ainda que os postos de trabalho eram desprovidos de condições de higiene, expondo os empregados à contração de inúmeras enfermidades, além de sofrerem com o preconceito pelo fato de serem negros. As leis trabalhistas não eram cumpridas, levando estes sujeitos a desenvolverem trabalhos exaustivos e subumanos. O mesmo autor descreve as condições de trabalho existentes naquele período, bem como as principais atividades desenvolvidas:

Na cidade de Uberlândia, nesse período, a quantidade de figuras sociais negras, com seus modos de ganhar a vida nas sacarias junto aos vagões de trem da Companhia Mogiana e as inúmeras carroças que transportavam os produtos ora embarcados, ora desembarcados; presentes no interior das fábricas de banha lidando com as diversas etapas de preparação da carne e da gordura suína; das atividades das charqueadas e o processo de carne e da gordura sulina; das atividades das charqueadas e o processo de salga e conservação das carnes; da difícil vida de trabalho nos costumes; nas pedreiras, no calçamento das ruas; do trabalho junto às olarias e das atividades no interior das máquinas de beneficiar arroz, ao contrário de muitas perspectivas acerca do passado recente dessas cidades estavam ali, contribuindo para a construção de um momento importante para a economia desta cidade⁵⁸.

Pena Branca e Xavantinho trabalharam no Frigorífico Ômega, no Matadouro Municipal e em fazendas, locais que geralmente ofereciam poucas condições de segurança. O serviço pesado obrigava os empregados a ficar semanas longe das suas famílias. Nelsinho, amigo de infância e companheiro de serviço, mostra um pouco da rotina diária enfrentada por Pena Branca:

[...] a vida do Pena Branca, ela começou ali no Triângulo Mineiro, certo, ele morava numa casinha muito velha certo, em frente uma graxeira onde que tinha muita catinga, isso tudo ele agüento na vida dele, certo, aí, trabalho na enxada, certo, na enxada capinando roça, arando chão, certo, aí depois ele entro no caçula, no Caçula ele trabalho uns tempo, depois ele volto pro Ômega trabalho de 10 a 15 lá no Ômega, puxando ema de carne pesada, certo, cada ema de carga

⁵⁸ CARMO, Luiz Carlos. Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). **História e Perspectiva**. Uberlândia:Edufu, n. 24, jan/jun. p.189, 2001.

que nós puxava lá pegava um abate de 16 vacas numa ema só, pra dois homens puxa, foi um serviço muito pesado⁵⁹.

Além das atividades ligadas à produção de carne para exportação, as máquinas de arroz também absorveram a mão-de-obra negra e pobre. Esses diversos postos de trabalho e a mão-de-obra negra foram imprescindíveis para o sustento da economia de Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960, tal como afirma Carmo:

Entre os anos de 1945 e 1960, as máquinas de beneficiar arroz aparecem nos depoimentos com muita recorrência. É grande o número de pessoas que trabalharam diretamente nesses locais, e mesmo os entrevistados que não lidaram com esse trabalho não têm dificuldades de lembrar da presença destas máquinas na cidade. Esses estabelecimentos estavam entre as atividades mais importantes para a economia da época. No entanto, numa pesquisa elementar, não é difícil encontrar a presença dessas atividades anteriormente ao ano de 1945, como também significativa a presença das máquinas de arroz após os anos 1960⁶⁰.

Ainda de acordo com Carmo:

[...] relocação de grupos humanos em locais estratégicos, isto, talvez ajude a explicar o ostracismo e o descaso a que ficou, inicialmente, confinado o bairro Patrimônio, um lugar de pretos. Como também, a preocupação marcante com o zelo das ruas, a busca da melhor apresentação, que podem ser entendidos, realmente, como uma preocupação com a higiene, entre outras necessidades próprias e comuns desses processos de desterritorialização e especulação imobiliária⁶¹.

Lourenço ilustra bem essa segregação do espaço público no município:

[...] o crescimento do espaço urbano da classe dominante, com seus sobrados e palacetes, destruía os núcleos de povoamento, compostos por comunidades de posse de sua estrutura social e de sua cultura, expressa em suas moradias, sua religião, suas festas, suas relações vicinais, etc... e dispersava os seus integrantes, aniquilando qualquer possibilidade de, fora dali, se continuar mantendo a interação social necessária à manutenção da identidade daquela comunidade. (...) O

⁵⁹ Entrevista realizada no dia 19/11/2007 com seu Nelsinho, nas dependências da sua casa, na cidade de Uberlândia (MG).

⁶⁰ CARMO, Luiz Carlos. Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). **História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n. 24, jan./jun. p. 140, 2001.

⁶¹ CARMO, Luiz Carlos. Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). **História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n. 24, jan./jun. p. 120, 2001.

Patrimônio, estava do lado “de lá” do córrego, longe dos olhos das famílias ricas e dos visitantes ⁶².

Paralelo aos trabalhos manuais em charqueadas, frigoríficos, maquinaria de arroz, na região do bairro Patrimônio a diversidade cultural também se fazia presente. Como já afirmamos, Pena Branca e Xavantinho foram criados em meio às congadas, às festas de Folias de Reis, música caipira, moçambique, futebol, samba (principalmente na época dos carnavais), capoeira e festas feitas pelos próprios moradores, que acabaram por criar uma identidade entre os negros. Dentre todas essas práticas culturais a que mais envolveu Pena Branca e Xavantinho foi a Folia de Reis. Bolinho, amigo de infância da dupla, fala do envolvimento dele e de Pena Branca com a Folia:

[...] a Folia de Reis, a nós gostava demais, nossa isso para mim e o Pena era a melhor coisa, as festas de reis aqui era uma beleza, e até hoje, era o Pena Branca e Xavantinho e o capitão nosso Ernesto. Quando chegava em dezembro a gente já preparava ali pra Festa de Reis né, e saía com a festa de reis nas casas tudo aqui cantando, arrecadando alimento, dinheiro né, para a festa do dia 06/01, isso para nós era a coisa mais bonita e é até hoje, ele fala que ainda vem, quer vir um ano para cá pra canta na Folia de Reis, mas não tem tempo não né, sempre ele está trabalhando né, viajando muito, ele ta viajando demais, mais ele ainda vem ainda, nós toca mais de quinze anos nessa folia ⁶³.

Por mais de dez anos a dupla caipira se envolveu na Folia Pena Branca, nome dado em homenagem ao próprio Pena Branca, mostrando o quanto este artista era querido e popular no bairro Patrimônio. A folia saía em giro principalmente no final do ano e início do outro (meses de dezembro de janeiro), período em que se comemora a festa dos Santos Reis. A folia possuía boa estrutura de instrumentos e contava com envolvimento da população do bairro. Um estudo feito pelo Arquivo Municipal de Uberlândia relata a importância desta folia na formação cultural de Uberlândia:

A Pena Branca tem dezesseis foliões que dançam e tocam violas, violões, cavaquinhos e pandeiros, como os Três Reis Magos que saíram de Natal com caixa, pandeiro e viola. A Folia sai pela cidade do dia 25 de dezembro a 6 de janeiro tirando esmolas. Ela anuncia que o Cristo nasce e traz alegria para todos, por isso dançam. Os palhaços

⁶² LOURENÇO, Luiz A. “A moradia, o campo e a charqueada”. In: **Bairro Patrimônio**: Salgadeiros e Moçambiqueiros. Uberlândia/MG, Secretaria Municipal de Cultura, p. 19, 1986.

⁶³ Entrevista realizada no dia 13/11/2007 com José Rodrigues, conhecido como Bolinho, nas dependências da sua casa, na cidade de Uberlândia (MG).

distraem os soldados de Herodes para que o Cristo e Nossa Senhora escapem⁶⁴.

As participações nas apresentações com as Folias de Reis e as festas ocorridas no Patrimônio fizeram com que Pena Branca e Xavantinho aprendessem a tocar viola caipira e a cantar as diversas modas. Portanto, a música caipira foi desde a infância algo muito praticado pela dupla e atividade sempre muito estimulada pelos pais e amigos. Maria Aparecida, mais conhecida por Cida, irmã da dupla, expõe no seu relato o início da aprendizagem e o incentivo dado pelos seus pais:

[...] A mamãe ensinô, a mamãe era uma pessoa pequena, muito brava, mais de uma voz muito grande, mamãe foi sargento do começo ao fim, ela soube ter os seus soldados ali, sabe? Tudo que ela ensinou os soldados aprenderam, que são os filhos, inclusive a fazer a primeira e segunda voz. Ela ficava brava, até às vezes quando eu queria cantá alguma coisa, ela falava: “Não, você fica nessa ai, que eu vou nessa, então é a primeira e a segunda voz”. Então a mamãe ensino o Zé e o Ranulfo a cantá a primeira e segunda voz, que o meu pai gostava de cavaquinho. Então, mais tarde, depois que cada um cumpria a sua tarefa, então vem o banho, vem o papá, né? Então, aí era hora de uma cantoria, a lamparina, o fogãozinho de lenha, e ela ensinô os acordes numa taboca de bambu. Então ela ensinô, tipo assim uma burrachinha pra tirar o som dali pra cantar, então e com isso daí eu vou te falar pra você, respeito muito, as vezes posso até falar demais, mais uma voz igual que meu irmão tinha tá difícil⁶⁵.

Esta diversidade cultural no bairro Patrimônio, o incentivo dos pais e amigos, contribuiu para o início da carreira da dupla Pena Branca e Xavantinho, que desde criança sonhavam com o sucesso. Em entrevista para a TV da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Xavantinho narra como foi o começo da vida artística:

Era Festa de Reis, a gente ele me convidou pra canta em Rádio, comprei um violão pra mim, e ele já tinha uma viola, que ele saia por aí acompanhando Terno de Reis, era uma viola velha de trabalho de madeira, tava pra afinar, tinha que molhar né. Tinha que molhar pra parar na afinação. E me convidou pra fazer cantorias com ele, e assim foi o nosso começo⁶⁶.

⁶⁴ ARQUIVO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Balanco de um Patrimônio**: início de um novo século. Biblioteca de Apoio, pasta 1, p. 6.

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 28/11/07 com a Maria Aparecida, irmã da dupla, nas dependências da sua residência na cidade de Uberlândia (MG).

⁶⁶ Entrevista concedida à TV Universitária no ano de 1997.

A dedicação à vida artística⁶⁷ levou-os às estações de rádio de Uberlândia, cuja programação exibia valores regionais em auditórios, ao vivo, e que desde o princípio obteve aceitação popular. A audiência aumentava quando Pena Branca e Xavantinho entravam no ar. O Programa do Capitão Hipopótamo, da Rádio Educadora (1952), foi um dos primeiros em que a dupla se apresentou. Eles ainda se apresentariam, durante a década de 1950 e 1960, nas rádios Difusora (1939) e Cultura (1958), promovidos em praças públicas. Nesta época, a dupla era conhecida como Barcelo e Barcelinho. Posteriormente, adotaram o nome Xavante e Xavantinho e como Xavante já era usado por outro artista, os irmãos se nomearam Pena Branca e Xavantinho.

Em sua tese de doutorado, Dângelo ressalta que naquele período a cidade de Uberlândia abrigava as emissoras de rádio Difusora, Educadora e Cultura, que inicialmente foram criadas para educar a população nos princípios da ordem e promoção da disciplina, com vistas ao alcance de uma sociedade civilizada e homogeneizada. Nos programas veiculados eram executadas músicas eruditas, crônicas, noticiários patrióticos, com ênfase na história do país, sempre com o objetivo de construir uma identidade única, diluidora de conflitos:

[...] A utilização de crianças e escolares na programação radiofônica, se por um lado buscava formar um público fiel, já habituado desde a infância à linguagem do rádio, por outro movia a inserção de valores patrióticos e cívicos, de amor às coisas locais, sobretudo de seus símbolos de poder, autoridades e instituições, o que de certo modo indicava, também a persistência de um público adulto refratário a estas mensagens. Os meios utilizados para atingir este segmento concentraram-se nas apropriações de imagens que vinculam um passado rural e bucólico ao espírito de modernidade vivenciado na cidade, em crônicas e discursos que preservavam o estilo metafórico e excessivamente pedante dos setores intelectuais letrados⁶⁸.

Paradoxalmente, as emissoras de rádio, a par da função desempenhada, para manter em evidência seus programas e artistas, assim como aumentar o faturamento e a audiência, organizavam shows em espaços públicos, em que admitiam em sua programação práticas populares. Desta feita, revelavam-se não apenas os porta-vozes das classes dominantes, mas também as disputas por estes espaços como a possibilidade de expressão dos sujeitos anônimos, conforme Dângelo:

⁶⁷ Foi neste espaço rural que aprendeu a tocar viola e a cantar, acompanhando as Folia de Reis, o Congado e o desfile das Escolas de Samba no período carnavalesco.

⁶⁸ DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade**: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001. p. 208.

[...] Mesmo a Educadora, a nova estação montada na rua Olegário Maciel, n. 823, e posteriormente inaugurando “luxuosas instalações” na avenida Afonso Pena, dividindo o espaço na sintonia do rádio e nos quarteirões do centro da cidade, se a princípio contou com alguns programas eruditos e crônicas, teve de render-se ao estilo popularizado da PRC 6. O popular “invadiu” seus auditórios, orientou seus programas sertanejos com cartas e recados de ouvintes, desfilou sob seu patrocínio nos carnavais de rua de 1958 e participou da “Cavallhada”, uma tradicional festa popular da região, levada ao ar pelos seus microfones⁶⁹.

Para as emissoras de rádio desse período era interessante “contratar” cantores locais para seu “cast”, e ao popularizar esses personagens ela consolidava sua imagem junto à população local. Assim, com as apresentações desses cantores nos programas radiofônicos atraía-se mais ouvintes e comerciantes interessados em anunciar seus produtos. A dupla caipira Pena Branca e Xavantinho aproveitou este interstício, alcançando o seu reconhecimento pelo público e a popularização de suas canções. Ainda de acordo com Dângelo:

O que chama atenção, mais uma vez, era a necessidade do envolvimento dos frequentadores de suas dependências, onde artistas amadores interagiam com a platéia das emissoras, assim como em experiências circenses, em pantomimas, em que os gestos e gracejos davam o tom de risos e aplausos. A visibilidade das reações, nesses casos, foram fundamentais para a preparação de programas que pudessem manter a atenção, a concentração de ouvintes, para que imaginassem estas mesmas cenas, incorporadas também na produção de radionovelas, as quais demandavam a ação decisiva dos sonoplastas⁷⁰.

Devido ao sucesso de Pena Branca e Xavantinho, a imagem deles foi muito explorada pelas emissoras radiofônicas em que trabalharam. Ou seja, o investimento das na dupla, seja nos shows em praças públicas ou na sua programação diária, reforça a popularidade que alcançavam na região e outros adjacentes. O próprio Pena Branca, em depoimento ao Projeto Encantar, que lançará um documentário a respeito da vida e obra da dupla, relata um pouco de como era sua carreira na década de 1960:

[...] Agora não vai ser mais Peroba e Jatobá, agora vai ser Barcelo e Barcelinho, e aí fiquei três anos na rádio Difusora, mais uns dois na rádio Educadora, mais um e meio na rádio Cultura. Olha! Era uma das

⁶⁹ DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001. p. 46.

⁷⁰ DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001. p. 208.

duplas que andavam mais e tinha mais audiência e que recebia mais carta⁷¹.

Mesmo com as oportunidades tidas no Triângulo Mineiro no começo da carreira artística desses cantores, o sucesso de mídia, público e venda na década de 1980 só veio após a mudança para a capital paulista.

1.3- Vivências em São Paulo

Com diversos convites feitos pelas emissoras de rádio local para apresentações nos programas sertanejos e shows na região, a dupla fez relativo sucesso no Triângulo Mineiro. Entretanto, Xavantinho em 1968 resolveu se mudar para São Paulo, e depois Pena Branca. Ambos buscavam ascensão na carreira artística e melhores condições de vida. O moderno, o novo, a imagem de progresso e de melhoria de vida que São Paulo poderiam proporcionar, incluindo uma maior oportunidade de trabalho, atraíram os irmãos do interior mineiro para a grande capital.

A cidade de São Paulo não foi escolhida por acaso. Além de símbolo do progresso, reconhecida pela sua situação econômica, política e cultural no Brasil, era a “meca da música sertaneja”, onde qualquer dupla sertaneja teria mais chances de reconhecimento nacional. Isto porque a metrópole paulista, vale ainda considerar, abriga os mais importantes órgãos midiáticos do país, detentora de grande mercado publicitário e fonográfico, gravadoras, casas de shows, enfim, ingredientes que possibilitam ao artista a oportunidade de se tornar sucesso de público e venda. Ou seja, todo esse desenvolvimento da cidade de São Paulo favoreceu e influenciou a migração de milhões de pessoas do campo para a cidade. Sobre este assunto Schwarz avalia que:

No limite tratava-se de arrancar a população aos enquadramentos semicoloniais em que se encontrava, e de trazê-la, ainda que de forma precária, ao universo da cidadania, do trabalho assalariado e da atividade econômica moderna, industrial, sobretudo, contrariando o destino agrário a que o imperialismo – como se dizia – nos forçava (o que aliás naqueles anos 60 deixara de ser verdade). Isto na ótica justificadora e como que “responsável” do projeto nacional. Com menos simpatia e mais acento na irresponsabilidade e na cegueira, pode-se dizer igualmente que os novos tempos desagregavam à

⁷¹ Depoimento dado ao Projeto Encantar. Devido à falta de patrocinador, o documentário não tem data marcada para seu lançamento.

distância o velho enquadramento rural, provocando a migração para as cidades, onde os pobres ficavam largados a disposição passivamente absoluta das novas formas de exploração econômica e de manipulação populista⁷².

Pena Branca e Xavantinho, assim como muitos outros, perceberam, ao chegar à grande cidade, que a tão sonhada ascensão econômica gradativamente transformava-se em uma vida sofrida, muito parecida com as que vivenciaram na zona rural ou na sua cidade de origem. A maioria dos migrantes, não obtendo oportunidades de emprego, se dirigem então para as favelas, instalando-se em moradias com péssima infra-estrutura, passando fome, contribuindo dessa forma para o aumento da violência no Brasil. O mesmo autor relata:

Assim, por exemplo, o desenvolvimento arrancou populações a seu enquadramento antigo, de certo modo as liberando, para as reenquadrar num processo às vezes, titânico de industrialização nacional, ao qual a certa altura, ante as novas condições de concorrência econômica, não pode dar prosseguimento. Já sem terem para onde voltar, estas populações se encontram numa condição histórica nova, de sujeitos monetários sem dinheiro, ou de ex-proletários virtuais, disponíveis para a criminalidade e toda sorte de fanatismos⁷³.

Em São Paulo, na década de 1970, a dupla⁷⁴ antes de adentrar no cenário artístico exerceu diversas atividades, como funcionários de postos de gasolina, carregadores em grandes empresas e também na construção civil. Passaram por humilhações, falta de dinheiro e até fome. Bolinho, amigo de infância da dupla, que mudou para a cidade de São Paulo junto com Pena Branca e Xavantinho, voltaria em 1971 para Uberlândia por não conseguir mais suportar a dura realidade vivida por eles. No seu depoimento, ele descreve a casa onde residiam e as duras condições de trabalho na capital paulista:

[...] O salário não era bom não, década de 1968, 1970, né? O salário não era o legal. Em São Paulo você pode até ganhar um bom salário, mas o que você ganhar tem que gastar, não tem jeito, com condução,

⁷² SCHWARZ, Roberto. Fim de século. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais. São Paulo, dez. 1994. p. 6-9.

⁷³ SCHWARZ, Roberto. Fim de século. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. São Paulo, dez. 1994. p. 7.

⁷⁴ Sobre a trajetória da dupla cf: NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. São Paulo: Editora 34, 1999; www.jangada.com.br; www.boamusicaricardinho; www.kuarup.com.br; www.ivanvilela.com.br; www.robertocorreia.com.br.

porque em São Paulo você não dá um passo sem uma condução. Qualquer coisa em São Paulo para até um recado a pessoa cobra de você, é uma vida muito, vamos dizer, assim, falo, viver a gente vive aqui (Uberlândia). O Pena, às vezes, tem vontade de vir para cá, a gente já conversô, mas a área aqui não é igual a área lá, né? Para um artista como ele tem que tá mesmo na capital e São Paulo é a cidade pai e mãe dos artistas brasileiros.

[...] A casa era tão humilhante, lá a gente dormia debaixo da plataforma de carga, a carga ficava em cima e a gente morava debaixo do tablado ali, que coisa mais humilhante, né? Foi um sofrimento, é um sofrimento muito grande, tem dia que eu fico lembrando para que tanto sofrimento daquele jeito, né? Mas graças a Deus eles se transformaram em dois artistas famosos⁷⁵. Trabalhávamos na Rodoviária Caçula, uma empresa de transporte. Hoje ela é a Express. O trabalho era de carregar caminhão, veja bem, de chapa, trabalhávamos de chapa, depois passamos a conferente na firma, era um batidão feio. Era carregar caixa na cabeça, caixa de 100, 80 a 90 kg. Sofremos demais⁷⁶.

Simultâneo ao trabalho pesado, a dupla se apresentava em concursos musicais no interior paulista ou mesmo na capital, organizados pelos órgãos de comunicação. Neles tiveram relativo sucesso, ganharam prêmios, conquistaram os aplausos do público e a oportunidade de mostrar seu trabalho para todo o Brasil. No site de Ricardinho, encontramos uma pequena biografia acerca da dupla, que expõe algumas conquistas dessa época:

[...] E começaram a se apresentar em São Paulo. Em 1969, integraram o grupo de músicos do "Rei do Laço", que era um clube de divulgação da Música Caipira, freqüentado por figuras importantes do meio, como os famosos e respeitados Tônico e Tinoco, e também a dupla, na época iniciante, Milionário e José Rico. Em 1970 conquistaram o quarto lugar num festival promovido pela Rádio Cometa e foram convidados a participar da gravação de um compacto, com a música vitoriosa, "Saudade". Em 1975, passaram a integrar a Orquestra "Coração de Viola", em Guarulhos. Inezita Barroso, num belo dia, estava ensaiando com essa orquestra e percebeu o potencial de Pena Branca e Xavantinho: *Meninos, vocês têm um grande futuro, mas vocês só acontecerão se saírem daqui*. Também a dupla Coração do Brasil, Tônico e Tinoco, foi fazer um show em Barretos-SP e eles perceberam o valor de José e Ranulfo: *Queremos esses dois meninos com a gente*. No mesmo ano ainda, "Pena Branca e Xavantinho" foram contratados para se apresentar na Basílica de Aparecida do Norte-SP, nos finais de semana, num coreto montado junto à ferrovia.

⁷⁵ Entrevista realizada no dia 13/11/07 com João Rodrigues, apelidado de Bolinho, nas dependências da sua residência na cidade de Uberlândia (MG).

⁷⁶ Entrevista realizada no dia 13/11/07 com João Rodrigues, apelidado de Bolinho, nas dependências da sua residência na cidade de Uberlândia (MG).

Os shows eram produzidos por Roberto de Oliveira, irmão de Renato Teixeira⁷⁷.

Em 1970, ganharam o quarto lugar em um festival da Rádio Cometa, e foram convidados a participar da gravação de um compacto com a música “Saudade”, de autoria de Xavantinho. Em 1975, entraram para a orquestra “Coração de Viola”, em Guarulhos. Em 1980, inscreveram-se no Festival MPB – Shell da Rede Globo.

A partir da década de 1980, quando Pena Branca e Xavantinho começaram a trabalhar nas grandes gravadoras brasileiras, o sonho de se tornarem artistas de renome nacional e sinônimo de sucesso de venda começava a se realizar. Juntamente com isto, a indústria cultural criara algumas estratégias comerciais para vender a imagem da dupla caipira, com o intuito de buscar atingir um público consumidor maior e espaço nos diversos órgãos de imprensa. O artigo no jornal O Estado de São Paulo expõe o início do sucesso da dupla em termos nacionais:

A sorte mudou quando, em 79, foram se apresentar em praça pública na cidade de Aparecida e foram ouvidos pelo produtor Roberto de Oliveira. Roberto disse que ia abrir um selo para gravar com eles na WEA e os inscreveu no festival Shell de 80, na TV globo. Chegaram a finalíssima com a canção **Que terreiro é esse**, de Xavantinho, e ao disco Velha Morada. Na divulgação do disco conheceram Rolando Boldrin no programa **Som Brasil**. Durante cinco anos acompanharam Boldrin nos shows pelo Brasil, que produziu o disco Uma dupla Brasileira. Milton Nascimento, que havia ouvido Cio da Terra no disco Velha Morada, fez questão de conhecê-los e cantar com a dupla no Som Brasil. Nunca mais os abandonou, levando-os para cantar com ele nos especiais Chico & Caetano e no MPB Shell de 86. Depois vieram os LPs, Cio da Terra, Canto Violeiro e Cantadô do Mundo Afora, com participação de Almir Sater, Boldrin, Tavinho Moura e Wagner Tiso. Cantaram também na trilha dos filmes Minas, Texas de Carlos Alberto Prates Correia, e Mulheres da terra de Marlene França⁷⁸.

Com apoio de Rolando Boldrin, por meio de apresentações no Programa **Som Brasil** da Rede Globo, da participação em caravanas organizadas pelo próprio Boldrin, que também foi diretor de gravação de alguns discos, a dupla deslanchou em sua carreira, estando a partir de então continuamente na mídia. Este sucesso se vincula particularmente ao programa de música caipira de Boldrin, que tinha uma grande

⁷⁷RICARDINHO. Pena Branca e Xavantinho. http://www.meumundo.americaonline.com.br/netinhaericardo/penabrancaexavantinho_20.html. Acesso em: 10 jan. 2008

⁷⁸ Pena Branca e Xavantinho, o cult dos artistas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 10,13 nov. 1990.

audiência e atingia públicos de diversas idade e camadas sociais, além do fato de ser apresentado por uma emissora de televisão que naquela época detinha mais de cinquenta por cento da audiência e monopolizava o mercado publicitário em diversos setores. Nepomuceno discorre sobre este apoio recebido pela mídia:

[...] O que essa dupla tinha de especial, Rolando Boldrin percebeu logo, quando apresentava o *Som Brasil*, na Globo, de 1981 a 1984. Convidando-a, para abrir um dos programas, com o “Cio da Terra”, colocou-a, em grande estilo, no mercado sertanejo. “O Boldrin mostrou a cara da gente para todo o Brasil e as coisas começaram a crescer”, reconhecem. Este padrinho nunca os deixou no sereno, principalmente quando ficaram sem gravar, de 1982 a 1987. Onde ia com seus shows, produzidos, escritos e apresentados por ele, carregava Pena Branca e Xavantinho⁷⁹.

Os festivais musicais, os bons resultados obtidos, o convite para apresentações nos meios de comunicação e os seus talentos como músicos e compositores renderam bons contatos com grandes nomes do cenário musical, a exemplo de, além de Rolando Boldrin, Milton Nascimento, Tonico e Tinoco, Inezita Barroso, Renato Teixeira, dentre outros. Tais contatos e obviamente o talento indiscutível da dupla permitiram o acesso dos artistas a grandes gravadoras e a divulgação do seu trabalho em grandes órgãos de comunicação, a exemplo da Rede Globo, o que os tornou, mais tarde, sucesso de venda e de público.

⁷⁹ NEPOMUCENO, Rosa. Pena Branca e Xavantinho: Vozes em terças namoram a MPB. In: **Música Caipira**. São Paulo: Editora: 34, 1999, p. 384.

Capítulo II

A inserção no mercado fonográfico

2.1 – A música sertaneja no mercado fonográfico

Este capítulo tem por objetivo analisar as estratégias adotadas pela indústria cultural na carreira de Pena Branca e Xavantinho, desde a sua inserção, desenvolvimento até a morte de Xavantinho. Visa ainda entender as relações estabelecidas por estes artistas com as parcerias, mídia, público da música sertaneja e as gravadoras, sempre confrontando tradição e modernidade, ambos conceitos presentes na vida e obra desses exímios compositores.

Cabe ressaltar que nesta monografia pensa-se em tradição não como restos do passado, ou como algo exótico ou estático, mas sim como um conceito que deve estar em permanente (re)construção e (re)organização. Neste viés, Machado afirma que a tradição é a argamassa que permeia as experiências de vida de homens e mulheres que ainda possuem como referência as práticas culturais populares fundadas na sociabilidade comunitária. Assim:

O conceito de experiência referido é benjaminiano, pois permite pensar a tradição como o momento em que o coletivo e o individual se unem, originando uma prática cultural comum aos sujeitos sociais nela envolvidos, capaz, por isso mesmo, de ser transmissível às futuras gerações. Tradição, desse ponto de vista, não são apenas rastros ou restos que, como lembranças, se diluem e se perdem no tempo. Mais que isso, tendo como suporte uma memória transgressora da ordem de progresso imposta, retoma o passado consciente dos seus sofrimentos

e perdas, para projetar um futuro cuja identidade cultural seja portavoz de sua luta contra a alienação⁸⁰.

A tradição vista sob essa perspectiva não é apenas coisa do passado, mas também *uma possibilidade de questionar o presente, uma vez que não se pode desconhecer o processo histórico como desenvolvimentismo, marcante especialmente entre os anos de 1950 e 1980, que no Brasil, mesmo diante de projetos políticos antagônicos (liberalismo versus ditadura militar), têm em comum a intensificação da industrialização e da urbanização. A cobiça à modernidade convidava o país a rechaçar o velho mundo rural como anacrônico, arcaico, o que, de certa forma, provocou a migração dos cidadãos para as cidades, causando a marginalização social dos despreparados profissionalmente para assumir as novas atividades que o mercado de trabalho da época exigia. Esta modernidade, como já foi dito, provocou mudanças econômicas no Brasil, principalmente no tocante às relações entre campo e cidade.*

Todas estas mudanças também refletiram sobre a produção cultural brasileira, agora mediada pela indústria cultural de massas que consolida o rádio, a televisão e a *imprensa como importantes meios de divulgação das práticas culturais, inclusive, aquelas antes restritas às festas populares. Portanto, a música sertaneja passa a ser um gênero musical em ascensão ao lado do cinema novo, das novelas, do teatro, dos programas de auditório, das revistas e jornais. Todavia, todo este processo de modernização foi incapaz de apagar as tradições do universo rural, as quais continuam sendo referências nas práticas culturais populares, especialmente na poética sertaneja.*

Diversos compositores de música sertaneja, particularmente aqueles que trazem consigo experiências concretas do mundo rural, as exploram em suas músicas. Um exemplo disso é a dupla caipira Pena Branca e Xavantinho, como foi explicitado no capítulo anterior. Eles vivenciaram as dificuldades da migração do campo para a cidade, na busca por melhores condições de vida, e conheceram toda sorte de sofrimento e discriminação que dois caipiras negros poderiam padecer. Ainda assim conseguiram se tornar uma das duplas sertanejas de maior expressão nacional. Talvez, por isso, uma das características marcantes das gravações e composições que os tornaram conhecidos nacional e internacionalmente seja a nostalgia da vida no campo, a valorização da

⁸⁰ MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Re) significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi - do trabalho ao festar (1950-2000). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v.26, n. 51, jan./jun. 2006, p. 37.

natureza e a tentativa de mostrar toda a brasilidade que a nação carrega entranhada (ou arraigada) em suas tradições.

E neste contexto de renovação, motivado pelo espírito de modernização, a música sertaneja (incluindo as composições de Xavantinho) – já nesta época completamente inserida na indústria radiofônica e fonográfica – não poderia ficar de fora. Aquela música caipira que foi aos poucos evoluindo, para a partir do final dos anos 1930 e anos 1940 se concretizar como música sertaneja, sofreria nos anos 1960 uma nova reformulação, assumindo, a partir de então, uma nova roupagem.

Todo este processo de transformação e industrialização da música sertaneja tem sua origem na pessoa de Cornélio Pires que no início dos anos 1920 gravava um LP de músicas caipiras, passando a ser o primeiro produtor independente do gênero no país. Depois do sucesso das vendas – que eram feitas pelo próprio Cornélio, que viajava em seu carro pelas cidadezinhas do interior – logo veio o convite da gravadora para que ele produzisse alguns discos, agora sim financiados pelo próprio selo Columbia⁸¹. Deste dia em diante a indústria fonográfica e a música sertaneja jamais seriam as mesmas, passando por transformações que nem mesmo Cornélio Pires, o mais otimista dos caipiras, poderia imaginar.

Com a formação de sua Caravana Caipira, Cornélio Pires, percorreu todo o interior paulista fazendo shows com apresentações de duplas sertanejas, desenvolvendo performances que reproduziam o lado jocoso da figura do caipira – começando a criar o estereótipo do Jeca Tatu, imortalizado por Monteiro Lobato em seus contos “Velha praga” e “Urupês”. Os discos continuavam sendo vendidos e a nova possibilidade de ascensão social do caipira seguia na sua difusão. Neste contexto, novos talentos iam sendo lançados a cada dia, e estes, brotando de todas as partes dos rincões paulista, mineiro e goiano, iam caracterizando o estilo desta música dos anos 1920 até final dos anos 1930 como essencialmente caipira. Tinhorão vê a incursão do estilo sertanejo no rádio da seguinte maneira:

Desde o início ficou claro que esse aproveitamento de violeiros e cantores de modas e cururus amadores não combinavam com a estrutura profissional dos meios do rádio e do disco. E foi então que começaram a surgir os ‘caipiras do rádio’ fazendo rapidamente a fama de humoristas como Nhô Tônico e Capitão Furtado, e ainda de duplas interessadas em agradar ao público grã-fino dos shows de cassinos do

⁸¹ CALDAS, Waldenyr. **O Que é Música Sertaneja**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Ainda cabe ressaltar que a canção caipira⁸³ desde a sua entrada no mercado fonográfico com sua primeira gravação feita por Cornélio Pires, em 1929, objetivava buscar outros públicos e, conseqüentemente, aumentar as vendas de exemplares e o prestígio de cantores e compositores, além de estabelecer uma aproximação estreita com a música urbana. Perreira, historiador e crítico musical, que trabalhou por décadas em vários jornais analisando as práticas culturais uberlandenses, assim discorre a respeito da aproximação da música caipira com os estilos urbanos:

[...] A música sertaneja começa em 1929 (eu vou denominar sertanejo para dizer tudo, tanto a caipira como a urbanizada), queria dizer surgiu como objeto de comércio, claro que ela já existia antes, ela surge porque Cornélio Pires, com o seu dinheiro, mandou gravar músicas sertanejas com duplas do interior do Estado de São Paulo, e ele mesmo gravou e vendeu, trabalho pessoal. Em seguida, a gravadora que hoje é a Continental, assumiu isso e começou a se interessar, porque viu que era um bom meio de lucrar, vendia bem, e se pagava bem pouco para os intérpretes, então a partir daí, esse tipo de música sertaneja usava como temas os acontecimentos, a paisagem, a vida rural. A partir de 1929, ela inicia um trajeto de urbanização, isto para vender mais e ganhar mais, objetivo econômico, porque se ela for vender apenas na roça, ela não iria para frente. Naquela época tinha poucos toca-discos na roça, muita gente interessada em ouvir, mais não em comprar disco. Então ela vem tentando se urbanizar também pelo status social dos compositores, intérpretes que se urbanizando tem um novo status⁸⁴.

Só no final dos anos 1930 com as incursões de Raul Torres, Florêncio, Capitão Furtado (Oriosvaldo Pires, sobrinho de Cornélio Pires) e o grande mestre e poeta dos caipiras João Pacífico pela região do Mato Grosso e Paraguai é que esta música passa a receber influências dos estilos paraguaios como as polcas, guarânias e rasqueados,

⁸² TINHORÃO, José Ramos. **Cultura Popular**. São Paulo: Editora 34, 2001.

⁸³ Ver sobre história da música caipira cf: CALDAS, Waldenyr. **O Que é Música Sertaneja**. São Paulo: Brasiliense, 1987; FILHO, Wolney Honório. **O Sertão nos Embalos da Música Rural (1930-1950)**. 1992. 138f. Dissertação (Mestrado) – História, PUC/SP, São Paulo, 1992; MARTINS, José de Souza. **Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. Capitalismo e Tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975; CARVALHO, Marta de Ulhôa. **Música sertaneja em Uberlândia na década de 1990. ArtCultura**. Uberlândia: Edufu, n. 9, jul./dez. 2004; BERNADELI, Maria Madalena. **Breve histórico da Música Caipira. Do Leitura**. São Paulo, 10 (117) fevereiro, 2000; CALDAS, Waldeynr. **Acorde na Aurora: música sertaneja e indústria Cultural**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979; Ribeiro, José Hamilton. **Música Caipira: As 270 maiores modas de todos os tempos**. São Paulo: Globo, 2006.

⁸⁴ Entrevista realizada no dia 14/02/08 com o Antônio Pereira da Silva, nas dependências da sua residência na cidade de Uberlândia (MG).

absorvendo vários outros ritmos e sonoridades que consolidariam, a partir dos anos 1940, este estilo musical definitivamente como sertanejo⁸⁵.

Com o advento do rádio, várias duplas se projetaram nas paradas de sucesso, como Tonico e Tinoco, o “rit maker” Raul Torres com seu parceiro Florêncio, Palmeira e Biá, ou os comicos Alvarenga e Ranchinho e Jararaca e Ratinho. Dentre os que faziam sucesso em carreira solo destaca-se o italiano Mario Zan, que compôs em parceria com Arlindo Pinto o clássico *Chalana*. O rádio era, a partir dessa época, o grande parceiro da “caipirada” – neste tempo já não tão caipira assim – na divulgação e consolidação deste gênero musical. As grandes duplas e nomes sertanejos passaram a possuir seus próprios programas de rádio, ocupando os horários nobres da programação. Estes eram gravados ao vivo nos famosos auditórios, que tinham seus ingressos disputados pelas caravanas de fãs do interior e da capital. Tais programas se tomaram sucesso, conquistando uma grande audiência e grande procura por parte dos anunciantes.

A música caipira transforma-se agora em música sertaneja, um produto extremamente lucrativo. As décadas de 1940 e 1950 configurariam a fase do reinado sertanejo, pois, segundo Tinhorão:

Embora já tendo acesso a estilos de vida urbana ou mesmo residindo na periferia das grandes cidades, as pessoas do interior (ou recém chegadas das zonas rurais) precisavam de um som que lhes lembrasse a música de sua região mesmo que fosse estilizada sob a forma vaga e diluída da chamada música sertaneja.

Nos anos 1960, como bem expôs Rosa Nepomuceno:

No país que se urbanizava rapidamente, a moda era ser moderno. Como Volkswagen, como o rock, como Celly Campelo, como os Estados Unidos. Depois do ufanismo das operetas e burletas sertanejas, dos poemas dos cenários nacionalistas, como Catulo, dos modernistas que falavam e pintavam as caras do Brasil, de caipiras e nordestinos agarrados nas suas violas e sanfonas, dos passeios rítmicos pelas fronteiras, a música ganhava outros tons⁸⁶.

O avanço da modernidade foi um dos fatores que permitiu a influência de outros estilos na musicalidade caipira. Boleros, guarânias, polcas, e mais tarde canções estrangeiras ou latinas compunham um cenário musical sertanejo riquíssimo, muito explorado pela indústria cultural. Em virtude disso, nas décadas de 1950 e 1960, várias

⁸⁵ NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

⁸⁶ NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

duplas caipiras trouxeram uma nova timbração e harmonização, em especial as duplas femininas, além do uso de novos instrumentos musicais que para a época eram considerados muito modernos. Pereira argumenta sobre esta vertente:

[...] Então isso vem se desenvolvendo a partir dos anos, e começa a modificar-se mais acentuadamente a partir de 1940 e 1950, quando surgem as duplas sertanejas femininas, que dão uma timbração urbana na interpretação, quando elas falam as palavras estropiadas, elas dão um timbre urbano, essas duplas sertanejas seriam as Irmãs Galvão, a mais famosa e duradoura, tem a dupla Cascatinha e Inhanha também por essa época, eles vêm com essa harmonização bastante avançada para a música sertaneja até então a música era harmonizada em terça, a partir de Inhanha e Cascatinha a harmonização fica muito mais ampla, muito mais clara e muito mais interessante e muito mais urbana também, e mesmo a timbração deles é uma timbração urbanizada. Cascatinha e Inhanha é coisa para você ouvir eternamente, tinha um excelente repertório, uns timbres bons de voz e essa harmonização avançada, e vai chegando no fim da época, e no fim da década, surge um dupla chamada Palmeira e Ibiá, essa dupla grava em 1959 um bolero, chamado Boneca Cobiçada, até então as duplas sertanejas só cantavam com gêneros tipicamente rurais, modas-de-violão, cateretê, etc e tal e outras coisas semelhantes, aí de repente Palmeira e Ibiá usa um gênero urbano, que é o bolero e que estava em um momento de grande sucesso, e não só o Boneca Cobiçada, gravaram outros boleros o que é importante que o Boneca Cobiçada foi um sucesso muito grande em todas as áreas, tanto na zona rural como na zona urbana, todo mundo que gostava de música gostava de Boneca Cobiçada, e daí para cá continua essa aproximação com o urbano, principalmente com as influências estrangeiras, música mexicana, música argentina, música norte-americana, porque nós tivemos aqui os rocks rurais, tinha o balanço, que era uma balada um gênero americano, dessas músicas estrangeiras a que mais influenciou a música brasileira, foi a música mexicana, através do Miguel Cerves Merria, então no Brasil apareceu uma porção de Migueis, Dino Franco, Didi Rodrigues, uma porção de cantores sertanejados procurando cantar aquela música mexicana, e também começou aparecer as duplas, como Pedro Bento e Zé da Estrada, Dino Franco e Morai, esse povo cantava em dupla⁸⁷.

Paralelo a isso, as aspirações culturais deveriam se alinhar às aspirações econômicas e políticas da época. A cultura deveria se modernizar. Para Roberto Schwarz:

O divórcio entre aspiração cultural e condições locais é um traço comum e quase se diria lógico da vida em colônias ou ex-colônias. [...] Cheia de dificuldades, a relação entre as aspirações de modernidade e a experiência efetiva do país se tornava um tópico obrigatório⁸⁸.

⁸⁷ Entrevista realizada no dia 14/02/08 com o Antônio Perreira da Silva, nas dependências da sua residência na cidade de Uberlândia – MG.

⁸⁸ Idem.

A intenção era reconstruir o país também no plano cultural e, mesmo configurando um desajuste extravagante, os costumes tradicionais apareceriam combinados com os modernos criando uma imagem pitoresca desta cultura. Assim, os costumes rurais que ainda persistiam passariam a ter não mais que um significado bucólico. “Com a sua parte de simpatia e de tolerância, mas também de absurdo e de primitivismo, essa mescla do tradicional e do moderno se prestava bem a fazer o emblema pitoresco da identidade nacional”⁸⁹, adverte Schwarz.

O novo estilo musical que aos poucos ia ocupando os horários nobres no rádio em detrimento da música sertaneja era a bossa nova. Mas isso não significava que a música sertaneja perdia público ou deixasse de ser lucrativa, pois este estilo continuava com grande aceitação e um público fiel, principalmente de origem interiorana ocupando, contudo, horários secundários na grade de programação. Nas décadas seguintes, este gênero musical novamente sofrerá reformulações profundas, aproximando-se do “show business” atual.

As novas safras de cantores inauguradas pela dupla Tibagi e Miltinho, a partir da década de 1960, embarcavam decididas rumo à modernização do som sertanejo. Belmonte e Amarai, Léo Canhoto e Robertinho e os contemporâneos Chitãozinho e Xororó são filhos desta renovação. Segundo Rosa Nepomuceno, nesta fase “guitarras e violas já terçavam cordas”⁹⁰. E não se tratava apenas de uma reformulação instrumental, a estética das composições também mudava. As composições não cantavam mais a paixão de um caipira por uma cabocla; o sertanejo cantava agora romances urbanos. Nepomuceno sugere que Lourenço e Lourival tenham inaugurado “[...] uma linguagem mais afogueada para falar de amor, trocando os beijos da tímida caboclinha debaixo de pés de ipês pelo amor de moças fogosas em camas macias de motel”⁹¹. É a partir desse momento que a música sertaneja sofre diversas transformações até chegar aos padrões que temos hoje. Uns ainda gravando o estilo sertanejo raiz ou moda de viola, outros o sertanejo romântico, tentando evitar qualquer tipo de comparação com o estilo caipira, como é o caso da dupla Zezé di Camargo e Luciano que, mesmo de origem interiorana, hoje em nada lembram a dupla que começou sua carreira nos circos cantando modas caipiras.

⁸⁹ Ibidem, p. 02.

⁹⁰ NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

⁹¹ Idem, p. 168.

Essas alterações na forma de falar, no vestuário, na instrumentalização, na harmonização, dentre outras inovações, foram acentuadas a partir da década de 1970, a exemplo de Milionário e José Rico, Goiá e Léo Canhoto e Robertinho. Essas duplas, ao aderirem à modernização de seus estilos, automaticamente, optam por gravar temáticas voltadas para a vida na cidade, às relações amorosas e ainda reforçando a imagem do homem urbano. Isto tudo para que suas gravações tivessem boa aceitação no mercado consumidor. Caldas expõe com clareza estas estratégias:

Esse gênero musical durante muito tempo ficou circunscrito à imagem do homem do interior e do meio rural brasileiro. A partir da década de 1970, essa mesma imagem ganha a dimensão de algo moderno e definitivamente ligado ao meio-urbano-industrial. E mais: a indumentária, o linguajar e a aparência visual procuravam agora identidade com a juventude urbana e com os jovens ídolos da música pop. Atualmente, a chamada música sertaneja tem esse perfil. As novas duplas lançadas no mercado fonográfico, através da televisão, de shows na capital e no interior, entre outros recursos, são formadas por jovens plenamente familiarizados com a vida urbana. Eles já não falam mais o “r” puxado do caipira paulista e, mais do que isso, suas canções não cometem erros gramaticais intencionalmente como ocorriam em outras épocas. Basta ouvir, Theodoro e Sampaio, Chitãozinho e Xororó, João Paulo e Daniel, dentre outras duplas⁹².

A música sertaneja urbanizada e seus representantes conseguem adentrar nos maiores veículos de comunicação do Brasil, tornando-se sucesso de público, venda e shows, enquanto a música caipira passa por momentos de dificuldades, com redução nas vendas de discos, além do que poucas duplas conseguem emplacar seus sucessos e se apresentarem em programas de repercussão nacional. Diante desse contexto, a fim de reverter esta situação, a própria música caipira juntamente com o mercado fonográfico procura fazer modificações, uma vez que há vasto mercado consumidor para este gênero musical. Tal atitude pode ser vista claramente na trajetória artística de Pena Branca e Xavantinho.

⁹² CALDAS, Waldenyr. Revendo a música sertaneja. **Dossiê Brasil Rural**. São Paulo: dez-fev. 2005.

2.2 – Pena Branca e Xavantinho e a Indústria Cultural

Na década de 1980, para entrar e se firmar neste mercado fonográfico e serem reconhecidos pelo público através de seus trabalhos, Pena Branca e Xavantinho tiveram que alterar seu repertório e até mesmo o figurino, modificando a imagem de caipira que haviam adquirido. Esta transformação era necessária, uma vez que a música caipira raiz era vista pela mídia como atrasada frente às duplas de sucesso que se modernizaram, tal como Chitãozinho e Xororó.

Em outras palavras, o caipira ainda era visto segundo um estereótipo de um personagem ingênuo, preguiçoso e analfabeto⁹³, e, portanto, depreciado pela sociedade brasileira que se modernizava. Então houve a necessidade de encontrar uma imagem que se adequasse à forma e ao conteúdo não só no jeito de cantar, mas também no repertório, daí o bordão de novos caipiras da música raiz. Pereira salienta esta aproximação da música caipira e urbana na carreira artística de Pena Branca e Xavantinho:

E considerando que a música tomou esse embalo e em determinado momento muitos compositores da área urbana quer dizer já realizados como músicos urbanos, como Milton Nascimento, como Fagner, Tavinho Moura, Ivan Lins, muitos outros. E esses compositores

⁹³ Ver sobre o caipira brasileiro: YATSUDA, Enid. Ecléa. O caipira e os outros. In: __ BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2003; CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas cidades, 1975; VALTER, Cassalho. **Picando fumo – Crônicas da roça**. In: __. São Paulo: Editora Vozes, 2000; AMADEU, Amaral. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976; BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **Os Caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

começaram a usar temas rurais e fazer músicas bem urbanas, temas rurais e músicas bem urbanas, nesse espaço aparece uma dupla que faz o movimento inverso que é Pena Branca e Xavantinho, porque eles pegam essas músicas cujos temas foram buscados lá na vida rural e trazidos para o urbano e a devolvem para o rural, cantam a mesma música com uma timbração e com uma interpretação, com uma fala rural, com um acompanhamento rural, o exemplo mais típico é o Cio da Terra, que eles buscam cá no urbano e vão levar lá para o rural, devolvem entendeu. O trabalho deles é um trabalho de recuperação rural de uma música que foi urbanizada então é um trabalho inverso e nisso eles são muito importantes, apesar de serem assim uma dupla original porque eles têm muito do Tonico e Tinoco, o Tonico e Tinoco nunca fizeram isso que eles estão fazendo. Eles estão fazendo este trabalho, ou fizeram este trabalho, e acredito que o Pena Branca continue fazendo, o que é muito importante⁹⁴.

Na década de 1980, os novos-caipiras surgem em sua maioria apresentando laços estreitos com a música urbana, adequando os sucessos da MPB à linguagem das violas. Exemplos de cantores dessa vertente sertaneja são Almir Sater, Renato Teixeira, Rolando Boldrin e Pena Branca e Xavantinho. Neves, ao analisar a música sertaneja caipira, bem como sua variante moderna, apresenta essa nova matriz da música sertaneja raiz:

[...] e os dos novos-caipiras – músicos saídos das universidades, dispostos a retrabalhar a música “raiz”. Estes criaram um circuito de gravadoras independentes e apresentações em teatros, entre São Paulo, Belo Horizonte, já se irradiando até o Rio de Janeiro. Acreditamos serem os detonadores desse movimento os cantores/compositores Renato Teixeira e Almir Sater, entre outros⁹⁵.

Neste novo cenário musical sertanejo, Neves caracteriza os artistas Pena Branca e Xavantinho como legítimos representantes dos neo-caipiras, mesmo que não advindos das universidades:

[...] Essa imagem que se criou e que permanece, apesar de sabermos existir, nos dias de hoje, fazendo enorme sucesso, violeiros-cantores da moda de viola, da música raiz, tais como Xavantinho, da extinta dupla Pena Branca e Xavantinho e Almir Sater, violeiros sofisticados, que passeiam entre as modas de viola e o blue. Como se sabe, esses cantores não fogem muito à tradição da indumentária, tendo modificado, apenas o estilo de calça, do chapéu e do linguajar, que se tornou mais culto, obviamente. No entanto, os temas e as principais características da música raiz persistem⁹⁶.

⁹⁴ Entrevista realizada no dia 14/02/08 com o Antônio Pereira da Silva, nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG).

⁹⁵ Neves, Eugênio Pacelli da Costa. *Análise contrastiva do discurso da música sertaneja: a música sertaneja caipira e a sua variante moderna*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002, p. 12.

⁹⁶ Idem, p. 93.

Estas transformações são visíveis na capa do CD “Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho, ao vivo em Tatuí”, que rendeu à dupla o disco de ouro. Na capa do álbum lançado em 1992 pela Kuarup, pode-se notar uma imagem de três caipiras com vestimentas bem alinhadas e uma postura lembrando o homem urbano, diferente do caipira mal arrumado. As canções mesmo com temáticas campais possuem poucos erros de português e há a introdução de outros instrumentos no repertório dos cantores:



Capa do disco “Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho ao vivo em Tatuí”

Mesmo com as mudanças já mencionadas, a dupla não perdeu as principais características da música caipira, e isto rendeu à Pena Branca e Xavantinho parcerias e composições da MPB, inserção de suas obras nos grandes veículos midiáticos, amenizando a imagem distorcida que o público tinha de cantores caipiras no sentido depreciativo, pois passaram a serem reconhecidos como representantes de um estilo genuíno, puro e de bom gosto. Essas inovações estão presentes no terceiro LP desses artistas, gravado em 1987, chamado “Cio da Terra”. Este trabalho contou com a participação de cantores como Milton Nascimento, Tavinho Moura e a direção deste último, e alcançou sucesso de crítica, de público e de venda, conseguindo unir a música urbana ao gênero caipira. A tabela 1 referente ao LP “Cio da Terra”⁹⁷, lançado pela

⁹⁷ O sucesso foi obtido com o LP “Cio da Terra”, com a participação especial do cantor Milton Nascimento abrilhantando o espetáculo da dupla mineira e colaborando para uma vendagem de aproximadamente 300 mil cópias.

gravadora Continental, contém as músicas, compositores e intérpretes que ajudaram Pena Branca e Xavantinho a serem conhecidos em todo o Brasil:

Pena Branca e Xavantinho - Continental- 1987 - Cio da Terra				
Faixa	Música	Compositores	Intérpretes	Gênero Musical
1	Encontro de Bandeiras	Xavantino e Tavinho Moura	Pena B., Xavantinho e Moura	Sertanejo
2	Cuitelinho	Wagner Tiso	Pena B. e Xavantinho	Folclore
3	Perguntas	Xavantinho e João Carvalho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	O aboitador	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Gente que Vem de Lisboa e Peixinho do Mar	Fernando Brant e Tavinho Moura	Pena B., Xavantinho e Moura	Folclore
6	Cantiga - Caicó - Folclórico	Lobos - Teca Calazans	Pena B. e Xavantinho	Folclore
7	Maria Louca	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena B., Xavantinho e Milton	MPB
9	Canoa do Rio	Renato Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Moda e Viola	Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	O Grande Sertão	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Vaca Estrela e Boi Fubá	Patativa Assaré	Pena B. e Xavantinho	Folclore

Tabela I – Principais características do LP “Cio da Terra” gravado em 1987 pela Continental
Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

A inclusão de músicas da MPB nos discos da dupla resulta, como mostra a tabela 1, na prática de uma estratégia da indústria fonográfica em atingir um público maior, sobretudo, a classe média. Isto nos leva a acreditar que estes consumidores, em sua grande parte, moram nos centros urbanos, mas possuem forte ligação com o campo. Essa conexão se dá em passeios nas roças, em visitas ou período de férias, por histórias

contadas por parentes e pelo fato de o próprio Brasil possuir lastros de sua economia baseados na agroexportação.

Simultânea à ampliação do mercado consumidor, existe uma preocupação na construção de uma imagem idônea da dupla perante o seu público. A indústria cultural ao selecionar de canções da música urbana, que tinham por temática a vida no campo, reforçava a figura de Pena Branca e Xavantinho como dois cantores caipiras simples e “cult”. Ou seja, o repertório ao estilo MPB da dupla Pena Branca e Xavantinho, em grande parte, faz alusão ao campo, aos aspectos da natureza, e mostra a brasilidade que este país possui desde o seu “descobrimento”. Como exemplo, pode-se citar “Planeta Água”, de Guilherme Arantes, “Cio da Terra” de Chico Buarque e Milton Nascimento, entre outras:

[...] Água que nasce na fonte/ Serena do mundo/ E que abre um/ Profundo grotão/ Água que faz inocente/ Riacho e deságua/ Na corrente do ribeirão... /Águas escuras dos rios /Que levam/ A fertilidade ao sertão/ Águas que banham aldeias/ E matam a sede da população.../ Águas que caem das pedras/ No véu das cascatas ronco de trovão/ E depois dormem tranquilas/ No leito dos lagos, no leito dos lagos/ Água dos igarapés onde lara mãe d'água/É misteriosa canção/Água que o sol evapora/ pro céu vai embora/Virar nuvens de algodão/Gotas de água da chuva/Alegre arco-íris sobre a plantação/Gotas de água da chuva/ Tão tristes são lágrimas na inundação/Águas que movem moinhos/ São as mesmas águas/Que encharcam o chão/E sempre voltam humildes/ Pro fundo da terra, pro fundo da terra/ Terra! Planêta Água/ Terra! /Planêta Água /Terra! Planêta Água...(2x)⁹⁸.

Logo a referida dupla consagra-se como produtora de músicas de alta qualidade sonora, que são consumidas por uma seleta platéia de classe média intelectualizada. Assim, fixam sua imagem “humilde” de representantes autênticos da música caipira brasileira ao lado de ícones da MPB. Tal é a importância dessa dupla que Ulhôa afirma:

[...] A história da música sertaneja pode ser dividida em três fases. De 1929 até 1944, como música caipira ou música sertaneja raiz; pós-guerra até os anos 60, numa fase de transição; e no final dos anos 60 até a atualidade, como música sertaneja romântica. Essa divisão aponta para o aparecimento dos estilos, mas não para sua extinção. Ainda se compõem canções em todos os estilos, e mesmo duplas que cantam música de temática moderna (como por exemplo, Chitãozinho e Xororó), mantém no seu repertório canções no estilo tradicional. Na música sertaneja raiz os cantadores interpretam principalmente moda de viola e toadas. Artistas representativos desta tendência, mesmo que

⁹⁸ ARANTES, Guilherme. Planeta Água. In: Pena Branca e Xavantinho. **Coração Matuto**. São Paulo: Paradox, 1998. 1 Disco Sonoro.

gravando em época posterior, são Cornélio Pires, Tonico e Tinoco e Pena Branca e Xavantinho⁹⁹.

A canção “Cio da Terra” foi regravada inúmeras vezes no decorrer da carreira artística da dupla caipira, e isto foi um dos fatores responsáveis pelo sucesso de Pena Branca e Xavantinho no Brasil e no exterior, inclusive com shows nos EUA e Europa. A gravação contou com a participação especial de Milton Nascimento, que durante um período se apresentou com a dupla em shows e em programas de televisão, contribuindo para o seu sucesso. Maria Aparecida, apelidada por Cida, ressalta que tal disco era o que a dupla precisava para o início do estrelato:

[...] Quando eles gravaram o Cio da Terra com o Milton Nascimento, aí foi uma repercussão muito grande, acredito que foi a nota 10 que faltava pra passar na prova e daí pra cá é isso aí. O Renato Teixeira deu muito apoio, e até hoje ele é piolho lá de casa de São Paulo, mais o Milton Nascimento não tem aquele contato tão assim do dia-a-dia, as distâncias e os compromissos é muito grande, quanto de um lado, quanto do outro, mais tem aí, o Milton Nascimento, Renato Teixeira, tem muita gente boa. Até aquelas meninas Edna e Edna, também gravou música do Ranulfo, as irmãs Galvão estão sempre lá em casa, eu acho que chegou onde queria, ou às vezes nem queria porque pensava assim que jamais iria chegar onde chegou, eu acredito que tá satisfeito, tirando, assim a tristeza que às vezes bate, de hoje a ausência do Xavantinho, e agora ausência da minha mãe que foi recente né, mais tá feliz¹⁰⁰.

A letra de “Cio da Terra” sintetiza de alguma forma a vida campal levada por milhões de brasileiros, inclusive por Pena Branca e Xavantinho. Assim, ao cantar esse vínculo do brasileiro com a terra, a dupla acaba de alguma forma cantando sua trajetória de vida e suas vivências e sentimentos na zona rural. A letra ainda aborda o ciclo da cana-de-açúcar, algo presente na vida do trabalhador brasileiro e pode lembrar outros meios de subsistência vindos da terra. As palavras trigo e mel, utilizadas na canção, realçam a riqueza do campo, a sua produtividade e abundância, e podem estar associadas às palavras dentro da doutrina cristã, fazendo referência ao alimento espiritual e físico. O mel representa uma terra de fartura, desprovida de fome e doenças. A canção “Cio da Terra” cedida à Pena Branca e Xavantinho por Chico Buarque estabelece o vínculo entre suas origens na vida no campo e a sua performance artística reforça o saudosismo e a nostalgia da vida rural. O próprio título da música faz

⁹⁹CARVALHO, Marta de Ulhôa. Música sertaneja em Uberlândia na Década de 1990. *ArtCultura*. Uberlândia: Edufu, n. 9, jul./dez. 2004, p. 60.

¹⁰⁰ Entrevista realizada no dia 28/11/07 com a Maria Aparecida, irmã da dupla, nas dependências da sua residência na cidade de Uberlândia (MG).

referência a isto, o que implica num elo incondicional do homem com a terra e ainda exprime a história de vida da dupla caipira:

Debulhar o trigo/ Recolher cada bago do trigo/Forjar no trigo o milagre do pão/E se faltar de pão/ Decepar a cana/Recolher a garapa da cana/Roubar da cana a doçura do mel/Se lambuzar de mel./ Afagar a terra/Conhecer os desejos da terra/Cio da terra/Propícia estação/E fecundar o chão¹⁰¹.

Os versos “Afagar a terra/Conhecer os desejos da terra/Cio da terra/Propícia estação/E fecundar o chão”, da canção “Cio da Terra”, salientam que quando a terra é bem tratada, cuidada com carinho, isto implica investimentos no setor agrário, não para aumentar a degradação do solo ou acentuar as mazelas do campo, e sim propiciar boas condições para uma terra produtiva (como mostra a música ao falar do mel) que permita o homem do campo ser feliz, ter um bom posto de trabalho, e assim contribuir para a economia do país e preservação dos costumes da vida do campo.

Esta canção foi composta por Chico Buarque e Milton Nascimento em 1976, período da História do Brasil marcado pelo centralismo dos militares. Portanto “Cio da Terra” faz uma crítica severa ao descaso com o caipira brasileiro, sua terra, sua cultura em nome da ordem e do progresso.

As parcerias com artistas de renome nacional, e até mesmo internacional ajudaram Pena Branca e Xavantinho a serem respeitados e conhecidos no Brasil como artistas representantes da música caipira e cantores que preservam e divulgam a cultura brasileira. Um exemplo disso foi o total apoio de Milton Nascimento na gravação do LP “Cio da Terra”, marco significativo da carreira desses músicos. O escritor Lopes, em seu artigo no Estado de Minas, intitulado “Emoção Sertaneja”, fala da importância da relação estabelecida entre Milton Nascimento e Pena Branca e Xavantinho:

Um dos grandes momentos na vida dos irmãos, no entanto, ocorreu quando Milton Nascimento, incentivado por Tavinho Moura, cantou com eles “Cio da Terra”, em um programa de televisão. O sucesso foi tanto que o nome da música acabou virando em 1987, o nome do terceiro elepê que gravaram. O álbum, produzido por Tavinho Moura, foi considerado pela crítica especializada como um dos melhores da música sertaneja já produzidos no país¹⁰².

¹⁰¹ CHICO, Buarque; NASCIMENTO, Milton. Cio da Terra. In: Pena Branca e Xavantinho e Milton Nascimento. **Cio da Terra**. São Paulo: Continental, 1987. 1 Disco Sonoro.

¹⁰² Emoção Sertaneja. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, p. 2, 20 de abr. 2001.

Isto gabarita esses artistas a representarem uma “autenticidade de um gênero musical”, haja vista que cantam a exuberância da natureza brasileira. Como consequência, artistas da MPB cedem suas composições para que Pena Branca e Xavantinho pudessem apresentá-las a seu público, por meio de suas interpretações carregadas de brasilidade.

No encarte do CD “Coração Matuto”, lançado em 1998 por Pena Branca e Xavantinho, com a participação especial de Milton Nascimento, há uma declaração de Milton sobre a importância que a dupla tem no cenário musical brasileiro. Estas manifestações de apoio foram imprescindíveis para evidenciar a qualidade e legitimidade do trabalho dos referidos artistas:

Pena Branca e Xavantinho, manos do meu coração, sempre surpreendendo a gente cada novo disco, cada apresentação e cada gravação. Vocês são o máximo em música e pessoas. A gente já fez coisas juntos em várias ocasiões e foi sempre uma emoção, que nos levou as lágrimas e também aos ouvintes platéias. Sou grato por terem me chamado para fazer parte dessa dupla tão verdadeira. Mais um CD na rua, mais uma emoção para todos nós. Felicidades e estou sempre às ordens. Com muito amor Mano Vêio Milton Nascimento¹⁰³.

A capa do CD “Coração Matuto”, logo abaixo, exprime estas características: *artistas simples, originais e com incrível qualidade sonora*:



Capa do CD “Coração Matuto”, lançado em 1998 pela Gravadora Paradoxx

Outros nomes como Djavan, Fagner, Tavinho Moura, Rolando Boldrin, Renato Teixeira e Almir Sater também fizeram parte da carreira da dupla Pena Branca e

¹⁰³ Homenagem declarada por Milton Nascimento aos artistas Pena Branca e Xavantinho, publicada em 1998, no CD Coração Matuto do mesmo ano.

Xavantinho, mantendo-se como parceiros da dupla mineira, ajudando-os a ingressarem no competitivo mercado fonográfico. Esta ajuda dada por estes artistas era bastante diversificada, isto é, poderia ser nas gravações dos CDs e LPs, como convidados especiais em algumas canções, elaboração de turnês de shows, sobretudo turnês internacionais, apresentações em programas de televisão e rádio e até empréstimos de composições. Nepomuceno relata como foram construídas estas parcerias que culminaram em sucesso:

Cantando seu coração matuto, seus berrantes tristes, suas cavalgadas na contramão, suas despedidas pungentes, seus amores singelos e sua fé cega, a dupla firmou a ligação entre a música rural e a popular urbana, no rastro aberto por Renato Teixeira – seu grande amigo. Para isso teve o apoio de artistas importantes. Quando chegaram ao disco, Pena Branca e Xavantinho já trouxeram um repertório original: músicas próprias, outras de autores sertanejos, e também de grandes nomes da música popular brasileira, como Milton Nascimento, Djavan e Caetano Veloso – que, se não nasceram na roça, são interioranos de fato e, muitas vezes, de inspiração. As alianças e amizades nasceram espontaneamente, com Rolando Boldrin, Renato Teixeira, Milton, Tavinho Moura. Já no primeiro disco, em 1981, mostram harmonia com “Cio da Terra” (de Milton Nascimento e Chico Buarque), “Travessia” (Milton) e “Disparada” (de Geraldo Vandré e Théo de Barros). A dupla surpreendeu¹⁰⁴.

É neste panorama que os cantores caipiras Pena Branca e Xavantinho conseguem espaço na mídia até então alcançados por poucas duplas do mesmo gênero. Ao lado de músicos de grande expressão e popularidade nacional, dentre eles Milton Nascimento, Renato Teixeira e Rolando Boldrin, iniciam suas apresentações nos programas da Rede Globo, a exemplo, o *Som Brasil*¹⁰⁵ comandado primeiramente por Boldrin e posteriormente por Lima Duarte nas manhãs de domingo. O programa possuía boa audiência e, conseqüentemente, possibilitava uma ampla divulgação de suas canções. Bolinho, em seu depoimento, demonstra que o apoio de Boldrin foi preponderante para a divulgação do trabalho da dupla:

Rolando Boldrin foi a chave, foi o primeiro contato de televisão foi com eles, foi no programa do Rolando Boldrin que foi no **Som Brasil**. E eu lembro de uma vez que até eu assustei, quando eu vi um programa na Globo, o Chico Buarque e Milton Nascimento, e o Milton levou eles na Globo, que a Globo sertanejo nem pensava né, levaram eles no

¹⁰⁴ NEPOMUCENO, Rosa. Pena Branca e Xavantinho: Vozes em terças namoram a MPB. In: **Música Caipira**. São Paulo: Editora: 34, 1999, p. 381.

¹⁰⁵ O Programa Som Brasil tinha a preocupação de revelar artistas e canções que estivessem fora dos grandes veículos midiáticos e representariam a cultura brasileira.

programa e eles apresentaram, nossa eu quase caí, falei “poxa mas que moral na Globo” levado para cantar a música que com o Chico né, Chico e Milton fizeram **Cio da Terra**, para mim foi uma coisa que nem dormi esta noite, agora pensei acabou de consagrar mesmo, porque na Globo naquela época música sertaneja a Globo não tocava e ninguém aparecia né na tela da Globo cantando música sertaneja, foi um dos primeiros, aí que foi aquele estouro danado, e sempre a gente falava né. Um dia liguei para eles e falaram “Oh mano véio, você viu? Fomos na Globo”. E falei “Agora consagrou, agora acabou, pode largar”¹⁰⁶.

A colaboração de Boldrin não se restringiu apenas à participação da dupla em seu programa, mas também ele foi o responsável por promover a organização de caravanas de shows, empresariou a dupla durante um certo tempo, compôs músicas para eles gravarem, além de dirigir a elaboração de alguns LPs. Cida, irmã da dupla, comenta sobre a importância da relação de Boldrin com a carreira artística dos irmãos:

[...] Lá eles passaram por várias pessoas sem conhecer nada, é igual eu te falei participando de festival e tal, Rolando Boldrin foi empresário deles [...] Boldrin ajudou bem no começo eu não sei porque, como, e até quando foi é tanto que até hoje a gente vê, ele tem um programa chamado “Senhor Brasil”, e a gente olha assim no palco e tem fotos do disco, não sei se é cartaz deles lá, como de outras pessoas mais¹⁰⁷.

Vale salientar que os empresários com quem a dupla trabalhou no decorrer das décadas de 1980 e 1990 foram importantes para inserção e êxito no mercado fonográfico. Por meios destes profissionais, Pena Branca e Xavantinho conseguiram fazer vários shows pelo Brasil, parcerias com outros artistas, auxílio na direção da gravação dos CDs e LPs, etc. Cida expõe sua opinião a respeito dessa ajuda:

[...] depois eles mesmos, contratando show pra eles mesmo né, e então até que veio, como eu já te falei o Cláudio Sting, a Leo, a melhor época da vida deles, a Leo, e depois veio o Carlos que umas coisas aconteceu, mais Deus toma conta, e o povo que é o Roma, não lembro o nome, mais agora ele tá com o Jaime, o Zé não é aquela pessoa egoísta, ele não é aquela pessoa assim alvorada, eu vou ganhar e não vou fazer nada, ele dando pra sustentar ele, e vivendo a vidinha dele ele tá satisfeito. Nós da nossa família a mamãe criou nós assim “O pouco com Deus é muito, muito sem Deus não é nada”, então é isso aí, é um humilde, foi humilde, cresceu na humildade, conheceu lugares maravilhosos, fica em hotéis chic e tudo, mais é muito humilde, não adianta, então ela não tem os olhos grandes pra essas coisas do mundo, que o mundo oferece, tipo cristal e diamante brilhando não, fica mesmo só no dia-a-dia, a casa do Caipira, é a terra, e a lenha, o mato é isso.¹⁰⁸

¹⁰⁶ Entrevista realizada no dia 13/11/07 com João Rodrigues, apelidado de Bolinho, nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG).

¹⁰⁷ Entrevista realizada no dia 28/11/07 com a Maria Aparecida, irmã da dupla, nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG).

¹⁰⁸ Entrevista realizada no dia 28/11/07 com a Maria Aparecida, irmã da dupla, nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG).

Todas estas estratégias provenientes da indústria cultural deram muitos frutos aos caipiras Pena Branca e Xavantinho, como um relativo retorno financeiro, popularização das suas imagens e o título de legítimos representantes da cultura caipira. Além de todas estas conquistas, os artistas supracitados, conseguiram emplacar gravações dos seus LPs e CDs nas maiores gravadoras do Brasil, dentre elas Paradoxx, Continental, Kuarup e RGE. Isto possibilitou que iniciassem uma carreira internacional de relativo sucesso. Xavantinho comenta sobre os convites recebidos para apresentações em outros países, sem se desvencilharem da imagem de artistas humildes e simples:

Olha, quando chega lá pra cantar a música brasileira, ela principalmente na América na cidade, ela tem uma diferença brutal, porque é uma música que tem alma, sentimento, até mesmo as pessoas que a gente nem sabe que eles falam, o dialeto totalmente diferente, e pessoas ali acostumadas a ouvir Sinatra, Beatles né, pega duas violas que não tem o barulho daquela guitarra de corda vibrantes, eles pararam em frente o trabalho e manifestaram-se muita alegria, e até mesmo lágrimas chegaram a verter, foi muito bom e a gente tá sendo convidado pra volta, pra fazer mais, nós pegamos o litoral da Flórida, até Nova York, sempre Boston, Washington, né aqueles Estados pequenos Massassutes, Flanders estamos andando bastante por aí, foi muito bom.¹⁰⁹

Esse espaço de divulgação e construção da imagem destes cantores também é percebido em jornais de circulação nacional e local, como exemplos, o Correio de Uberlândia, o Primeira Hora, a Folha de S. Paulo, o Estado de Minas, geralmente fazendo elogios à dupla no que se refere ao seu repertório, à temática das músicas gravadas e ainda por preservarem a imagem de pessoas que não perderam suas raízes do campo:

[...] Gente simples, de origem humilde, para não fugir à regra eles também são românticos. Suas letras falam do amanhecer na fazenda, do canto do galo, da mulher da terra, da lavoura ou da viola. Cantando juntos desde 1962, os irmãos Pena Branca e Xavantinho formam uma das duplas mais requisitadas para shows em feiras e festas do Brasil afora. [...] De Uberlândia para São Paulo, a trajetória musical dos dois irmãos não foi fácil. O pai e a mãe, que cantavam nos pagodes de roça ou nas danças de barraco, foram um incentivo para os filhos. De 62 a 68 a vida deles resumia em apresentações nas emissoras de rádio de Uberlândia. Vir para São Paulo foi o primeiro passo para a conquista de novos horizontes¹¹⁰.

¹⁰⁹ Entrevista concedida à TV Universitária no ano de 1997.

¹¹⁰ O Som de lá. **Folha da Tarde**. São Paulo, p. 11, 01 nov. 1988

É neste sentido, ao adjetivar a imagem de Pena Branca e Xavantinho como pessoas pobres e humildes, que se ressalta seus esforços para obter sucesso e de como é possível, mesmo com a sua simplicidade sem perder de vista a valorização da vida campestre, enaltecer a imagem do país, que por estas alturas era sucesso de safras agrícolas e recorde de exportação.

O próprio nome artístico da dupla faz alusão aos índios, à brasilidade, a uma identidade nacional, agora agroexportadora. Ainda que desrespeitasse os problemas sociais vividos na zona rural, não se podia negar, que esta atividade trazia dividendos para a nação. Vale lembrar que é possível fazer uma correlação entre o auge da carreira dos músicos arrolados acima e o momento social dos Sem-Terra. O jornal O Globo, em 1999, publica um artigo no qual reforça a imagem de dois cantores trabalhadores e perseverantes que com extrema dificuldade conseguiram vencer na vida (profissionalmente):

A perseverança de Pena Branca e Xavantinho, porém, ganhou a admiração do Brasil e de nomes como Milton Nascimento e Caetano Veloso. Aos 56 anos, 37 de carreira, Ranulfo Ramiro da Silva guardava cada palavra de elogio com indisfarçável orgulho. Nascidos no arraial de Cruzeiros dos Peixotos e criados em Uberlândia, Xavantinho deu duro na roça com Pena Branca, e com os outros cinco irmãos. Desde pequeno, saía de casa para tocar num conjunto da Rádio Difusora da cidade. No começo, a dupla se chamava Xavante e Xavantinho. Pena viria depois, quando abandonou definitivamente o emprego de carregador de caminhão¹¹¹.

Ainda sob este prisma, é possível pensar que o repertório de Pena Branca e Xavantinho continua emblemático e nostálgico, em outras palavras, a temática é de um viver rural idealizado e que por isso mesmo reforça as tensas relações sociais vigentes.

Em nível regional, os jornais Correio de Uberlândia e Primeira Hora, ligados às oligarquias rurais locais, nos artigos sobre a dupla caipira, não deixaram de aludir ao progresso de Uberlândia e região. Tais veículos de comunicação desejavam construir uma memória regional do progresso e da ordem, de forma a escamotear os problemas sociais. Então surge a dupla Pena Branca e Xavantinho, filhos desta terra, exemplos deste ideal de vida:

Pena Branca e Xavantinho, uma dupla de irmãos cantores e tocadores, criados na grande Uberlândia, são atração do projeto Música no Ar, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, nos dias 22 e 23, às 20:30, no Teatro Rondon Pacheco.

¹¹¹ Xavantinho, 56 anos. **Jornal O Globo**. São Paulo, p. 05, 09 out. 1999.

José Ramiro Sobrinho (Pena Branca), ainda pequeno aprendeu no cavaquinho com o pai a tocar de “orelha” as primeiras notas que, em pouco tempo, seriam transportadas para a viola. Não tinha jeito, a música estava no sangue.

Ranulfo Ramiro da Silva (Xavantinho), garoto curioso, simples e humilde como o irmão, também encontrou na música uma forma de vida natural e sem fronteiras. Eles deram duro na roça, com os pais e mais cinco irmãos, mas nas horas das festas, a música falava mais alto. *Pena tocava viola e tratou de convencer Xavantinho a formar dupla*¹¹².

Com a redemocratização do país, grupos ligados ao PMDB assumem a cena política nacional. Na região de Uberlândia, a década de 1980 é marcada pelo slogan da Democracia Participativa. Com ela, persiste o objetivo de se construir a imagem de uma administração de caráter popular, honesta e, acima de tudo, democrática. Neste período, o governo de Zaire Resende incentiva as associações¹¹³ dos mais diversos tipos (de bairro, saúde, culturais, dentre outros), para discutir os problemas do município e a melhor forma de resolvê-los¹¹⁴.

*Embora essa administração tenha sido entendida por estudiosos do tema como um governo de perpetuação da ordem social que, com atitudes paliativas, apenas arrefeceu os conflitos latentes, não se pode negar*¹¹⁵ que o campo cultural ganhou importância no governo peemedebista, especialmente com a criação da Secretaria Municipal de Cultura, em 1983. Apesar de sua institucionalização, as práticas populares culturais ganhariam mais incentivos financeiros e visibilidade, bem como a sua veiculação na mídia. Tanto os eventos tradicionais dos excluídos sociais – Folias de Reis, Congadas, Hip-Hop e espetáculos musicais realizados em praças por artistas desconhecidos, e a valorização de espaços como as Casas de Shows e clubes tradicionais, cinemas, teatros e práticas recreativas, tiveram apoio do PMDB. Este apoio reforça a intenção de se construir uma imagem diferenciada de um governo popular que também se preocupava com a cultura do seu povo.

Ressaltam-se entre as diversas inovações de âmbito cultural a remodelação funcional e de concepção da Biblioteca Municipal, que passa a fomentar atividades lúdicas aos usuários infantis, além do carro biblioteca, que vai até aos bairros. Inaugura-

¹¹² Pena Branca e Xavantinho canta sertanejo puro. **Jornal O Correio de Uberlândia**. Uberlândia, p. 17 21 mai. 1995.

¹¹³ Controladas de forma burocrática e centralizadora.

¹¹⁴ ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento Popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/1988. **História e Perspectivas**. Uberlândia: Gráfica UFU, n. 4, jan./jun. 1991, p. 107.

¹¹⁵ Ver sobre governo Zaire Rezende: SANTOS, Carlos Meneses Souza; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Uberlândia nas Linhas do Enfrentamento: a democracia participativa nas páginas da imprensa. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 33 – Especial de 2005, p. 239.

se a Casa da Cultura como um espaço de criação e exposição artísticas e, sobretudo, implementa-se o concurso nacional de dança (Festival de Dança do Triângulo)¹¹⁶ com alcance e divulgação até então não experimentados pelo setor¹¹⁷.

Toda essa popularização da cultura e o discurso da democracia participativa no governo Zaire Rezende, contribuiu para que a dupla Pena Branca e Xavantinho aumentasse significativamente o número de shows e vendagens de seus discos na região do Triângulo Mineiro.

Apesar dos benefícios conquistados pela dupla, empresários e gravadoras se enriqueceram explorando o sucesso alcançado, fato que infelizmente permanece até hoje com a carreira solo do Pena Branca¹¹⁸. Esta prática é evidenciada pelos baixos cachês recebidos por Pena Branca e Xavantinho pelos shows feitos e as porcentagens ganhas na venda dos discos, que eram quase nulas. Essa situação levou, na década de 1990, a divergências de autorias entre a dupla, as gravadoras e os empresários. *Calvino, que por um período foi empresário da dupla em direitos autorais, em seu depoimento fala das dificuldades sofridas pelos referidos cantores no mercado fonográfico:*

As gravadoras exploraram sim, todo o artista tem total direito de abrir mão de sua obra, a lei determina que quando o autor quer a sua música ela pertence o autor quando ele está vivo ou até 70 anos depois da sua morte no caso do Brasil para a família dele, mas hoje se o autor falar que quer dar a música para alguém e assinar contrato acabou, se eu pego a minha música e quero ceder a minha canção para alguma editora acabou, esse é o grande problema, eu posso fazer isso, então não deveria não e o correto, a editora deveria ser mais sincera, a editora pode ser uma pessoa física como uma pessoa jurídica, e tem a função de duplicar a obra e comercializa, apenas isso, só que a editora vem com sessão patrimonial de direitos, e ela só não vai mais duplicar e comercializa a obra, ela vai receber os direitos autorais de qualquer uso da música, sendo que se fosse da forma correta, toda vez que usasse a música quem deveria receber algo seria o compositor na sua integralidade do valor, agora como entra o editor e faz a sessão o que acontece é uma forma de explorar, é uma forma de aproveitar do desconhecimento e desespero do artista no começo de carreira, ele pensa se eu não assinar este contrato eu nunca vou conseguir fazer sucesso, então ele assina e abre mão das suas canções, até um pequeno embate que me chamaram para representar Hugo e Tiago que foram do fama da Globo, eu estava discutindo com a Carla e a advogada, a Carla é uma das donas do Endemol que faz o BBB e o Fama, estávamos

¹¹⁶ Posteriormente ocorria em espaços amplos como no UTC e Praia Clube.

¹¹⁷ SANTOS, Rafael Guarato. **A gente dança do nosso jeito dança de rua em Uberlândia: 1970/2007**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

¹¹⁸ Atualmente Pena Branca em carreira solo cobra seis mil reais por apresentação. Baixo valor para um artista que no decorrer da sua vida artística e pessoal foi um dos expoentes da cultura brasileira e preservação da mesma.

discutindo contrato e percebíamos de cara que eles iriam explorar, aí fui ser sincero porque fui contratado para isso, então falei a minha primeira visão jurídica e estava até o empresário do Daniel que ia assumir a dupla Hugo e Tiago, percebemos que isso é uma encruzilhada, que é a própria história do blue, você vai para a encruzilhada faz o pacto com o diabo pede a fama em troca a sua alma, ou seja abre mão da sua vida por causa do diabo, no caso que estamos falando eles dão a vida para eles em um contrato, abre mão da imagem, de todas as obras, com uma possibilidade de ter fama, porque a editora não pode garantir a fama, então o pessoal se submete a isso no começo de carreira, eu perguntei para Hugo e Tiago o que eles queriam, eles falavam queremos aparecer, fazer show, vender, ter sucesso o que eu posso te orientar enquanto advogado para vocês terem cuidado com os contratos, mas quem sou eu para saber o que vocês querem, eu como advogado e artista nunca assinaria um contrato com essas condições, isso é um absurdo. Mas outro problema é que os artistas não sabem trabalhar o nome e não sabem usar o marketing para ganhar grana, eles entram num cenário de muito gasto, uma vida social intensa e alto (o quê? gasto?) e de repente acaba os shows e então é aquela queda.¹¹⁹

Em suma, Pena Branca e Xavantinho podem ser entendidos como um produto cultural de uma época em que a indústria fonográfica aposta em um novo filão no mercado. Neste viés, a música caipira raiz da dupla é capaz de atingir um público intelectualizado, classe média, e outros setores da sociedade que de alguma maneira possuem ligação com o campo.

¹¹⁹ Entrevista realizada no dia 10/02/08 com Calvino Vieira Júnior nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG).

2.3 – Discos e Poética: Modernidade e Tradição

Neste trabalho, dividimos as canções gravadas pela dupla sertaneja Pena Branca e Xavantinho em quatro categorias. Portanto, o repertório é separado por gravações de músicas clássicas do mundo caipira, dentre elas “Luar do Sertão” e “Chico Mineiro”. A dupla ainda gravou músicas folclóricas da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e também de outras regiões. Xavantinho compôs e gravou inúmeras canções que aludem a um sentimento de melancolia da vida campestre perdida com o processo de modernização do campo. E por último, a dupla caipira possuía parcerias com artistas da MPB¹²⁰ concretizando a ligação com esse estilo musical, como exemplos, canções de expressividade nacional, dentre elas “Planeta água” de Guilherme Arantes, “Ciúmes” de Caetano Veloso, além de “Cio da Terra”, de Milton Nascimento e Chico Buarque.

Para melhor compreensão da discografia da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho, seguem abaixo dados das gravações em LPs, CDs e as principais coletâneas, álbuns, gravadoras e prêmios:

**Tabela 2: Levantamento Geral da Produção Discográfica da dupla Pena Branca e Xavantinho – LPs
1980-1999**

Disco	Gravadora	Ano	Intérprete (Parcerias)	Premiações
Velha Morada	WEA	1981	Pena Branca e Xavantinho	
Uma Dupla Brasileira	RGE	1982	Almir Sater e Rolando Boldrin	Prêmio Sharp
Cio da Terra	Continental	1987	Milton Nascimento, Tavinho Moura e Marcus Viana	
Canto Violeiro	Continental	1988	Fagner, Tião Carreiro,	

¹²⁰ Esse laço estreito com a MPB, suas parcerias e estratégias da indústria fonográfica foram mencionados anteriormente neste capítulo.

			Almir Sater e Oswaldinho do Acordeon	
Cantadô de mundo afora	Continental	1990	Pena Branca e Xavantinho	Prêmio Sharp
Ao vivo em Tatuí	Kuarup	1992	Renato Teixeira	Prêmio Sharp e Disco de Ouro
Violas e Canções	Velas	1993	Nã Ozzetti	

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Tabela 3: Levantamento Geral da Produção Discográfica da dupla Pena Branca e Xavantinho – CDs 1980-1999

Disco	Gravadora	Ano	Intérprete (Parcerias)	Premiações
Ribeirão Encheu	Velas	1995	Tavinho Moura, Tavinho Moura e Geraldo Vianna	
Pingo da água	Velas	1996	Pena Branca e Xavantinho	Prêmio Sharp
Coração Matuto	Paradoxx	1998	Pena Branca e Xavantinho Milton Nascimento	

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Tabela 4: Levantamento Geral da Produção Discográfica da dupla Pena Branca e Xavantinho – Coletâneas

Disco	Gravadora	Ano	Intérprete (Parcerias)	Premiações
Pena Branca e Xavantinho – Som da Terra	Continental	1994	Pena Branca e Xavantinho	Prêmio Sharp
Grandes Cantos Sertanejos	Kuarup	1995	Elomar, Xangai, Renato Teixeira, Pena Branca, Xavantinho, Sivuca	
Cantoria e Cantores 2	Kuarup	1997	Elomar, Pena Branca, Xavantinho, Vitor Ramil	
Raízes da música sertaneja – Pena Branca e Xavantinho	Warner	2000	Pena Branca e Xavantinho	
A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes – Pena Branca & Xavantinho	Sesc - SP	2000	Pena Branca e Xavantinho	
O melhor de Pena Branca e Xavantinho	Velas	-	Pena Branca e Xavantinho	
Warner 25 anos: Pena Branca e Xavantinho	Warner Music	2001	Pena Branca e Xavantinho	
Cantoria e Cantores 3	Kuarup	2001	Geraldo Azevedo, Isaac Brasil, Pena Branca, Zé Geraldo	
Cantoria Brasileira	Kuarup	2002	Elomar, Pena Branca, Renato Teixeira, Teca Calazans, Xangai	

<i>Caipirismo: Clássicos e jóias da música caipira</i>	kuarup	2005	Viola Quebrada, Pena Branca, Rolando Boldrin,, Renato Teixeira, Chico Lobo, Teca Calazans	
Warner 30 anos: Pena Branca e Xavantinho	Warner Music	2006	Pena Branca e Xavantinho	

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Percebe-se que os títulos dos álbuns comumente fazem de alguma maneira referências ao campo. Por exemplo, os títulos **“Cio da Terra”**, **“Ribeirão Encheu”** e **“Pingo d’água”** são nomes que fazem alusão a aspectos da natureza, à fartura do campo e à paixão pela vida campestre.

As obras **“Canto Violeiro”** e **“Violas e Canções”**, elencadas na tabela 2, apresentam aspectos pertinentes da vida cultural do caipira e do brasileiro que se identifica com as referidas práticas culturais. Ao mencionar as palavras viola e violeiro como título de capa, evidencia-se o belo canto e o som emitidos pelos instrumentos de corda e, conseqüentemente, a dupla Pena Branca e Xavantinho, que não perdeu suas raízes sertanejas. **“Caipirismo”**, **“Dupla Brasileira”** e **“Cantadô de mundo afora”** demonstram que estes cantores e compositores são artistas que preservam a cultura genuinamente brasileira, ou seja, possuem sua origem no campo e por meio de sua vida e obra propagam estes valores a todas as faixas etárias, e até mesmo para pessoas que residem fora do Brasil.

Na maioria das obras há a participação de artistas conhecidos nacionalmente ou na suas respectivas regiões, como Milton Nascimento, Fagner, Renato Teixeira, Boldrin e Viola Quebrada. De alguma maneira, estes cantores e compositores possuem vida e obra fundamentadas, mesmo que indiretamente, na vida bucólica.

Em síntese, boa parte das pessoas ao ouvirem as diversas músicas nos inúmeros LPs, CDs ou Coletâneas, têm despertada a saudade da vida na zona rural, das festas, da relação com os amigos, da tranquilidade, da uma vontade de estar em contato com a natureza, nadar nos córregos, comer as diversas quitandas e alimentos feitos no fogão à lenha e desfrutar de toda a tranquilidade do campo¹²¹. Portanto, a capa da coletânea **“Som da Terra”** traz como figuras a referida dupla e este título recupera todos os aspectos supracitados, causando uma identificação com as pessoas que moravam nas

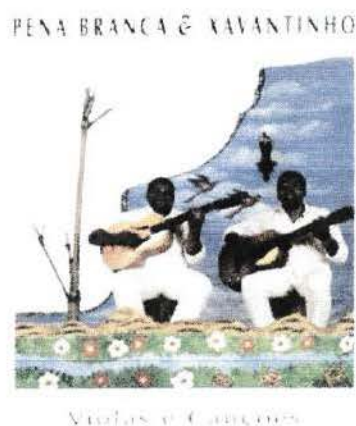
¹²¹ Isto não deixa de ser outra estratégia da indústria cultural na busca da ampliação do mercado consumidor no que se refere à dupla Pena Branca e Xavantinho.

fazendas ou com aquelas que possuem de alguma forma vínculo com o ambiente campestre.



Capa da coletânea Som da Terra

A capa do CD **“Violas e Canções”**, lançado em 1993 pela gravadora Velas, segue a mesma estratégia adotada pela indústria cultural na coletânea “Som da Terra”, só que neste CD pode-se observar que a temática é mais explícita, pois coloca Pena Branca e Xavanticinho numa fotografia coberta por animais, rios, flores, terra e árvores, com os artistas ao centro tocando e cantando suas modas. A alegria estampada em seus rostos, a harmonia das cores e os desenhos da capa do CD remetem às principais características que são peculiares às canções e interpretações da dupla, como mais uma alusão à vida na zona rural:



Capa do álbum Violas e Canções

Assim, neste clima de valorização da vida campestre, e com a boa relação estabelecida com a MPB e parceiros, Xavanticinho aproveitou o momento e se apresentou também como compositor, sendo o autor de diversas gravações feitas pela dupla. A

maioria de suas letras aborda assuntos relativos à nostalgia do campo, sobretudo, no tempo em que lá viveu. A música “Oração do camponês” retrata bem este tempo:

[...] Meu lugar é um recanto de beleza/ A natureza que me deu como presente/ fiquei meu rancho lá na beira do caminho/ junto a um corguinho de água limpinha e corrente/ tirei o mato e acariciei a terra, / boa semente eu plantei naquele chão/ e fiz pedido a minha Santa Padroeira, / Pra não deixar faltar a chuva no sertão./ O tempo passa e a luta não termina./ A chuva fina continua com seu véu/ Igual a eu, outro roceiro agradece/ Deus nas alturas, e os milagres do céu¹²².

Esta canção relembra a vida fraterna com os familiares e amigos, as festas, o contato com a natureza, as comidas feitas no fogão à lenha e as várias situações que apenas quem viveu na roça ou possui laços com ela pode dizer. Outra música que reflete bem estes sentimentos é a “Carreiro Velho”, composto pelo Xavantinho:

Carreiro velho olha a canga do seu boi/ Chora a saudade do tem por que já se foi/Naquela estrada/Já não passa mais boiada/Ficou triste abandonada/Que nem eu, tão infeliz/E o velho carro corroído pelos anos, /Vai aos poucos definhando/Qual o canto da perdiz. /Carreiro velho olha a canga do seu boi/Chora a saudade do tempo que já se foi/ Carreiro velho vai cantando uma toada/ De olho na invernada/Percorre tempos atrás/Vai ruminando as mágoas que tem no peito/Mas sabe que não tem jeito./Seu tempo não volta mais/ Carreiro velho olha a canga do seu boi/Chora a saudade do tempo que já se foi¹²³.

As músicas folclóricas denotam as peculiaridades das regiões do Brasil, que foram incluídas na coletânea da dupla. Como estes cantores são oriundos da região do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro suas canções apresentam aspectos da vida cultural desses locais, como por exemplo, “Cuitelinho”, “Uirapuru” e “Peixe Vivo”, que mostram bem esta realidade:

Como pode um peixe vivo/ Viver fora da água fria/ Como poderei viver (Bis) / Sem a tua, sem a tua/ Sem a tua companhia (2x) / Os pastores dessa aldeia/ Já me fizeram zombaria/ Por me ver andar tão triste/ Sem a tua, sem a tua/ Sem a tua companhia (2x)¹²⁴.

¹²² XAVANTINHO. Oração do camponês. In: Pena Branca e Xavantinho. **Pena Branca canta Xavantinho**. São Paulo: Kuarup, 2002. 1 Disco Sonoro.

¹²³ XAVANTINHO. Carreiro Velho. In: Pena Branca e Xavantinho. **Coração Matuto**. São Paulo: Paradox, 1998. 1 Disco Sonoro.

¹²⁴ TIMOREIRO, Nono. Peixe Vivo. In: Pena Branca e Xavantinho. **Pena Branca, Grupo Viola de Nois e Convidados**, 2004. 1 Disco Sonoro.

Como toda boa dupla sertaneja, seu repertório possui clássicos da música caipira, os quais fazem parte do imaginário popular e que permaneceram no mercado fonográfico. O critério de escolha das canções normalmente deve contemplar alguma identificação com a vida campal, aludindo a elementos da natureza, à vida cotidiana do caipira, especialmente no tocante às relações amorosas, além de fazer menção às relações de trabalho e de outras áreas de sua vida. Alguns exemplos são as músicas “Tristeza do Jeca!”, “Chico Mineiro” e Chalana” presentes nos álbuns da dupla como também nos seus shows :

Nestes versos tão singelos/ Minha bela, meu amor/ Prá você quero contar/ O meu sofrer e a minha dor/Sou igual a um sabiá/ Que quando canta é só tristeza / Desde o galho onde ele está/ Nesta viola canto e gemo de verdade/ Cada toada representa uma saudade/ Eu nasci naquela serra/Num ranchinho beira-chão/ Todo cheio de buracos/ Onde a lua faz clarão / Quando chega a madrugada/ Lá no mato a passarada/ Principio um barulhão/ Nesta viola, canto e gemo de verdade/ Cada toada representa uma saudade/ Lá no mato tudo é triste/ Desde o jeito de falar/ Pois o Jeca quando canta/ Dá vontade de chorar/ E o choro que vai caindo/ Devagar vai-se sumindo/ Como as águas vão pro mar¹²⁵.

Outro clássico sertanejo gravado pela dupla com uma nova roupagem que fez muito sucesso nos anos 1920 e 1930 e resiste até hoje é a canção “Luar do Sertão”, composição de Catulo da Paixão Cearense, que aborda a saudade do sertanejo com relação à natureza e à terra: “[...] Oh! Que saudade do luar da minha terra/ Lá na serra branquejando/ Folhas secas pelo chão! / Este luar cá da cidade / Tão escuro não tem aquela saudade / Do luar do meu sertão”¹²⁶.

As letras das canções gravadas pela dupla Pena Branca e Xavantinho, de uma maneira geral, recordam o tempo de fartura decorrente da época das colheitas que se foi com o progresso. Recordam ainda as relações sociais com a família e amigos. Descreve a natureza como um lugar de contemplação e local de onde se retira o próprio sustento. Logo, a terra de origem é retratada como uma região de solos férteis para o plantio, chuvas abundantes e para o qual o caipira não pode mais voltar devido às condições postas na cidade. Outra música cantada pela dupla, de autoria de Adalton Santos, que expressa os sentimentos reportados acima é o “Triste Berrante”:

¹²⁵ OLIVEIRA, Argelino. Tristeza do Jeca. In: Pena Branca e Xavantinho. **Pingo d'água**. São Paulo: Kuarup, 1992. 1 Disco Sonoro.

¹²⁶ CEARENSE, Catulo da Paixão. Luar do sertão. In: Pena Branca e Xavantinho. **Ribeirão Encheu**. São Paulo: Velas, 1995. 1 Disco Sonoro.

Mas sempre foi assim, sempre será/O novo vem e o velho tem que parar /O progresso cobriu a poeira da estrada/E esse tudo que é o meu nada/Hoje tenho que acatar e chorar/Meus olho estão enxergando/
Uma boiada passar¹²⁷.

Esta opção, que não deixa de ser outra estratégia da indústria fonográfica, de pôr nos seus discos clássicos da música caipira está bem claro no LP “Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho: ao vivo em Tatuí”, lançado em 1992 pela Kuarup. Esta obra, como foi falado anteriormente, ganhou o disco de ouro e teve boa repercussão na época em que foi lançado. O referido sucesso compreende a imagem do neo-caipira surgido na década de 1980, semelhante aos cantores que se propuseram a este trabalho. A tabela 5 mostra bem a estética dessa obra:

Pena Branca e Xavantinho e Renato Teixeira - Ao vivo em Tatuí - 1992 - Kuarup			
Faixa	Música	Compositores	Gênero Musical
1	Amanheceu, Peguei a Viola	Renato Teixeira	Sertanejo
2	Chalana	Mario Zan e Arlindo Pinto	Sertanejo
3	Rio das Lágrimas	Carreiro e Lourival Santos	Sertanejo
4	Raízes	Renato Teixeira	Sertanejo
5	Romaria	Renato Teixeira	Sertanejo
6	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	MPB
7	Gente que vem de Lisboa/Peixinho do mar	Tavinho Moura e Fernando Brandt	Folclore
8	Vinde, Vida Marvada	Rolando Boldrin	Sertanejo
9	O Violeiro Toca	Almir Sater e Renato Teixeira	Sertanejo
10	Meu Veneno	Renato Teixeira	Sertanejo
11	Amora	Renato Teixeira	Sertanejo
12	Tocando em Frente	Almir Sater e Renato Teixeira	Sertanejo
13	Canto do povo de um Lugar	Caetano Veloso	MPB
14	Jardim da Fantasia	Paulinho Pedra Azul	Sertanejo
15	Vaca Estrela e Boi Fubá	Patativa do Assaré	Folclore
16	Cuitelinho	Paulo Vanzolini e Antônio Xandô	Folclore
17	Quebra de Milho	Tom Andrade e Manuelito	Sertanejo
18	Chua Chua	Pedro Sá Pereira e Ary Pavão	Sertanejo
19	Rapaz Caipira	Renato Teixeira	Sertanejo
20	De Papo pro á	Joubert de Carvalho e Olegário Mariano	Sertanejo
21	Calix Bento	Tavinho Moura	Folclore

Tabela 5 – LP: Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho: ao vivo em Tatuí

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

¹²⁷ SANTOS, Adalton. Triste Berrante. In: Pena Branca e Xavantinho. **Violas e Canções**. Velas, 1993. 1 Disco Sonoro.

A saudade da vida campal não pode ser entendida apenas como uma crítica à modernidade, uma vez que a existência campestre passou por profundas modificações. Pelo contrário, por parte da maioria desses cantores caipiras ou mesmo por pessoas que vivenciaram o processo ocorrido no Brasil após 1950. As condições de vida urbana e a industrialização propiciaram melhores expectativas com relação ao trabalho, escola, saúde, etc.. Todavia, é preciso explicitar que nem sempre este ideal foi alcançado. O depoimento do senhor Garcês, vizinho de Pena Branca e Xavantinho no período em que residiam no Patrimônio, expõe bem essa realidade:

[...] Melhorô tudo, emprego, no ponto de doença, naquela época para você tratá da sua saúde menino, aqui no hospital aconteceu de perdê uma filha minha, eu vendia porco, alimento para tratá dela, por que eu ia pegar onde, eu não tinha dinheiro. No outro ano tinha que pegar dinheiro com o patrão para tocá a minha lavoura de novo, por que eu acabei tudo na doença dela, não dei conta, ficô tudo no hospital, né? Minha mulher quase foi junto com ela, mais graças a Deus sarô, mais a menina foi. Hoje a pessoa cai nessa rua aqui adocece, e já tem um filho de Deus que pega e leva dentro da ambulância, corre e leva para o hospital tratando já. Lá na beira do rio se ele cair já tem recurso, naquela época era carrinho de animal, você morava nessas fazendas tudo, era carrinho de animal, sô. Não tinha um caminhão, um carro rápido para poder te levar para o recurso, e fora que isso era muito difícil. No ponto de ganhar hoje, qualquer serviço que você faz, você ganha seus trocados. A pessoa passa aperto hoje se ela quiser passar. A gente fala muito em roubo, ladrão, assaltante, isso virou foi rotina, não precisava disso, a pessoa só não arruma serviço se não quiser, não precisa roubar. A pessoa, se ela for honesta, arruma um serviço, ele ganha bem, o ladrão quando ele é a cabeça tem mais estudo que qualquer outro, ele é evoluído. Hoje para viver não tá difícil, a pessoa não viver independente hoje, só Jesus coloca uma cruz para pôde carregar muito pesada e precisa pagar, só isso, do contrário não¹²⁸.

Ao trilhar esta direção, vida e obra de Pena Branca e Xavantinho unem significativamente tradição e modernidade, uma vez que cantam aquilo que sentem e vivenciaram, além disso, estavam dentro das exigências feitas pela indústria fonográfica para fins lucrativos. O próprio Pena Branca, em entrevista à TV Universitária de Uberlândia, salienta o amor e a vontade de voltar a morar no campo, todavia, comenta e explica a migração de sua família para buscar melhores condições de vida:

[...] E essa coisinha, às vezes o cara lembra daquela garrafinha de café, uma cabacinha d'água lá perto do eito, o cara capina um pouco pra lá, um outro pouco pra cá, e tá bem, muito bem. Essa vida do homem do campo, que a vida do campo é boa, é só dá condições pra eles, eles faz, mas se não der condições ninguém que ir pro campo,

¹²⁸ Entrevista realizada no dia 04/17/07 com o José Garcês nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG)

né? Mas se der condições até eu tô voltando, vô mexer com tudo aquilo que eu fazia de primeiro. Muito bom demais, a minha casa tem assim um quintalzinho lá, tem umas galinha, tens uns cachorro, tem umas coisa, toda. Então eu fico lá em São Paulo, não é grande não, se os cavalo deitá lá dentro o rabo fica de fora, mas só pra poder curtir um pouco, não?¹²⁹

Este depoimento é uma crítica às transformações ocorridas no mundo rural, que *mais uma vez concentrou a terra e expulsou aqueles que viviam de uma economia de subsistência.*

Quando se refere ao campo, Xavantinho explicita nas suas composições o orgulho *de ser membro do mundo rural e ao cantar narra as práticas culturais e as relações construídas naquela época, que não mais voltarão.* Para alguns estudiosos da temática sertaneja, tais versos revelam o desenraizamento cultural a que grandes parcelas de *migrantes sofreram. Em contraposição à vida que estes segmentos sociais foram submetidos nas cidades, há a crítica por meio da exaltação da vida bucólica, que rememora hábitos e costumes passados, os quais se perderam com a modernização do país.*

A naturalidade do cantar aquilo que viveram e seus sentimentos em relação ao campo cria nas pessoas uma identificação imediata com as suas interpretações. Segundo Calvino:

[...] realmente é essa naturalidade e a visão de mundo deles, eles não estão criando um mundo ou uma fantasia, eles estão dizendo a realidade deles, e as pessoas passam a ter isso com eles, mesmo que seja um 100% urbano querendo ou não, possuem um pezinho lá na zona rural, acaba tendo pela família, um parente, um conhecido e isso começa a marca, e eles começam a dizer da linguagem deles, mas de certa forma tem uma analogia com uma outra família, uma origem muito primária lá da zona rural mais está hoje na zona urbana, às vezes muda o cenário, mas os sentimentos ali são os mesmos né, a forma de ver, de vivenciar dos problemas, enquanto ele tem problemas com a terra, às vezes o cara tem que mudar a forma de tirar o alimento, o cara muita das vezes tem o problema com a sua produção aqui dentro da cidade, e Pena branca e Xavantinho são tão naturais de dizerem isso da vida deles que pegam as pessoas, porque a gente vive muito no mundo artificial né, de criar imagem, às vezes muita falsidade para conseguir um pouco de espaço na mídia e social, mas lá no fundo a gente carrega uma originalidade, e às vezes eles atingem essa originalidade na pessoa que ela tenta mascarar para tentar conseguir uma posição social¹³⁰.

¹²⁹ Entrevista concedida à TV Universitária no ano de 1997.

¹³⁰ Entrevista realizada no dia 10/02/08 com Calvino Vieira Júnior nas dependências da sua residência, na cidade de Uberlândia (MG).

A título de considerações finais, em um tempo de redemocratização do país, pode-se intuir que, por um lado, a música sertaneja, particularmente a de Pena Branca e Xavantinho, reproduz um momento especial da indústria cultural fonográfica, a qual busca um nicho no mercado de bens culturais vividos sob o emblema da tradição e da modernidade sob o rótulo de música raiz, o que, até certo ponto, reforça o modelo político e econômico vigente. Por outro lado, não dá para negar que no nível da recepção as intenções políticas não podem ser controladas. Daí o vigor da tese de Ecléa Bosi a respeito do desenraizamento cultural ¹³¹, haja vista que para a referida autora esta é a causa da alienação. Sob esta perspectiva, a música caipira pode ser o instrumento capaz de estabelecer um elo com o passado e as tradições, o que garante uma identidade cultural que em parte, questiona a realidade em que vivem os sertanejos. É o que ressalta Machado e Brito:

Desdobrando os ensinamentos de Weil, Ecléa Bosi propõe que a cultura dos migrantes seja vista pela perspectiva de desenraizamento, mas isto não significa *buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas buscar o que pode renascer nesta terra de erosão*. É neste sentido que a música sertaneja não deve ser entendida como componente da alienação das camadas populares. Se o campo era cheio de dificuldades, a cidade não é menos penosa, pois a grande maioria da população de migrantes vive à margem dos benefícios trazidos pelo progresso. *Buscar o que se pode nascer nesta terra de erosão*, é, neste caso, entender o culto a memória de um artista e as suas canções como denúncia de uma incessante repressão e exclusão. É não só pensar sobre a maneira que o mercado fonográfico atinge o seu “público alvo”, mas inverter o olhar e inquirir sobre como o público chegou à música, porque a consome. Cantar e recantar músicas que falam de experiência de vida é uma forma, mesmo que inconsciente, de resistir à destruição de sua identidade. Tudo isso, reutilizando bens culturais que não são próprios, pois são disseminados por uma indústria especializada em obter lucro, é verdade, mas que não impede o reemprego ¹³².

O final do século XX trouxe um grande revés para a dupla. Morre Xavantinho ¹³³, e então Pena Branca, sozinho, volta para Uberlândia, com graves problemas financeiros causados por disputas com familiares e empresários. Assim, retoma sua jornada apoiado por novos músicos como Tarcísio Manú Véio e sua Orquestra de Violeiros do Cerrado,

¹³¹ BOSI, Ecléa. Cultura e Desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2003.

¹³² BRITO, Diogo de Souza; MACHADO, Maria Clara Tomaz. O guardador de saudade: Góia e a poética sertaneja do interior das Gerais. In: COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). **História e Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: Edufu, 2006, p. 217.

¹³³ Xavantinho morreu no dia 8 de outubro de 1999 no Hospital Nipo-Brasileiro, em São Paulo, de complicações respiratórias.

Renato Teixeira, Inezita Barroso e tantos outros que o ajudam na reconstrução de sua carreira solo. Músicos e amigos partilharam os lucros de seus shows e de seus novos discos, além disso, Pena Branca comparece a programas de TV e rádio divulgando seu trabalho. Entretanto, recomeçar num mercado tão competitivo não tem sido fácil. Finalizo com o texto intitulado “Menino Matreiro” escrito e proclamado por Cida no velório de Xavantinho:

Menino Matreiro (Maria Aparecida)

Saudades de você que se foi sem dizer Adeus, deixando um vazio em todos que o amavam. Falar de você é como ver um colibri pairando no ar, colhendo o néctar das flores de um jardim cultivando com muito carinho. É o que sentimos por você Ranulfo. Tenho comigo se ninguém disse, guardou esperando a hora certa para lhe dar o título de “Diamante negro da música raiz”. Você Ranulfo e nosso José Ramiro, mostraram realmente o que é a música raiz, sozinho ou com outros grandes parceiros, compunham lindas músicas que mexem no interior daqueles que entendem e apreciam. Inspirados pelo som do cavaquinho de nosso pai e a voz da nossa mãe, com o seu primeiro instrumento feito de taboca (pedaço de bambu), tiravam seus primeiros acordes e, aprenderam com nossa mãe a fazer a primeira e a segunda voz. Tudo isto era feito após cumprir sua árdua tarefa de carpir e plantar, e ao término do dia se reuniam para aprender mais uma moda. O menino que carpia cresceu como a sua roça seguindo o dom que Deus lhe deu, tinha a facilidade não somente de cantar como também transmitir as maravilhas que escreviam.

Docemente demonstrava em suas canções a serenidade da roça, obtendo admiração e aplauso de todos. O menino que carpidava a terra, plantou amor ao próximo e colheu frutos maravilhosos, filhos, netos, admiração dos fãs, amizade e respeito dos amigos. Você Ranulfo nasceu para brilhar, nos encheu de orgulho com sua humildade e sabedoria no meio artístico. Como sempre dizia nossa mãe: “Meus filhos sigam em frente, com fé em Deus vocês hão de chegar ao topo”. Como nós vimos realmente foi com perseverança e com muita luta que almejaram o seu objetivo. Você Ranulfo, nosso querido Xavantinho como todos conhecem, fez a sua viagem, foi e levou a bela primeira voz que fazia como ninguém. Que nosso irmão José Ramiro, o Pena Branca, não pare esta moda e não esqueça dessa toada. Creia meu irmão jamais será decepcionado. Pois a semente que plantou quando *formaram a dupla será regada não apenas um “Pingo d’água”*. Quem já foi Peroba e Jatobá. Zé Miranda e Beira-Mar têm suas raízes dentro do chão e sempre há de florir. Descanse em paz Ranulfo, um dia nos encontraremos e tentarei entoar a minha voz a sua numa nova canção “Oh, Manna, deixa eu ir oh! Mana eu vou só...”¹³⁴

¹³⁴ Texto escrito por Maria Aparecida, em homenagem ao seu irmão Xavantinho.

Considerações finais

Ao fazer as considerações finais deste trabalho monográfico, para além de uma análise crítica de toda temática, o intuito é avaliar o começo de uma pesquisa. O fato de não abordar algumas questões de forma aprofundada ou de não terem sido devidamente trabalhadas é em virtude ao escasso levantamento documental, uma vez que não foi possível entrevistar o próprio Pena Branca.

Então é preciso ressaltar a importância da dupla caipira no cenário musical, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, bem como a relação de Pena Branca e Xavantinho com a MPB, que apesar das modificações feitas no repertório, vestimentas e instrumentalização que o caracterizavam neo-caipiras, ou mesmo, a inserção das canções folclóricas nas suas obras, jamais fizeram com que deixassem de ser genuínos artistas representantes da música caipira e do mundo rural. Cantores e compositores que conseguiram o tão almejado sucesso, pois arrancaram aplausos do público nas suas apresentações no Brasil e mundo afora, sendo reconhecidos a partir da relativa venda dos seus CDs, LPs e exporem seu trabalho nos meios de comunicação e prêmios ganhos, dentre eles Prêmio Sharp e Disco de ouro.

A vida e obra de Pena Branca e Xavantinho retrata as dificuldades experimentadas por milhões de pessoas que em um país em desenvolvimento como o Brasil saem da zona rural ou das cidades do interior e vão para os grandes centros urbanos na expectativa de melhoras na condição de vida.

Cabe destacar que a nostalgia, a alegria de relembrar as vivências da vida campal são marcas registradas desses exímios artistas, identificando suas canções com um Brasil agrícola, composto por pessoas com estreitas ligações com a vida campestre.

Com o falecimento do cantor e compositor Xavantinho em 1999, há o culto à sua memória presente até hoje nas apresentações musicais e entrevistas do seu irmão Pena Branca. Após este período, Pena Branca seguiu carreira *solo* permanecendo fiel às raízes do campo e, mesmo com problemas financeiros, envolvendo gravadoras e empresários, Pena Branca destaca-se no cenário artístico internacional e ganha o Grammy Latino de melhor álbum regional (**Semente Caipira**) em 2001.

Em suma, como se vê, a problemática deste trabalho tem muito que percorrer pelas composições e trajetória de vida de Pena Branca e Xavantinho, ambos homens do seu tempo, que por meio de seus talentos conseguiram arrancar aplausos, choros, risos e matar saudades da vida no campo.

Referências Bibliográficas

ACCARINI, José H. **Economia Rural e Desenvolvimento:** Reflexões sobre o caso brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1987.

ALVES, Luciano Carneiro. Palanque de papel: o Correio de Uberlândia e a construção do “Estádio Municipal Parque do Sabiá”. **História e Perspectivas.** Uberlândia: EDUFU, n. 24, jan./jun., 2001.

ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento Popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/1988. **História e Perspectivas.** Uberlândia: Gráfica UFU, n. 4, jan./jun. 1991.

AMADEU, Amaral. **O Dialeto Caipira.** São Paulo: Hucitec, 1976.

BASTISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres:** relação entre campo e cidade. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mespitas. **O governo Kubitschek:** desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BENJAMIM, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: **Magia e Técnica, Arte e Política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNADELI, Maria Madalena. Breve histórico da Música Caipira. **Do Leitura.** São Paulo, 10 (117) fevereiro, 2000.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. Cultura e Desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira:** temas e situações. São Paulo: Ática, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Caipiras de São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRESCIANI, Stella e NAXORA, Márcia (org.). **Memória e Ressentimentos:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001

BRITO, Diogo de Souza. **Retratos do sertão**: representações e identidades na canção sertaneja de Goiás/1950-1982. 2006. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

BURKE, Peter. **Variedades da História cultural**. Porto, Alda (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALABRE, Lia. **A era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002;

CALDAS, Waldenyr. **O Que é Música Sertaneja**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDAS, Waldeyr. **Acorde na Aurora**: música sertaneja e indústria cultural. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas cidades, 1975.

CARDOSO, Miriam Cimoneiro. **Ideologia do desenvolvimento Brasil**: JK. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Consolidação, Reforma e Resistências**: governo, empresário e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. O discurso sobre o desenvolvimentismo: a construção dos sonhos. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 27, ano 13, 2000.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. O discurso sobre o desenvolvimentismo: a construção dos sonhos. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 27 ano 13, 2º sem. de 2000.

CARMO, Luiz Carlos. Sinuosas Vivências: Famílias Negras em Uberlândia (1945-1960). **História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n. 24, jan./jun. 2001.

CARVALHO, Marta de Ulhôa. Música sertaneja em Uberlândia na década de 1990. **ArtCultura**. Uberlândia: Edufu, n. 9, jul./dez. 2004

CASTRO, Dorian Erich. **Relicário das práticas mágicas no interior das Minas Gerais**: transformações e persistências (Uberabinha/MG. 1963-1945). 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 1995.

- CHARTIER, R. **A Beira da Falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **Formas e sentido cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.
- COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- COSTA, Cléria Botelho e MAGALHÃES, Nancy Alessio. **Contar História, Fazer História: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.
- DAMASCENO, Fernando Sérgio. **Condições de vida e participação política de trabalhadores em Uberlândia nos anos 1950/60**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
- DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) – PUC/ SP, São Paulo, 2001.
- DANTAS, Sandra Mara. Entre o real e o ideal: a cidade que se tem e a cidade que se quer Uberlândia (1900-1950). **História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n. 25 e 26, jul./dez. 2001 / jan../jul. 2002.
- DAVIS, N. Z. **Culturas do Povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FALCON, Francisco. **História Cultural: Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. São Paulo: Editora Campus, 2002.
- FILHO, Wolney Honório. **O Sertão nos Embalos da Música Rural (1930-1950)**. 1992. 138f. Dissertação (Mestrado) – História, PUC/SP. São Paulo, 1992.
- GARRIDO, Joan Del Alcázar i. As fontes Orais na Pesquisa Histórica **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPHU/Marco Zero, v.13, nº25/26, set. 92/ago. 93.
- GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e Agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica Brasileira (1960-1980)**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- GOMES, Ângela de Castro. **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991.
- GOMBRITCH, E. H. **Para uma história cultural**. Lisboa: Gradiva, 1994.
- GUINSBURG, Carlo. **Mitos Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GUINZBURG, Carlo. A História e a Micro-História: entrevista com Carlo Guinzbug. **LPH/Revista de História de Ouro Preto**, vol. 1, nº 1, 1990.
- HUND, Lynn.(org.) **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JUNIOR, Renato Jales. **Cidade e Cultura**: memórias e narrativas de viveres urbanos no Bairro Bom Jesus. Uberlândia-MG, 1960-2000. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Memória – História**. Lisboa: Eissandi, 1985. (v.1)

LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

LIMA, Luiz C. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

LOURENÇO, Luiz A. B. **Bairro Patrimônio**: Salgadeiros e Moçambiqueiros. Uberlândia/MG, Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvementismo em MG**: Caminhos Cruzados De Um Tempo. 290f. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual. **Cadernos de História**. Uberlândia: Edufu, n. 5, jan./dez., 1994.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. UFU: a dinâmica de uma história. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes; NETTO, Miguel Rodrigues de Souza. (Org.). **Fragmentos, imagens Memórias**: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: Edufu, 2003.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Raízes fundantes da cultura popular no sertão das gerais. **Revista ArtCultura**. Uberlândia: Edufu, n. 4, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; BRITO, Diogo de Souza. O guardador de saudade: Góia e a poética sertaneja do interior das Gerais. In: COSTA, Cléria Botelho;

MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.) **História e Literatura**: identidades e fronteiras. Uberlândia: Edufu, 2006.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; LOPEZ, Valéria Maria Queiroz Cavalcanti. Uberlândia: suas representações num entrecruzar de caminhos. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 28 e 29, ano 14, 2001.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. **História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n. 4, jan./jun.1991.

MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes no ar ... A Cidade e o Rádio**. Belo Horizonte: Editora Arte, 1999.

MARTINS, José de Souza. Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. **Capitalismo e Tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. **Trabalhadores e viveres**: trajetórias e disputas na conformação da cidade Uberlândia - 1970/2001. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MIRANDA, Luciana Lilian. **Adeus ao Jeca Tatu**: proprietários rurais em Uberlândia, MG. Vivenciando a política agrícola modernizadora, 1960-1985. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MORAES, Jose Geraldo V. de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh, n. 39, 2000, p 203-221.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e Cidade**: Trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia 1970/2000. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MURCE, Renato. **Nos bastidores do Rádio**. Rio de Janeiro: Imesp, 1976

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, Eugênio Pacelli da Costa. **Análise contrastiva do discurso da música sertaneja**: a música sertaneja caipira e a sua variante moderna. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

NOVA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, nº10, dez. 93.

NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. **O Mito do Rádio**: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1999.

OLIVEIRA, Eliane Dias de. **Cultura urbana e protesto social**: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG. 2005. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

OLIVEIRA, Júlio César de. **O último trago, a última estrofe** – Vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. 183f. 2000. Dissertação (Mestrado) - História. PUC / SP, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Rejane dos Reis. Brasília – Capital da esperança. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 28/29, ano 14, 2001.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PACHECO, Fábio Piva. **Mídia e Poder**: representações simbólicas do autoritarismo na política – Uberlândia 160/1990. 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PACHECO, Fábio Piva. Mídia e Poder: representações e símbolos do autoritarismo na política em Uberlândia (1960-1990). **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: EDUFU, n. 30 – Ano 15.

PESSAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à Cidade**: Experiências e luta dos ocupantes de terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia (1990-2000). 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PINTO, Luziano Macedo. “Matinee”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40. **História e Perspectivas**, Uberlândia n.14/15, jan./dez. 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: RIBEIRO, Maria Terezinha Janine e FENELON, Dea Ribeiro. **Revista Projeto História**. São Paulo: (14) fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o universo das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n°. 25/26, 2002.

_____. **REVISTA PROJETO HISTÓRIA. Trabalhos da Memória**. São Paulo: PUC, v. 17, 1998.

_____. **Ética e História Oral**. São Paulo: PUC, v. 15, 1997.

_____. **História e Oralidade**. São Paulo: PUC, v. 22, 2001.

_____. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Memória, História e Historiografia**. São Paulo: ANPUH, V. 25/26, 1993.

REBEL, J. **A Invenção da Sociedade**. Lisboa: Difel, 1989.

REIS, Maucia Vieira dos. **Entre viver e morar**: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais: Uberlândia – anos 1980/90. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

RIBEIRO, José Hamilton. **Música Caipira**: As 270 maiores modas de todos os tempos. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, Raphael Alberto. **Almas enclausuradas**: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970). 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

RODRIGUES, Marly. **A década de 50**. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. São Paulo: Ática, 1992.

ROSA, Ivani. O preço do progresso uma reflexão em torno do modo de vida do uberlandense frente a política desenvolvimentista. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 28 e 19, ano 14, 2001.

SAMPAIO, Roberto C. **Migrações no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. 1990. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 1990.

SANTOS, Rafael Guarato. **A gente dança do nosso jeito dança de rua em Uberlândia: 1970/2007**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SANCHES JÚNIOR, Nelson Martins. Ponteio na cidade: música caipira e identidade social. **Pós-História: Revista de Pós-graduação em História**. Assis: v. 6, Universidade Estadual Paulista, 1998.

SANTOS, Carlos Meneses Souza; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Uberlândia nas Linhas do Enfrentamento: a democracia participativa nas páginas da imprensa. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia: Edufu, n. 33 – Especial de 2005.

SAROLO, Luis Carlos e MOREIRA, Sonia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Martins Fontes / FUNARTE, 1988.

SCHWARZ, Roberto. Fim de século. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais. São Paulo. p. 6-9, 4 dez. 1994.

SILVA, Idari Alves da. **Construindo a Cidadania**: Uma análise introdutória sobre o direito à diferença. 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

SOARES, Beatriz R. **Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado** – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH/USP, 1995.

SOAREZ, Bruno. **Admirável mundo novo do trabalho?** Vivências de alunos-trabalhadores do SENAI / CETAL- FAM em Uberlândia/MG. 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular: do gramofone ao rádio e a TV**. São Paulo: Ática, 1979.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura Popular**. São Paulo: Editora 34, 2001.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: (14) abril, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Quando amor rima com dor: o discurso das músicas sertanejas. **Letras e Letras**. Uberlândia: Gráfica da UFU, 3 (2), dez. 1987.

TREVISAN, Maria José. **50 anos em 5... a Fiesp e o desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1986.

VALTER, Cassalho. **Picando fumo** – Crônicas da roça. In: São Paulo: Vozes, 2000.

YATSUDA, Enid Ecléa. O caipira e os outros. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2003.

WLLIAMS, R. **O Campo e a Cidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Sites Visitados

www.jangada.com.br;
www.boamusicaricardinho;
www.kuarup.com.br.

Transcrições

Entrevista de Pena Branca e Xavantinho concedida à TV Universitária no ano de 1997.

Transcrição da Auto-Biografia do Pena Branca

Transcrição da fita – Entrevista Pena Branca e Xavantinho – Programa Radioviola Juiz de Fora 2007

Entrevistas

Antônio Pereira – Historiador, Jornalista e Critico Musical

Calvino Vieira Júnior – Professor e advogado da dupla Pena Branca e Xavantinho

Capitão Ernesto – Capitão da Folia de Reis “Pena Branca” e amigo pessoal da dupla

João Rodrigues – Sambista e amigo de Pena Branca e Xavantinho

José Garcês – Vizinho de Pena Branca no período que residiam no bairro Patrimônio

Maria Aparecida – Irmã de Pena Branca e Xavantinho

Osvaldo Ramiro da Silva – Irmão de Pena Branca e Xavantinho

Tarcisio Pinto de Nascimento – Cantor, empresário e amigo de Pena Branca

Valter Ferreira Mendonça Proprietário da loja de discos Discolândia

Discografia: músicas, encartes e letras

Velha Morada – Gravadora WEA- 1980

Uma Dupla Brasileira – Gravadora RGE – 1982

Cio da Terra- Gravadora Continental- 1987

Canto Violeiro- Gravadora Continental – 1988

Cantadô de Mundo Afora – Gravadora Continental – 1990

Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho - Ao vivo em Tatuí – Gravadora Kuarup- 1992

Violas e Canções - Gravadora Velas - 1993

Ribeirão Encheu - Gravadora Velas - 1995

Pingo da Água - Gravadora Velas - 1996

Coração Matuto - Gravadora Paradoxx - 1998

Jornais e Revistas

Jornal Correio de Uberlândia 1979-1999

Jornal Primeira Hora -1982-1988

Jornal Folha de SP – 1994-2006

Jornal Estado de Minas -1990-2008

Revista Veja 1992-1999

Revista Isto É 1990-1999

Anexos

Anexo 1

Pena Branca e Xavantinho - Velha Morada – 1980 – Gravadora WEA				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Velha Morada	Mestre Rezende e Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
2	Frango Assado	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	A mãe do Recaço	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	Saudades	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Calix Bento	Tavinho Moura	Pena B. e Xavantinho	Folclore
6	Valente Caminhoneiro	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Brasil Rural	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Pra que chorar	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Que terreiro é esse	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	Terno da Estrea Guia	Ellwanger e Luiz Coronel	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Visite o Sertão	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 2

Pena Branca e Xavantinho – Uma Dupla Brasileira – Gravadora RGE - 1982				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Memória de Carreiro	Jurildes da Cruz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
2	Sem Meu Adeus	Wilson Rocantti	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	Procissão de Gado	José Cactano, Xavantinho e Tião do Carro	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	O Balão Subiu	Laureano	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Bate na Viola	Athos Campos	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
6	Cai Sereno	Conde e Elpidio dos Santos	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Roda Mundo	Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Canção à Morena da Praia	Xavantinho, Moacyr dos Santos e Tião do Carro	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Marvada Pinga	Laureano	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Saracurinha Três Pontas	Téo Azevedo e Cândido Canela	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	E a mata Gemeu	Maria Chiquinha e Xavantinho	Pena B. , Xavantinho e Sater	Sertanejo
12	Tirando aço do chão	Xavantinho, Moacyr dos Santos e Martins Neto	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 3

Pena Branca e Xavantinho- Cio da Terra- Gravadora Continental- 1987				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Encontro de Bandeiras	Xavantino e Tavinho Moura	Pena B. , Xavantinho e Moura	Sertanejo
2	Cuitelinho	Wagner Tisso	Pena B. e Xavantinho	Folclore
3	Perguntas	Xavantinho e João Carvalho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	O aboitador	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Gente que Vem de Lisboa e Peixinho do Mar	Fernando Brant e Tavinho Moura	Pena B. , Xavantinho e Moura	Folclore
6	Cantiga - Caicó - Folclórico	Lobos - Teca Calazans	Pena B. e Xavantinho	Folclore
7	Maria Louca	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena B., Xavantinho e Milton	MPB
9	Canoa do Rio	Renato Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Moda e Viola	Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	O Grande Sertão	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Vaca Estrela e Boi Fubá	Patativa Assaré	Pena B. e	Folclore

			Xavantinho	
--	--	--	------------	--

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 4

Pena Branca e Xavantinho - Canto Violeiro- Gravadora Continental - 1988				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Penas do Tiê	Folclore	Pena B. , Xavantinho e Fagner	MPB
2	Fábulas de Carreiro	Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	Não Mande a Geada não	Maria do Céu	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	Cálix Bento	Folclore	Pena B. e Xavantinho	Folclore
5	Os frutos dourados do Sol	Renato Teixeira e Luiz Coronel	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
6	Zé Granfino	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Restinga	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Vento Violeiro	Carlos César	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Mulheres da Terra	Xavantinho e Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Trote Magoado	Murilo Antunes	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	Samba de Roda	Geraldo Meirelles e Athos Campos	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	EU, a Viola e Deus	Rolandro Boldrin	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 5

Pena Branca e Xavantinho - Cantadô de Mundo Afora – Gravadora Continental - 1990				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Amor de Violeiro	Rolandro Boldrin	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
2	Noites do Sertão	Milton Nascimetno e Tavinho Moura	Pena B. e Xavantinho	MPB
3	Cantiga do Arco-Íris	Xavantinho e Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	Casa de Barro	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Lua Santa	Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
6	60 Léguas num dia	Seu Chico Alves e Renato Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Quebra de Milho	Manoelito e Tom Andrade	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Chua Chua	Ary Pavão e Pedro Pereira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Vida Afora	Murilo Antunes	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Menina	Paulinho Nogueira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	Lamento da Natureza	Wilson Roncatti e Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Mazaroppi	Jean Garfunkel e Paulo Garfunkel	Pena B. e Xavantinho	Folclore
13	Felicidade	Lupicinio Rodrigues	Pena B. e Xavantinho	Folclore

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 6

Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho - Ao vivo em Tatuí – Gravadora Kuarup- 1992				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Amanheceu, Peguei a Viola	Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
2	Chalana	Mario Zan e Arlindo Pinto	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
3	Rio das Lágrimas	Carreiro e Lourival Santos	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
4	Raízes	Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
5	Romaria	Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
6	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena, Xavantinho e Teixeira	MPB
7	Gente que vem de Lisboa/Peixinho do mar	Tavinho Moura e Fernando Brandt	Pena, Xavantinho e Teixeira	Folclore
8	Vinde, Vida Marvada	Rolando Boldrin	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
9	O Violeiro Toca	Almir Sater e Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
10	Meu Veneno	Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
11	Amora	Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
12	Tocando em Frente	Almir Sater e Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
13	Canto do povo de um Lugar	Cactano Veloso	Pena, Xavantinho e Teixeira	MPB
14	Jardim da Fantasia	Paulinho Pedra Azul	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
15	Vaca Estrela e Boi Fubá	Patativa do Assaré	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
16	Cuitelinho	Paulo Vanzolini e Antônio Xandô	Pena, Xavantinho e Teixeira	Folclore
17	Quebra de Milho	Tom Andrade e Manuelito	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
18	Chua Chua	Pedro Sá Pereira e Ary Pavão	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
19	Rapaz Caipira	Renato Teixeira	Pena, Xavantinho e	Sertanejo

			Teixeira	
20	De Papo pro á	Joubert de Carvalho e Olegário Mariano	Pena, Xavantinho e Teixeira	Sertanejo
21	Calix Bento	Tavinho Moura	Pena, Xavantinho e Teixeira	Folclore

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 7

Pena Branca e Xavantinho - Violas e Canções - Gravadora Velas - 1993				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	Arruda com Alecrim	Moniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
2	Viola Quebrada	Mario de Andrade	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	Alma de gato	Tavinho Moura e Murilo Antunes	Pena B. e Xavantinho, Ná Ozzetti	Sertanejo
4	Uirapuru	Jacobina e Murilo Latini	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Rancho Triste	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
6	Viola Marvada	Renato Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Triste Berrante	Adaulto Santos	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Santos Reis	Ely Camargo	Pena B. e Xavantinho	Folclore
9	Menina Bonita	Wilson Frade	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	O Ciúme	Caetano Veloso	Pena B. e Xavantinho	MPB
11	A Estrada do Sertão	João Pernambucano e Herminio de Carvalho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Queimadas	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
13	Ituverava	Ivan Lins e Vitor Martins	Pena B. e Xavantinho	MPB
14	Sertão e Viola	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
15	Lavoura e Sonhos	Joel Marques	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
16	Beira-Mar	Frei Chico	Pena B. e Xavantinho	Folclore

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 8

Pena Branca e Xavantinho -Ribeirão Encheu - Gravadora Velas - 1995				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Genêro Musical
1	Ribeirão Encheu	Tavinho Moura	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
2	Cantiga das Rosas	Monz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	Estrelada	Milton Nascimento e Márcio Borges	Pena B. e Xavantinho,	Sertanejo
4	Oração do Camponês	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	No dia em que eu vim embora	Gilberto Gil e Veloso	Pena B. e Xavantinho	MPB
6	Sodade meu bem Sodade	Zé do Norte	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Fiquem com Deus	Dominguinhos e Oliveira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Velho Catireiro	Pena B. e Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Congo	Tadeu Franco e Marco Matins	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	A Mulher e o Mar	Maranhão e Paulo Pinheiro	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	Trem das Gerais	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Chaleira do alto da poeira	Tavinho Moura e Brandt	Pena e Xavantinho /Tavinho Moura	Sertanejo
13	Luar do Sertão	Catulo da Paixão Cearence	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 9

Pena Branca e Xavantinho - Pingo da Água - Gravadora Velas - 1996				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Gênero Musical
1	A vida do Viajante	Luiz Gongaza e Hervê Cordovil	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
2	Flor do Cafezal	Luiz Carlos Paraná	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	A Saudade Mata a Gente	João de Barro e Antônio de Almeida	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	Farra de Peão	Xavantinho, Almir Sater e Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Chalana	Mário Zan e Arlindo Pinto	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
6	Poeira	Luiz Bonan e Seradim Gornes	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Pingo da Água	Raul Torres e João Pacifico	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	De papo pro Ar	Joubert Carvalho e Olegário Mariano	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Romaria	Renato Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Tristeza do Jeca	Angelino de Oliveira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
11	Baião da Serra Grande	Palmeira e Fred Willians	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	O trem tá feio	Tavinho Moura e Murilo Antunes	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
13	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena B. e Xavantinho	MPB

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 10

Pena Branca e Xavantinho - Coração Matuto - Gravadora Paradoxx - 1998				
Faixa	Música	Compositores	Interpretes	Genêro Musical
1	Planeta Água	Guiherme Arantes	Pena B. e Xavantinho	MPB
2	Estrada	XaVantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
3	Lambada de Serpente	Cacaso e Djavan	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
4	Engenho de Flores	Josias Sobrinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
5	Cravos de Primavera	XaVantinho e Muniz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
6	Quando o amor se vai	Renato Teixeira	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
7	Carreiro Velho	Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
8	Leilão	Heikel Tavares e Joracy Camargo	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
9	Divina Estrela	Tadeu Franco e Julio Costaval	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
10	Morro Velho	Milton Nascimento	Pena e Xavantinho /Nascimento	Sertanejo
11	Amor de Violeiro	Murilo Alvarenga	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
12	Serenata	Xavantinho e Mário Campanha	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo
13	Vida no Campo	Juraildes da Cruz	Pena B. e Xavantinho	Sertanejo

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 11

Pena Branca e Xavantinho – MPB – 1980-1999						
Faixa	Música	Compositores	Disco	Interpretes	Gravadora	Ano
1	Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
2	Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho/ Milton Nascimento	Continental	1987
3	Noites do Sertão	Milton Nascimetno e Tavinho Moura	Cantadô de Munado Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
4	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena, Xavantinho e Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Kuarup	1992
5	Canto do povo de um Lugar	Caetano Veloso	Pena, Xavantinho e Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Kuarup	1992
6	Ituverava	Ivan Lins e Vitor Martins	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
7	O Ciúme	Caetano Veloso	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
8	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pena e Xavantinho, Milton Nascimento	Som da Terra	Continental	1994
9	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho/ Milton Nascimento	Continental	1994
10	Estrelada	Milton Nascimento e Márcio Borges	Ribeirão Encheu,	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
11	No dia em que eu vim embora	Gilberto Gil e Veloso	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
12	O Cio da Terra	Milton Nascimento e Chico Buarque	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
13	Morro Velho	Milton Nascimento	Pena e Xavantinho /Nascimento	Coração Matuto	Paradoxx	1998

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 12

Pena Branca e Xavantinho – Folclórica - 1980-1999						
Faixa	Música	Compositores	Disco	Interpretes	Gravadora	Ano
1	Calix Bento	Tavinho Moura	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
2	Cuitelinho	Wagner Tisso	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
3	Gente que Vem de Lisboa e Peixinho do Mar	Fernando Brant e Tavinho Moura	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
4	Cantiga - Caicó - Folclórico	Lobos - Teca Calazans	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
5	Penas do Tiê	Raimundo Fagner	Canto Violeiro	Pena B., Xavantinho e Fagner	Continental	1988
6	Cálix Bento	Folclore	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
7	Mazaroppi	Jean Garfunkel e Paulo Garfunkel	Cantadô de Munado Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
8	Felicidade	Lupicinio Rodrigues	Cantadô de Munado Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
9	Cuitelinho	Paulo Vanzolini e Antônio Xandô	Pena, Xavantinho e Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Kuarup	1992
10	Gente que vem de Lisboa/Peixinho do mar	Tavinho Moura e Fernando Brandt	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
11	Calix Bento	Tavinho Moura	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
12	Viola Quebrada	Mario de Andrade	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
13	Uirapuru	Jacobina e Murilo Latini	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinhos	Velas	1993
14	Santos Reis	Ely Camargo	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
15	Beira-Mar	Frei Chico	Violas e	Pena B. e	Velas	1993

			Canções	Xavantinho		
16	Cuitelinho	Paulo Vanzolli e Antonio Xandó	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
17	Vaca Estrela e Boi Fubá	Patativa do Assaré	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
18	Penas do Tiê	Raimundo Fagner	Som da Terra	Pena B., Xavantinho e Fagner	Continental	1994
19	Fábulas de Carreiro	Moniz	Som da Terra	Pena B., Xavantinho e Fagner	Continental	1994
20	Cantiga das Rosas	Moniz	Ribeirão Encheu	Pena B., Xavantinho	Velas	1995
21	Penas do Tiê	Raimundo Fagner	Canto Violeiro	Pena B., Xavantinho	Continental	1988
22	Cálix Bento	Folclore	Canto Violeiro	Pena B., Xavantinho	Continental	1988

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 13

Pena Branca e Xavantinho – Composições de Xavantinho 1980 - 1999						
Faixa	Música	Compositores	Disco	Interpretes	Gravadora	Ano
1	Velha Morada	Mestre Rezende e Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
2	Frango Assado	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
3	A mãe do Reção	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
4	Saudades	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
5	Visite o Sertão	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
6	Valente Caminhoneiro	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
7	Brasil Rural	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
8	Pra que chorar	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980

				ho		
9	Que terreiro é esse	Xavantinho	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
10	Procissão de Gado	José Caetano, Xavantinho e Tião do Carro	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
11	Canção à Morena da Praia	Xavantinho, Moacyr dos Santos e Tião do Carro	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
12	E a mata Gemeu	Maria Chiquinha e Xavantinho	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
13	Tirando aço do chão	Xavantinho, Moacyr dos Santos e Martins Neto	Pena B. e Xavantinho	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
14	Encontro de Bandeiras	Xavantinho e Tavinho Moura	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
15	Perguntas	Xavantinho e João Carvalho	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
16	O aboitador	Xavantinho	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
17	Maria Louca	Xavantinho	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
18	O Grande Sertão	Xavantinho	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
19	Zé Granfino	Xavantinho	Canto Violeiro	Pena e Xavantinho	Continental	1988
20	Restinga	Xavantinho	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
21	Mulheres da Terra	Xavantinho e Moniz	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
22	Cantiga do Arco-Íris	Xavantinho e Moniz	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
23	Casa de Barro	Xavantinho	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
24	Lamento da Natureza	Wilson Roncatti e Xavantinho	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
25	Rancho Triste	Xavantinho	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
26	Queimadas	Xavantinho	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993

				ho		
27	Sertão e Viola	Xavantinho	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
28	Encontro de Bandeiras	Xavantinho e Tavinho Moura	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
29	O Grande Sertão	Xavantinho	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
30	Cantigas de Arco Íris	Xavantinho e Moniz	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
31	Casa de barro	Xavantinho e Claudio Balestro	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
32	Oração do Camponês	Xavantinho	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
33	Velho Catireiro	Pena B. e Xavantinho	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
34	Trem das Gerais	Xavantinho	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
35	Farra de Peão	Xavantinho, Almir Sater e Teixeira	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
36	Estrada	Xavantinho	Coração Matuto	Pena B. e Xavantinho	Paradoxx	1998
37	Cravos de Primavera	Xavantinho e Muniz	Coração Matuto	Pena B. e Xavantinho	Paradoxx	1998
38	Carreiro Velho	Xavantinho	Coração Matuto	Pena B. e Xavantinho	Paradoxx	1998
39	Serenata	Xavantinho e Mário Campanha	Coração Matuto	Pena B. e Xavantinho	Paradoxx	1998

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado

Anexo 14

Pena Branca e Xavantinho – Sertanejos – 1980-1999						
Faixa	Música	Compositores	Disco	Interpretes	Gravadora	Ano
1	Terno da Estrela Guia	Ellwanger e Luiz Coronel	Velha Morada	Pena B. e Xavantinho	WEA	1980
2	Memória de Carreiro	Jurildes da Cruz	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
3	Sem Meu Adeus	Wilson Rocantti	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
4	O Balão Subiu	Laureano	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
5	Bate na Viola	Athos Campos	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
6	Cai Sereno	Conde e Elpidio dos Santos	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
7	Roda Mundo	Moniz	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
8	Marvada Pinga	Laureano	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
9	Saracurinha Três Pontas	Téo Azevedo e Cândido Canela	Uma Dupla Brasileira	Pena B. e Xavantinho	RGE	1982
10	Canoa do Rio	Renato Teixeira	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
11	Moda e Viola	Moniz	Cio da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1987
12	Fábulas de Carreiro	Moniz	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
13	Não Mande a Geada não	Maria do Céu	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
14	Os frutos dourados do Sol	Renato Teixeira e Luiz Coronel	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
15	Vento Violeiro	Carlos César	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
16	Trote Magoado	Murilo Antunes	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
17	Samba de Roda	Geraldo Meirelles e Athos Campos	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
18	EU, a Viola e Deus	Rolandro Boldrin	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
19	Amor de Violeiro	Rolandro Boldrin	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
20	Lua Santa	Moniz	Cantadô de	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990

			Mundo Afora			
21	60 Léguas num dia	Seu Chico Alves e Renato Teixeira	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
22	Quebra de Milho	Manoelito e Tom Andrade	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
23	Chua Chua	Ary Pavão e Pedro Pereira	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
24	Vida Afora	Murilo Antunes	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
25	Menina	Paulinho Nogueira	Cantadô de Mundo Afora	Pena B. e Xavantinho	Continental	1990
26	Amanheceu, Peguei a Viola	Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
27	Chalana	Mario Zan e Arlindo Pinto	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
28	Rio das Lágrimas	Carreiro e Lourival Santos	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
29	Raízes	Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
30	Romaria	Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
31	Vinde, Vida Marvada	Rolando Boldrin	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
32	O Violeiro Toca	Almir Sater e Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
33	Meu Veneno	Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
34	Amora	Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
35	Tocando em Frente	Almir Sater e Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
36	Quebra de Milho	Tom Andrade e Manuelito	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
37	Chua Chua	Pedro Sá Pereira e Ary Pavão	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
38	Rapaz Caipira	Renato Teixeira	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
39	De Papo pro á	Joubert de Carvalho e Olegário Mariano	Ao vivo em Tatuí	Pena, Xavantinho e Teixeira	Kuarup	1992
40	Arruda com Alecrim	Moniz	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
41	Alma de gato	Tavinho Moura e Murilo Antunes	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho, Ná Ozzetti	Velas	1993
42	Viola Marvada	Renato Teixeira	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
43	Triste Berrante	Adauto Santos	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
44	Menina Bonita	Wilson Frade	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
45	A Estrada do Sertão	João Pernambucano e Herminio de Carvalho	Violas e Canções	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993
46	Lavoura e	Joel Marques	Violas e	Pena B. e Xavantinho	Velas	1993

	Sonhos		Canções			
47	Calix Bento	Tavinho Moura	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
48	Vento Violeiro	José Fortuna e Carlos César	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
49	Samba de Roda	Athos Campos e Geraldo Meireles	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
50	Eu, a Viola e Deus	Rolando Boldrin	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
51	Amor de Violeiro	Rolando Boldrin	Som da Terra	Pena B. e Xavantinho	Continental	1994
52	Ribeirão Encheu	Tavinho Moura	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
53	Sodade meu bem Sodade	Zé do Norte	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
54	Fiquem com Deus	Dominguinhos e Oliveira	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
55	Congo	Tadeu Franco e Marco Matins	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
56	A Mulher e o Mar	Maranhão e Paulo Pinheiro	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
57	Chaleira do alto da poeira	Tavinho Moura e Brandt	Ribeirão Encheu	Pena e Xavantinho /Tavinho Moura	Velas	1995
58	Luar do Sertão	Catulo da Paixão Cearense	Ribeirão Encheu	Pena B. e Xavantinho	Velas	1995
59	A vida do Viajante	Luiz Gongaza e Hervê Cordovil	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
60	Flor do Cafezal	Luiz Carlos Paraná	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
61	A Saudade Mata a Gente	João de Barro e Antônio de Almeida	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
62	Chalana	Mário Zan e Arlindo Pinto	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
63	Poeira	Luiz Bonan e Seradim Gornes	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
64	Pingo da Água	Raul Torres e João Pacifico	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
65	De papo pro Ar	Joubert Carvalho e Olegário Mariano	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
66	Romaria	Renato Teixeira	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
67	Tristeza do Jeca	Angelino de Oliveira	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
68	Baião da Serra Grande	Palmeira e Fred Willians	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
69	O trem tá feio	Tavinho Moura e Murilo Antunes	Pingo da Água	Pena B. e Xavantinho	Velas	1996
70	Fábulas de Carreiro	Moniz	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
71	Não Mande a Geada não	Maria do Céu	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
72	Os frutos dourados do Sol	Renato Teixeira e Luiz Coronel	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
73	Vento Violeiro	Carlos César	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988

74	Trote Magoado	Murilo Antunes	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
75	Samba de Roda	Geraldo Meirelles e Athos Campos	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988
76	EU, a Viola e Deus	Rolandro Boldrin	Canto Violeiro	Pena B. e Xavantinho	Continental	1988

Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Machado